

UNIVERSIDADE DE LISBOA



**A Guerra dos Sete Anos:
Um estudo de caso aplicado ao 11º ano**

Pedro Miguel Boto Ferreira Pinto

Mestrado em Ensino de História

Relatório de Prática do Ensino Supervisionada
orientado pelo Professor Doutor João Cuvaneiro

ÍNDICE

PARTE 1

Estágio Profissional

1.1. Introdução.....	página 6
1.2. Sumário da atividade realizada no âmbito letivo.....	página 7
1.3. Descrição da escola.....	página 10
1.3.1. As turmas.....	página 12
1.4. Metodologia teórico-prática utilizada.....	página 15
1.4.1. A aplicação do modelo pedagógico social de John Dewey.....	página 17
1.4.2. A aplicação do modelo pedagógico relacional de Carl Rogers.....	página 20
1.4.3. O uso das tecnologias no domínio letivo.....	página 25
1.4.4. A Integração dos métodos objetivistas e construtivistas.....	página 28

PARTE 2

A Guerra dos Sete Anos: Um Conflito Global.

2.1. Introdução à Guerra dos Sete Anos (1756-1763).....	página 32
2.2. A antecâmara do conflito. Contextualização histórica.....	página 35
2.3. Os Estados beligerantes: recursos e estratégias.....	página 41
2.3.1. Reino Unido.....	página 41
2.3.2. Prússia.....	página 44
2.3.3. Portugal.....	página 46
2.3.4. França.....	página 48
2.3.5. Áustria.....	página 51
2.3.6. Rússia.....	página 53

2.3.7. Espanha.....	página 55
2.4. O desenrolar do conflito nos diferentes espaços operacionais.	
2.4.1. Europa.....	página 57
2.4.1.1. Praga e Kolin.....	página 57
2.4.1.2. Hannover.....	página 60
2.4.1.3. Rossbach e Leuthen.....	página 61
2.4.1.4. Zondorf e Kunesdorf.....	página 65
2.4.1.5. Minden.....	página 68
2.4.1.6. O “Milagre da Casa de Brandeburgo”.....	página 73
2.4.1.7. Frente Marítima.....	página 75
2.4.1.8. A “Guerra Fantástica”.....	página 78
2.4.2. Os domínios coloniais.....	página 85
2.4.2.1. A Guerra Franco-Índia.....	página 85
2.4.2.2. Senegal, Caraíbas, América do Sul e Filipinas.....	página 95
2.4.2.3. Índia.....	página 100
2.5. Considerações Finais.....	página 103

PARTE 3

3. Descrição das aulas lecionadas.

3.1. Primeira aula.....	página 105
3.2. Segunda aula.....	página 120
3.3. Terceira aula.....	página 140
3.4. Quarta aula.....	página 159
3.5. Quinta aula.....	página 178
4. Considerações finais.....	página 205
Anexos.....	página 208
Índice de Ilustrações/Imagens.....	página 217
Bibliografia.....	página 222

AGRADECIMENTOS

Para a realização do curso de Mestrado em Ensino da História no contexto do qual se inclui o presente trabalho contribuíram muitas pessoas pelas quais sinto profunda gratidão. A profissionalização representa o cumprimento de um sonho que nutro desde os seis anos de idade: a possibilidade de me integrar em sociedade exercendo o ofício de historiador para um benefício conjunto. Num percurso de mais de três décadas em que fui confrontado, amiúde, com obstáculos de diferente natureza mas sobretudo decorrentes da difícil empregabilidade na área de Letras, é impossível agradecer a todas as pessoas que me ampararam e incentivaram a manter o rumo ou encontrar diferente via para atingir o objetivo almejado. Destacaria, assim, as que se envolveram mais na realização deste curso específico esperando que, pelos anos sucedâneos, possa ser merecedor, pelo trabalho docente prestado, de quem acreditou na possibilidade de o realizar com provento:

- À minha família, sempre presente no pensamento.
- À querida Mónica Mendes que antecipou a realização de tudo o que me parecia impossível antes de a conhecer.
- Aos docentes da Faculdade de Letras, em particular os professores Miguel Monteiro e João Couvaneiro, pela aprendizagem do ofício docente, compreensão nas dificuldades, transmissão de confiança nas dúvidas, valorização humana e rumo para a integração social.
- À professora Amélia Vasconcelos, pelo conselho no momento mais difícil do trajeto e apoio na preparação e decurso das aulas.
- Aos meus colegas de curso, pela camaradagem e amizade que transformaram o curso que empreendemos em conjunto num desfrute de sociabilização.
- Aos alunos que tive a honra de ensinar para com eles aprender muito mais. O fascínio que vi exteriorizado pela História consistiu no afiançar de que a minha vida devotada à disciplina fez sentido.
- Aos amigos que me deram a dávida mais preciosa do mundo que consiste na empatia para com o nosso próximo.

PARTE 1

Estágio Profissional

1.1. Introdução.

Realizado com a preciosa orientação do estimado professor João Couvaneiro, o presente relatório profissionalizante sintetiza algumas das principais tarefas desempenhadas pelo aluno em formação para a docência no decurso do mestrado em ensino de História, frequentado nos anos letivos de 2017/2019. Compreende, também, o desenvolvimento de um tema abordado durante as aulas lecionadas no estágio realizado na Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho, intitulado: *A Guerra dos Sete Anos: Um estudo de caso aplicado ao 11º ano*.

A estrutura deste trabalho encontra-se subdividida em três partes distintas, seguindo um modelo convencionado. A primeira pormenoriza a atividade na escola onde estagiámos, salientando o relacionamento com a professora cooperante, Maria Amélia Vasconcelos, e a interação com os alunos na aplicação prática dos modelos pedagógicos escolhidos.

A segunda parte do relatório destina-se à abordagem do tema enunciado com o propósito de contribuir, através da sua divulgação, para enriquecer a base científica do ensino da História, visando uma potencial aplicação em contexto educativo do conteúdo escrito e imagens integradas. A escolha do tema decorre de variados elementos ponderados, entre os quais se ressalva o gosto pessoal do mestrando conjugado com o interesse manifesto dos alunos no decurso do ano letivo. A complexidade do conflito requer um bom domínio dos conteúdos por parte do docente de forma a facilitar uma propícia explanação didática, objetivo central na elaboração de um trabalho destinado ao usufruto prático em contexto de sala de aula.

A importância do tema abordado coadjuva à existência de uma profusa bibliografia de especialidade, sólida base sustentacular para a elaboração do trabalho profissionalizante em todas as suas linhas de abordagem. A grande dificuldade consistiu em enquadrar os eventos decorridos nos diferentes teatros de guerra numa leitura de conjunto. Para esse efeito, a evolução cronológica foi definida como matriz comum num enfoque sequente de diferentes espaços operacionais. O objetivo de clarificar o fenómeno em estudo para um emprego letivo sobrepôs-se, por princípio, a um investimento na problemática escolástica.

Por fim, na terceira parte do trabalho, descrevem-se as aulas que tivemos oportunidade de lecionar no decurso do terceiro semestre letivo, com particular importância a ser atribuída à estima da aprendizagem significativa por parte dos alunos.

1.2. Sumário da atividade realizada no âmbito letivo.

Escola Secundária Maria Amélia Vaz de Carvalho



Maria Amélia Vaz de Carvalho (1847-1921), fig. 1



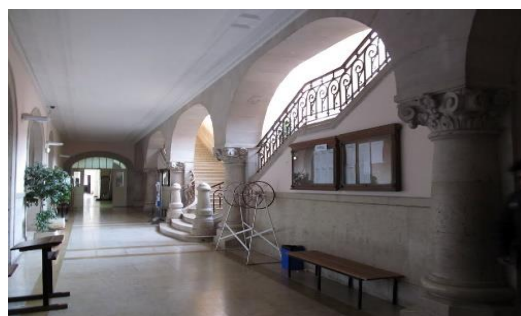
Fachada dianteira da Escola, fig. 2



Vista panorâmica da Escola, fig. 3



Terceiro Piso da Escola, fig. 4



Piso Térreo da Escola, fig. 5

O presente capítulo tem por objetivo ressaltar alguns dos elementos mais relevantes na consolidação da aprendizagem à atividade docente empreendida pelo mestrado sob a orientação da professora Maria Amélia Vasconcelos. A componente letiva da disciplina de Introdução à Prática Profissional II foi realizada durante o primeiro semestre do segundo ano do curso de Mestrado em Ensino de História na escola Maria Amália Vaz de Carvalho, entre os meses de setembro de 2018 e janeiro de 2019.

No âmbito da escola para onde fomos destacados, o apoio da professora Maria Amélia Vasconcelos, profissional de grande experiência e mérito, caracterizou-se pelo respeito mútuo e compreensão das circunstâncias específicas na realização do nosso curso, nomeadamente, as exigências profissionais. A professora cooperante distinguiu-se pelo cuidado na organização das tarefas a desempenhar, incentivo às boas práticas e identificação muito objetiva e pertinente de aspetos selectos a merecerem um ajustamento. A assertividade que assiduamente manifestou no decurso dos atos letivos que tivemos oportunidade de presenciar tem, por contrapartida, uma preocupação maternal pelos seus alunos e instruendos, combinando rigor e exigência de desempenho com profunda humanidade e empatia. O extensivo conhecimento que possui sobre o modo de pensar e comportar dos seus alunos refletiu-se na tipologia das questões que lhes colocava durante as aulas a que tivemos oportunidade de assistir, assim como no solicitar de disciplina e referências comportamentais.

Em todas as reuniões realizadas no decurso do estágio, a professora referenciou que o nosso conhecimento dos conteúdos científicos adstritos ao ato docente não lhe merecia nenhum reparo, constituindo a extensa formação académica uma mais valia nesse domínio. O âmbito a concentrar o nosso esforço constituiu, por conseguinte, o abrangido pela pedagogia, à cabeça dos quais se situava o hiato de tempo entre a experiência como aluno que tivemos no ensino secundário numa escola de ensino público na periferia da cidade de Loures com a realidade hodierna da escola de grande tradição e história própria que consiste o antigo liceu feminino Maria Amália Vaz de Carvalho.

Grande parte dos obstáculos envolvidos na aquisição de confiança para a oralidade e exposição pública haviam sido já ultrapassados no decurso da Iniciação à Prática Profissional I, de forma que, no semestre seguinte, sobretudo se intentou uma consolidação de capacidades e emprego de diferentes métodos, a par do corrigir de alguns defeitos congénitos como o uso de um discurso excessivamente célere e

expressões de difícil compreensão para adolescentes. A professora Amélia Vasconcelos alertou, o mestrando, para a dificuldade que o seu vocabulário poderia constituir para a docência ao terceiro ciclo, motivo porque nos empenhámos em compatibilizar a iniciação didática no ensino secundário com uma oportunidade de trabalho a tempo certo no Colégio Pedro Arrupe, atividade exercida em regime extracurricular, mas importante para o preenchimento dos requisitos da profissionalização em todo o espectro letivo abrangido pelo mestrado.

Tendo sido superado os obstáculos naturais das primeiras exposições públicas, existiu um disfrute e uma sensação de grande realização pessoal pela possibilidade de aplicar, no momento, capacidades adquiridas e conhecimentos retidos em memória desde há anos. Nas reuniões realizadas após as aulas houve uma satisfação compartilhada entre o mestrado e a professora Maria Amélia Vasconcelos. As sugestões e correções dadas pela docente incidiram, sobretudo, nos aspetos pedagógicos e técnicos de utilização dos meios visuais. O planeamento e domínio científico dos conteúdos foram os pontos fortes das aulas dadas.

Dando continuidade ao trabalho desenvolvido durante o ano precedente, o mestrando lecionou as aulas planeadas com a professora cooperante e apoio da colega de curso, Cristina Nunes. A boa integração no espaço de funcionamento da escola secundária e experiência docente entretanto adquirida facultou, à prática letiva, maior eficiência em relação ao ano transato combinada com grande disfrute pessoal. O mestrando teve a oportunidade de lecionar um conjunto de cinco aulas a duas turmas, uma do 11º e outra do 12º ano de escolaridade. A escolha por uma diversidade de conteúdos programáticos foi aconselhada pela professora cooperante com o objetivo de providenciar uma maior capacidade de adaptação a diferentes contextos letivos e faixas etárias. Nas páginas seguintes iremos sumarizar a forma como cada aula foi preparada e ministrada, discriminando os conteúdos, estratégias utilizadas e apreciação naturalista do ato docente por parte do formando, orientadora e alunos.

1.3. O espaço e população escolar.

A Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho é uma das mais prestigiadas instituições de ensino de Lisboa, tendo sido, durante décadas, sinónimo de qualidade na educação. As suas instalações originais foram construídas em 1885, no Largo do Contador-Mor, com a denominação de Escola Maria Pia. No ano de 1906, por decreto do rei D. Carlos I, tornou-se o primeiro liceu feminino em Portugal. O aumento da população escolar determinou uma primeira deslocação, em 1911, para o edifício de Valadares, no Largo do Carmo. A partir do ano de 1933, a instituição escolar assumiu a sua definitiva estância na Rua Rodrigo da Fonseca, tendo sido renomeada de Liceu Feminino Maria Amália Vaz de Carvalho. No seguimento da implantação da democracia em 1974, passou a dispor de um quadro dirigente e discente misto e a designar-se por Escola Secundária em detrimento de Liceu.

A Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho compreende um edifício contínuo de ampla dimensão conexo a um espaço ao ar livre dedicado às atividades desportivas. Integra uma área envolvente de matriz sobretudo residencial afeta à classe média/alta urbana. Situado a curta distância da rotunda do Marquês de Pombal, dispõe de boas acessibilidades rodoviárias e metropolitanas. Os espaços de lazer adstritos ao Parque Eduardo VII providenciam um agradável local para o relaxamento e convívio.

A instituição de acolhimento preserva uma forte tradição histórica e um *ethos* disciplinar que se mantém vigente, malgrado o instituir de uma política não-seletiva de aceitação de alunos. Apesar de provenientes de toda a área metropolitana de Lisboa, os jovens discentes são rapidamente integrados na cultura do espaço escolar, revelando um comportamento assaz ordeiro na sala de aula, combinado com são convívio nos corredores e exterior do edifício. Inseridos numa ambiência familiar e escolar de classe média urbana, os alunos da Escola Secundária apresentam-se com boa aparência no traje, saudáveis e tendo em sua posse tecnologia de comunicação.

A Escola Secundária parece gerida com grande competência e cuidado; o ambiente entre os professores na sala de convívio é muito agradável; os funcionários são prestáveis e afetuosos; as salas de aulas são espaçosas e equipadas com meios informáticos; a biblioteca assegura facilidade de acesso ao conhecimento e informação online. Em suma, o espaço letivo continua a merecer a reputação de escola de excelência, mesmo quando integrada num sistema de ensino público, revelando grande competência do quadro administrativo e docente ao longo do tempo.

Na nossa opinião, a utilização de recursos audiovisuais consistiu no melhor meio para motivar os alunos para a disciplina, tendo sido coletados e exibidos clips de vídeos segundo o duplo critério da riqueza ao nível da informação histórica e carácter lúdico: os resultados foram excelentes, com visível desfrute para os alunos e interesse em visionarem a integridade das películas de forma autónoma.

1.3.1. As turmas:

Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho, Lisboa.

Ano 2018/2019. Turma 11º

A turma do 11º ano que tivemos a oportunidade de lecionar é composta por vinte e cinco alunos, dos quais oito rapazes e dezassete raparigas, proporção que, segundo a professora Maria Amélia Vasconcelos, é usual na área de Humanidades. De acordo com a apreciação preliminar da docente cooperante na primeira ocasião em que tivemos a oportunidade de falar sobre as turmas a acompanhar neste semestre letivo, os alunos caracterizavam-se pelo elevado aproveitamento, bom comportamento e interesse. Essa mesma opinião foi por nós partilhada logo no decurso da assistência às aulas da professora e, sobretudo, na atitude participativa, bem-humorada e amável dos alunos nas duas aulas por nós lecionadas.

No início do primeiro ato letivo foi pedido, aos alunos, para se identificarem e mencionarem se já tinham alguma ideia definida sobre a área que iriam cursar na universidade. Nenhum mencionou que tencionava optar por História incidindo, a sua preferência, por Direito, circunstância que tornou mais apelativa a tarefa de os motivar pela disciplina lecionada. No decurso da abordagem ao tema selecionado: “Reforço das economias nacionais e tentativas de controlo do comércio”, no contexto do qual é de particular importância a capacidade de simplificar conceitos, a participação da turma foi um dos pontos a salientar, tendo esta estabelecido com o mestrando uma relação empática e amigável. Em particular o aluno Ricardo e a aluna Catarina manifestaram-se com intervenções muito inteligentes e argutas.

O interesse adquirido por História foi manifesto quando o Ricardo se dirigiu ao docente em formação no final da primeira aula e nos agradeceu pela qualidade desta. No término da segunda aula abordando temáticas do domínio militar com as táticas empregues por Frederico II, o Ricardo pediu informações sobre a possibilidade de estudar História na universidade, tendo, o mestrando, informado qual, do seu ponto de vista, a melhor via para, se possível, compatibilizar interesses culturais sobre História Militar com a necessária profissionalização para garantir uma saudável integração social.

Nas diversas ocasiões em que nos cruzámos nos corredores com os alunos do 11º foram trocados cumprimentos amistosos e apercebemo-nos do carinho que os alunos sentiam pelos mestrandos em formação. O aproveitamento da turma, em geral elevado,

confirmou o grau de interesse e aptidão. A observação naturalista que pudemos realizar reconheceu a compreensão dos conteúdos por parte dos alunos, salientando-se a História Militar como particularmente apelativa para um eventual ingresso no universo académico.

A turma do 12º ano a que lecionámos era constituída por trinta discentes, vinte e seis raparigas e quatro rapazes. A turma revelou, ao longo das três aulas lecionadas assim como na assistência às aulas da colega Cristina Nunes e da Professora Cooperante, um ótimo comportamento no que se refere aos aspetos disciplinares formais, mas alguma inibição no domínio da participação oral. Essa circunstância consistiu num contraste com a ambiência da turma do 11º ano onde o desejo de intervenção era mais espontâneo, sem necessidade de solicitação por parte dos docentes. Em contrapartida, a empatia entre alunos e o professor estagiário foi estabelecida desde a primeira aula e permaneceu até ao último ato letivo.

A primeira aula foi principiada com a apresentação e uma questão dirigida pelo formando sobre a decisão quanto ao futuro académico/profissional. Tal como na turma do 11º ano, nenhum aluno mencionou o desejo de cursar História. Definimos, como objetivo, despertar o interesse dos alunos pela disciplina e, eventualmente, encaminhar os que assim optassem para um curso com saída profissional recentemente solidificada, esclarecendo as possibilidades e dificuldades do percurso.

Podemo-nos aperceber de grande interesse, mesmo fascínio, por parte dos alunos sobre as questões associadas ao feminismo vintista, manifestando-se em particular durante a análise de excertos do filme *Titanic* (1997), documento cinematográfico ficcional de enorme riqueza ao nível das referências históricas.

A segunda aula lecionada, com temática focalizada no Relativismo como corrente de pensamento e interpretação da realidade associada à crise da sociedade burguesa, providenciou momentos de boa-disposição geral sobretudo nas alegorias com que discriminámos a aplicação eventual da psicossexualidade em casos históricos e figuras tradicionais.

O terceiro momento letivo ocorreu já após o término da componente curricular do estágio na universidade e contou com a assistência do professor Miguel Monteiro, coordenador do curso de mestrado em Ensino da História. O tema abordado consistiu na expansão dos movimentos fascistas pelo mundo e Segunda Guerra Mundial.

1.4. Metodologia teórico-prática utilizada.

No decurso do estágio realizado na Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho tivemos a oportunidade de aplicar na prática letiva algumas das metodologias didáticas cujo estudo integrou a frequência das disciplinas curriculares do mestrado em Ensino da História. De forma a atender às exigências curriculares do ensino secundário tanto ao nível das aprendizagens essenciais como do formato avaliativo, intentou-se o erigir do ser humano nos seus diversos domínios, nomeadamente, cognitivos, éticos e emocionais. Neste contexto, o discurso expositivo que predomina no domínio académico em que o mestrando se integrou por longo tempo foi aligeirado com a aplicação de princípios construtivistas que se focalizaram no desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos, consciência cidadã, reflexão intelectual, gosto por História e interesse pela cultura em geral.

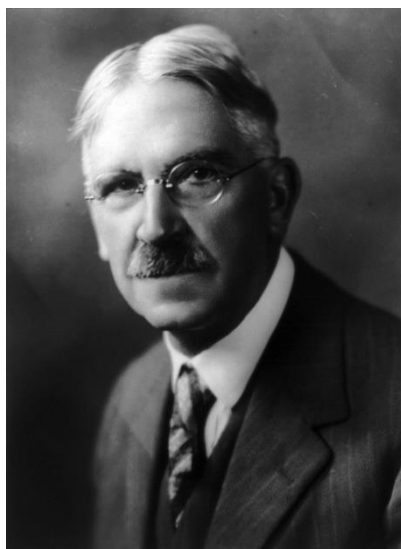
O resultado deste concerto entre a referência objetivista decorrente de anos de estudo em ambiente universitário com a didática construtivista maturada ao longo do curso de mestrado consistiu num método expositivo dialogante com incentivo contínuo à participação sobre os temas em abordagem. Favorecemos, para o efeito, o dinamismo na comunicação e empatia no relacionamento como valores soberanos para motivar os discentes a fascinarem-se por História e outros saberes. O planeamento prévio estruturante na organização contemplou a flexibilidade no seu aplicar através do uso de diferentes estratégias didáticas de acordo com a escolha oportuna entre uma variedade de recursos disponíveis.

Neste contexto teórico-prático, não se privilegiou nenhuma escola pedagógica em especial, antes caracterizando-se, as aulas ministradas, pelo intuito de articular de forma profícua elementos identificáveis como particularmente beneméritos nos ensinamentos de vários dos grandes autores com os quais nos fomos familiarizando ao longo do curso. John Dewey e Carl Rogers foram de particular inspiração no trabalho aplicado à prática letiva, motivo porque serão destacados entre os outros contributos que, de forma mais sumária, aludiremos.

Como elemento transversal ao trabalho desenvolvido na prática profissional incorporámos os paradigmas dos métodos pedagógicos centrados no interesse soberano do aluno que, tendo as suas raízes no modelo educativo helénico, se incorporaram, durante o século XX, no definir dos direitos de cidadania no âmbito de regimes democráticos. Independentemente das variedades de métodos empregues no decurso do ato letivo, este caracterizou-se pela importância atribuída à criatividade,

espírito crítico, assertividade, tolerância e acolhimento das diferenças de opinião e personalidades. No seu conjunto, os valores promovidos no decurso do estágio profissional representam o intencionado contributo para a mudança de mentalidades operada ao longo das últimas décadas, consonantes com a maturação dos princípios da democracia no domínio escolar mediante o primado do respeito mútuo na relação professor-aluno. Contrapõem-se, na sua essência, à forja institucionalizada do aluno ao carácter conformista do ensino e atitude de obediência à autoridade do professor, fermento pedagógico de uma cultura de subserviência do indivíduo perante os valores do grupo social.

1.4.1. A aplicação do modelo pedagógico social de John Dewey.



John Dewey (1859-1952), fig. 6

Uma das principais referências teóricas para o supracitado propósito de construção do ser humano como uma entidade autónoma e sagaz consistiu John Dewey, um dos pioneiros da denominada Escola Nova, autor que pugnou pela mudança no método pedagógico de ensino que atribuíra a emanação do saber ao instrutor e o estatuto de passividade ao aprendiz¹. Apesar de não ter fundado uma verdadeira escola, a pedagogia instrumentalista de Dewey está incorporada no modelo de ensino hodierno e a atribuição de valor mediante préstimos efetivos é um dos apelos, mesmo exigência, mais frequentemente dirigidos à classe docente.

Contrariando os modelos construtivistas de Jean Piaget e relacionais de Carl Rogers que conferem uma importância secundária ao processo avaliativo, Dewey incutiu, na forja dos seus instruendos, o objetivo pragmático de os incluir num domínio profissional mormente caracterizado pela competição². Definiu, assim, como prioritária a formação de cidadãos dotados com a capacidade para usar o seu conhecimento para influenciar a sociedade e, através disso, obter dela o estatuto devido ao seu mérito³.

Tendo assumido como objetivo principal da sua existência contribuir para um modelo social mais justo do que aquele que sentenciou a geração a que pertence a condições de vida muito abaixo das que definem a classe média, o formando principiou o contato com cada turma que teve a honra de orientar com a notícia de que o mestrado

¹ DEWEY, John – *The School and the Society*, University of Chicago Press, 1899.

² DEWEY, John – *My Pedagogic Creed*, E.L. Kellogg & Company, Nova Iorque, 1897.

³ Ibidem.

em Ensino de História se encontra solvente no acesso ao mundo do trabalho. Foram explicitados os passos a serem dados para os que pretendam ser professores desta disciplina, reputada de difícil empregabilidade. A abordagem a temáticas curriculares de matriz económica foi, em particular, acompanhada com referências assíduas às raízes, ressonâncias e similitudes que encontramos nos sistemas passados com as relações laborais dos nossos dias, desta forma preparando os alunos para um universo que ainda lhes é desconhecido a nível empírico.

Para o propósito de aplicação prática em ambiência social dos conhecimentos e experiências transmitidos no contexto da sala de aula, o mestrando empenhou-se em descrever o funcionamento institucional da universidade que já frequenta há bastante tempo, assim como dos sectores laborais que teve a oportunidade de conhecer. Conferir, à ação docente, um enfoque na defesa do interesse do aluno em todos os domínios da sua vida, teve conexão natural com a tarefa atribuída ao ensino pela pedagogia de John Dewey de modificar os códigos sociais em vez de assegurar a sua manutenção mediante o doutrinar das novas gerações na cultura social dominante⁴.

A mudança das mentalidades e consolidação da democracia na vida do quotidiano são concomitantes com a influência das vanguardas intelectuais⁵. O aluno é uma força motriz com capacidade para operar uma rutura dos convencionalismos ao invés de preservar o instituído⁶. A excelência do sistema educativo não é, assim, preterida, mas adaptada ao objetivo prático de formatação de elites vocacionadas para o progresso e inovação, metas hoje consagradas na teoria educativa.

Nesse sentido, o objetivismo não é rejeitado⁷, mas integrado numa dialética instrumentalista que pretende, mediante um sistema simbiótico e mutuamente respeitador de interação pedagógica, beneficiar todos os envolvidos na procura do saber⁸. Parte fundamental do trabalho docente consiste, assim, em cultivar o gosto pela cultura entre os seus alunos, prestigiando a sua profissão mediante o abrir de mentes e gostos por um mundo transcendendo o materialismo existencialista.

Na relação pedagógica de John Dewey adotada como matricial nas aulas ministradas na iniciação à prática profissional, pretende-se que o docente propicie, aos

⁴ DEWEY, John – *The Democracy of Education*, Macmillan, Nova Iorque, 1916.

⁵ WESTBROOK, Robert B. – “John Dewey and American Democracy”, in *The American Historical Review*, Vol. 97, Nº 3, Oxford University Press, 1992, p. 919-20.

⁶ Ibidem.

⁷ DEWEY, John – *The Child and the Curriculum*, University of Chicago Press, 1902.

⁸ Ibidem.

alunos, o deleite de uma descoberta empreendida com espírito crítico e abertura a diferentes pontos de vista. Por sua vez, o conhecimento não deve ficar armazenado no espaço de ensino, mas ser divulgado pelo todo social de forma a catalisar uma influência positiva sobretudo no sentido da democratização do modo de funcionamento do coletivo⁹. Nesta dialética, a sociedade agraciaria quem a modificou com benefício através da difusão do saber com um lugar de relevo, estatuto e boas condições de vida na sua composição orgânica.

⁹ DEWEY, John – *My Pedagogic Creed*, E.L. Kellogg & Company, Nova Iorque, 1897.

1.4.2. A aplicação do modelo pedagógico relacional de Carl Rogers.



Carl Rogers (1902-1987), fig. 7

Em conjunto com a valorização do aluno no domínio social, o mestrando definiu como prioritário estabelecer um relacionamento empático entre as partes integrando o processo educativo. Esse afeto não se limitou a um trato respeitoso, mas incluiu, também, o uso do humor como providência para o bem-estar geral. Envolver, divertir, desafiar, mobilizar, fascinar os alunos, constituiu um paradigma nas aulas que foram ministradas, com bons resultados percebidos. Para complementar a formação de jovens para o meio social através do incremento do seu conhecimento e capacidade cognitiva, a criação de um ambiente acolhedor a nível emocional compreende um aspeto nuclear da aproximação favorecida. Para esse efeito, a pedagogia relacional de Carl Rogers foi de suma importância como norteadora para o trabalho desenvolvido.

Carl Rogers é reconhecido como o expoente da aproximação humanista da psicologia, centrada num relacionamento empático entre terapeuta e paciente¹⁰. A aplicação destes princípios num modelo educativo centrado no aluno acentua a importância de o ensino providenciar condições para garantir o desenvolvimento da criatividade e uma aprendizagem personalizada¹¹. O objetivo didático é, assim, o

¹⁰ AAVV – *Dicionário de pedagogia*, Henri Cormary (Dir.), Verbo, Lisboa, 1980, p. 380-381.

¹¹ *Ibidem*.

mesmo da psicoterapia: uma pessoa na plenitude das suas capacidades de funcionamento¹².

Segundo Carl Rogers, a funcionalidade de um indivíduo resulta da dialética entre o seu sistema de avaliação pessoal e o relacionamento estabelecido com o meio social subordinando-se, o domínio cognitivo e psicomotor, à componente afetiva¹³. Se a pessoa não tiver uma imagem positiva de si própria irá tender a projetar essa referência para outrem percecionando, com angústia, as interações humanas. Essa vulnerabilidade traduz-se por bloqueios psíquicos cuja escala pode atingir a recusa da exposição social, perpetuando o efeito da experiência traumática¹⁴.

O método terapêutico rogeriano¹⁵ baseia-se em restaurar, no cliente, a aceitação de si mesmo de forma a promover o seu sentimento de valor interno com consequente ressonância nas suas interações sociais. O princípio da terapia relacional consiste em auxiliar o sujeito a desenvolver as suas capacidades humanas mediante o desenvolvimento de um sistema de auto-regulação assente no amor-próprio, na autenticidade no processo de sociabilização, na dessomatização de juízos externos perniciosos ao seu bem-estar¹⁶. Para este efeito, o terapeuta empenha-se em favorecer a transferência e contra-transferência com base na genuína empatia como técnica de reabilitação da auto-imagem numa aproximação centrada no cliente¹⁷.

O grande benefício do método rogeriano em ambiente terapêutico suscitou a expectativa da sua aplicabilidade em ambiente letivo, apesar das substanciais diferenças entre um interagir personalizado e a aprendizagem em grupo. O humanismo relacional estendeu-se, assim, do estrito âmbito da psicoterapia para a pedagogia, reunindo-se às novidades introduzidas por John Dewey na denominada Escola Nova.

Este modelo de aprendizagem estatui, como componente matricial, o reforço da autoconfiança e sentimento de realização pessoal: de forma que o conhecimento seja percecionado e assimilado pelo discente, é necessário enfrentar a resistência à novidade, nomeadamente, o medo da vergonha e do ridículo. Ao adotar uma atitude de entrega

¹² ROGERS, Carl - *Client-Centered Therapy: Its Current Practice, Implications and Theory*. Constable, Londres, 1951.

¹³ MOREIRA, M. – *Teorias de Aprendizagem*, Diversos, São Paulo, 1999, p. 139-140.

¹⁴ AAVV – *Dicionário de pedagogia*, Henri Cormary (Dir.), Verbo, Lisboa, 1980, p. 380-381.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

com serenidade, o aluno principia o caminho do crescimento pessoal através da experimentação¹⁸.

Segundo Carl Rogers, o ensino maximiza a sua significância quando os estudantes escolhem os seus próprios objetivos e direções do seu atingir, formulando métodos personalizados e descobrindo quais os recursos de que dispõem e irão adquirir. O desejo de aprender é determinado pela vontade da própria pessoa, não um elemento imposto por uma autoridade¹⁹. A autonomia é facilitada quando a crítica é interna e a avaliação de outrem assume importância secundária²⁰. A liberdade é essencial para o desenvolvimento de um espírito criativo porque o assumir de riscos e aceitar do erro como natural, consistem em elementos inerentes ao próprio processo de aprendizagem.

A pedagogia relacional rogeriana concebe a instrução como o resultado da abertura a novas experiências num processo flexível e contínuo. O bom aluno é, desta forma, aquele que desenvolve confiança na capacidade para aprender com base na adaptação perante as condições mutáveis do meio. A natural propensão do ser humano para progredir deve ser nutrida com um desejo de descoberta, de experimentar novas emoções, de fruir com o momento. O sacrifício envolvido no ensino é, neste sentido, mais do que compensado pelos ganhos e satisfações advindos com o desenvolvimento de potencialidades.

O estabelecer de uma conexão empática com o aluno conjugada com a atribuição de um estatuto de autonomia num interagir horizontal com o professor compreendem alguns dos princípios da psicologia educacional de Carl Rogers²¹. O talento pedagógico de um formador consiste em entrar no mundo conceptual do educando com uma atitude compreensiva e dedicada. Tal como um psicólogo numa interação com o cliente, o professor deve saber colocar-se no lugar do aluno através do desenvolvimento de uma consciência sensível à percepção de outrem. Em função desta capacidade de aliança cognitiva e empática, o pedagogo humanista promove uma ambiência interativa assente na valorização pessoal.

O benefício da aproximação de Rogers reside, assim, na capacidade de um professor em facilitar, de forma não-diretiva, a aprendizagem significativa através do relaxamento das defesas em relação à sugestão externa. Quando as ameaças advindas do

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ MOREIRA, p. 140.

²⁰ Ibidem.

²¹ THORN, Brian ; SANDERS, Pete – *Carl Rogers*, Sage Publications, 3ª ed., 2012, p. 119-120.

meio são limitadas na percepção do aluno, o seu voluntarismo para a mudança mediante a coleta de adicional conhecimento e capacidades incrementa-se.

De acordo com os princípios humanistas de pedagogia, a resistência à aquisição de conhecimento é ocasionada, sobretudo, pela dificuldade em alterar a estrutura organizacional existente. A aprendizagem ocorre quando o aluno identifica a informação transmitida com os seus próprios objetivos pessoais.

O professor deve agir no sentido de potenciar a realização pessoal do aprendiz em todas as áreas, facultando-lhe liberdade para proceder às suas escolhas. Segundo a aproximação relacional de Carl Rogers, o ser humano é intrinsecamente benemérito e propenso à autorrealização²². Compete, ao professor-terapeuta, criar um ambiente de redução da ameaça, providenciando aceitação, compreensão e tolerância.

O pedagogo deve ter a capacidade de perceber o mundo interno do aluno, essencialmente autocentrado, como transmite essencial para o auxiliar a alterar, com benefício, a sua percepção, incorporando novos conhecimentos. A abordagem é, assim, focalizada na pessoa e na sua capacidade natural para aprender mediante o despertar da curiosidade.

A aprendizagem significativa assenta na eficiência do método de ensino em dirigir-se ao encontro das necessidades universais do ser humano, tais como: o seu sucesso pessoal, o desejo de autonomia, a conexão afetiva, o respeito por parte da sociedade, a aquisição de competências, o voluntarismo nas escolhas. A aproximação não-diretiva evita que o aluno desenvolva a percepção de que é coagido a fazer algo, fator de atrito para uma entrega motivada à execução da tarefa. Complementarmente, a confiança no professor aligeira o medo da sujeição à crítica, fomentando a criatividade e a espontaneidade²³.

A adoção do método pedagógico rogeriano na sua plenitude representa uma raridade no sistema de ensino, hoje, tal como no passado, ainda muito centrado na postura diretiva do professor, mesmo quando integrada numa interação dinâmica com os alunos²⁴. O próprio Carl Rogers pôde constatar, durante a sua experiência docente, que a passagem da iniciativa para os alunos podia resultar na sua inatividade ou mesmo

²² MOREIRA, p. 142-143.

²³ MOREIRA, p. 146-147.

²⁴ MOREIRA, p. 146.

irritação para com o professor, acusado de não ensinar a partir do seu saber especializado²⁵.

Ainda assim, a utilização de princípios de psicologia relacional em contexto letivo é perfeitamente válida resultando, por vezes, em laços de fraternidade, respeito e aprendizagem que conectam os alunos ao docente de forma perseverante. A questão essencial não consiste na dicotomia entre se é possível ou não aplicar os princípios rogerianos em contexto letivo, mas na intensidade adequada da sua incidência e complementaridade em relação a adicionais métodos²⁶.

O modelo pedagógico relacional de Carl Rogers adquire, em síntese, um efeito tátil quando empregue como componente de um método de ensino integrado, conciliando afeto com assertividade, tolerância com justiça. O elemento humanístico e o disfrute prazeroso de obtenção do saber não pode, por conseguinte, ser garantido a todo o momento, mas pode ser atingido em algumas ocasiões, com frequência, as que maior realização confere, aos agentes do ensino.

²⁵ MOREIRA, p. 148.

²⁶ MOREIRA, p. 149.

1.4.3. O uso das tecnologias no domínio letivo.

A assistência às aulas das disciplinas curriculares foi de grande importância para nos familiarizarmos com métodos que auxiliem a harmonizar o conhecimento científico com uma boa relação pedagógica, explanando alguns dos paradigmas construtivista referenciados, nomeadamente, por Jean Piaget, hoje aplicáveis com os meios logísticos, infraestruturais e tecnológicos disponíveis.

O século XX foi palco de uma mudança profunda na relação pedagógica entre professores e alunos com consequente reflexo nos recursos utilizados de exposição e transmissão de conhecimentos²⁷. Na transição para o novo milénio, a verdadeira inovação no domínio da metodologia do ensino consiste na utilização dos meios informáticos e de comunicação, acompanhando o ritmo vertiginoso com que são introduzidos nas vidas quotidianas e afetam o funcionamento do mundo em geral.

A partilha de valores de forma verdadeiramente universal deu origem à célebre expressão “aldeia global”, explicitando a forma como a informação sobre qualquer tema é acessível em toda a parte do mundo, facultando uma pesquisa ativa pelo próprio indivíduo. O efeito dos novos meios de comunicação, o uso da informática, o acesso à enciclopédia online, permitiu aceder às temáticas de todo o espaço e tempo a qualquer investigador, independentemente do seu local de trabalho.

O desenvolvimento da informação pelos meios de massa permitiu transformar o discente num agente ativo na procura do seu próprio saber, circunstância que confere, ao professor, a tarefa de cativar a sua curiosidade para um estudo autónomo sucedida pelo auxílio em integrar conhecimentos, com frequência dispersos, numa estruturação lógica. As potencialidades da informática e internet contribuem para dissociar o ensino de uma mera fixação de dados obtidos num ambiente formal escolar, catalisando a reflexão crítica por parte do aluno através de um acesso à informação potencialmente imediato e contínuo²⁸.

Se, por um lado, as matérias em ensino revelam uma apreciável continuidade nas últimas décadas, as características da população estudantil em Portugal e o papel atribuído ao professor no seu relacionamento com os alunos mudaram de forma significativa. A alteração da nossa mundividência decorre, sobretudo, do desenvolvimento da tecnologia, em particular da informática, circunstância que tem

²⁷ ARENDS, R. - *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 2008.

²⁸ Ibidem.

favorecido um intercâmbio entre sociedades até então compartimentadas pela geografia e imbuídas de culturas particulares²⁹.

Não obstante a ênfase colocada pelas aproximações pedagógicas relacionais e construtivistas no entendimento do ensino como um processo de aprendizagem determinado pelo gosto do aluno sem uma temporização externa definida, a exigência colocada, pela sociedade, sobre os professores, enquanto peritos na tarefa educativa, focaliza-se na eficácia das suas práticas. Um professor tem, assim, de ser proficiente numa multiplicidade de domínios nos quais se incluem como elementos base: o conteúdo científico da cadeira em ensino, a relação pedagógica, o funcionamento escolar e o âmbito sociocultural. Em sintonia com o crescimento contínuo da importância da escola na vida comunitária, o trabalho dos docentes inclui a cobertura de um conjunto alargado de requerimentos de forma a providenciar condições para que os jovens estudantes possam transformar-se em cidadãos adultos produtivos e trabalhadores³⁰.

O favorecimento de aulas dinâmicas capazes de motivar os alunos para além dos métodos tradicionais de ensino conecta-se de forma íntima com o uso das novas tecnologias. De forma a evitar uma estagnação monótona num registo dominante, é de grande importância que o professor revele à-vontade e empatia, criando um ambiente agradável para todos os envolvidos na sala aula. Constitui uma preocupação central, por parte do bom docente, providenciar um ambiente pedagógico assente na confiança, garantindo que a participação deve ser realizada de forma espontânea, sem medo do erro³¹.

As novas tecnologias catalisam as vantagens do método de ensino de predominância construtivista integrando uma exposição preliminar. Melhores resultados didáticos são tipicamente alcançados quando o docente combina a transmissão clara de informação para os alunos com o seu próprio disfrute no realizar do ofício.

Para auxiliar o professor na sua tarefa de transmissão de conhecimentos mediante uma boa interação didática, o *PowerPoint* tem cumprido um papel de grande importância ao permitir que referências visuais proporcionadas, nomeadamente, por vídeos, imagens, diagramas, gráficos e mapas conceptuais, ajudem a ultrapassar os limites associados uma simples exposição oral. Integrar a exposição verbal com

²⁹ Ibidem.

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem.

visualizações é de enorme importância didática não somente para garantir uma melhor compreensão dos conteúdos, como também para captar a atenção dos alunos através do estímulo de diferentes vínculos de sintonia cognitiva e emocional.

A aplicação integrada de diferentes técnicas e meios didáticos no decurso de uma aula costuma providenciar os melhores resultados formativos. A combinação do uso da imagem em slide com a exposição oral constitui uma das formas mais clarificadores e cativantes de lecionação. Ela garante apoio acrescido na organização de pensamento por parte do orador e uma referência visual de prima importância para que os alunos sejam transportados para a realidade que se procura explicar/reconstruir.

A dinâmica de interação em grupo é outro dos elementos a explorar dentro e fora da sala de aula dado mitigar a perniciosidade de uma preponderância oratória por parte do professor até ao domínio do monólogo e promover o fomento da sociabilização entre seres humanos, mediante a partilha de tarefas, responsabilidades, pontos de vista e aptidões. Capacidades organizacionais e atitudes humanas no processo interpessoal são testadas e implementadas neste modelo de trabalho que anexa o saber com a formação cidadã. Uma interação expositiva dialogante por parte do professor para e com os alunos costuma ser um método particularmente proveitoso de transmissão de conteúdos e cativação de conexões interpessoais.

1.4.4. A Integração dos métodos objetivistas e construtivistas.

O modelo letivo adaptado pelo mestrando focalizou-se na tentativa de compatibilizar diferentes métodos pedagógicos de forma a extrair os seus específicos valimentos. Apesar de todos os benefícios decorrentes das várias correntes construtivistas, seria excessivo rejeitar um modelo expositivo, objetivista, sobretudo quando associado com outras técnicas pedagógicas, quando os seus méritos se evidenciam no domínio da avaliação. A pedagogia de matriz hegeliana³² compreende a cristalização das várias correntes didáticas tradicionais num sistema com provas dadas ao nível do uso da razão, memória, aptidões técnicas, cultura geral, comportamentos corretos em sociedade.

A eficácia deste ensino convida a evitar um confronto com os métodos construtivistas, cada um dos quais com as suas vantagens e desvantagens, antes ajustando-se à natureza, gosto e aptidões dos agentes interativos na relação pedagógica³³. A recusa dos extremismos mediante uma aproximação integrada entre diferentes tipos de aprendizagens representa o melhor trâmite para diluir as respetivas exiguidades ou vícios, como tipicamente ocorre na dialética entre escolas doutrinárias.

A preparação do aluno para a cidadania global deve, assim, concentrar-se na consciência e respeito pelos Direitos Universais do ser Humano³⁴. O modelo educativo hodierno promove a participação social mediante uma cultura de respeito e tolerância para com o próximo. O conhecimento é identificado como um recurso essencial para a construção intelectual do indivíduo, articulando-se com valores éticos e responsabilidade na conduta. Prioriza-se a capacidade de adaptação, criatividade, comunicação, raciocínio cognitivo, saber fazer e interagir em grupo. Os valores propalados pelo sistema educativo conectam-se com a cultura democrática, entre os quais se destacam: a igualdade, justiça e a liberdade.

A relação pedagógica entre professor e aluno consiste num elo de importância decisiva porque se propaga pelo tempo e pelo espaço, afetando a rede de interações sociais³⁵. Sendo, o ser humano, o resultado das condições genéticas primordiais com a

³² Georg Hegel (1770-1881).

³³ MONROE, P. – *História da Educação*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1976.

³⁴ AFONSO, Maria Rosa - *Educação para a cidadania: guia de educação para a cidadania em contexto escolar*. Boas práticas (Ed.), Brasília, 2007.

³⁵ MARQUES, R. - *Modelos Pedagógicos Atuais*, Plátano-Edições Técnicas, Lisboa, 1999.

influência recebida pelo meio reconhece-se, ao papel do docente na educação dos formandos, uma parcela de significado no construir do seu destino. A cultura de tolerância que se promove no sistema educativo confere considerável amplitude para que cada professor adote o seu próprio método de transmissão de informação e relação pedagógica, conforme aos seus gostos, aptidões e as características dos alunos. A comum exigência que incide sobre o seu trabalho é o de contribuir para o bem comum não somente com uma coleta de dados científicos, mas aspetos positivos na forja de seres humanos realizados, produtivos, conscientes, capazes, empáticos, autónomos e solidários, entre outras virtudes.

A cultura educativa procura reunir, nos nossos dias, os proventos dos vários métodos de interação pedagógica e relacionar, de forma harmoniosa, os seus princípios essenciais. Está interiorizada por parte da maior parte dos agentes educativos a necessidade de adaptação contínua dos processos didáticos às mudanças sociais, curriculares e tecnológicas. O bom sistema será o que define essa flexibilidade como um princípio, subentendendo-se, contudo, que modificações frequentes do conteúdo científico, do método pedagógico e da organização do sistema educativo, compreendem as suas próprias perniciosidades.

Os valores integradores da cidadania global numa sociedade multicultural têm ressonância inevitável numa relação pedagógica caracterizada pela fusão das tendências psicológica, sociológica e científica. O modelo educativo está hoje concebido para favorecer o aluno como o seu centro, com o docente a recomendar-se em função da providência de conhecimento e valores humanos, entre outros predicados.

A pedagogia letiva estrutura-se em função da capacidade do professor em sentir genuína simpatia pelo aluno, malgrado a justiça que deve presidir à tomada de decisões, em particular avaliativas. Os seus métodos didáticos devem canalizar-se para o desenvolvimento da capacidade de compreensão e entusiasmo pelo saber no aluno, ao invés de imporem uma série de referências externas ditadas pela cultura prevalecente e/ou a própria visão do docente. Almeja-se, assim, construir-se um cidadão pleno mediante o aplicar seletivo de métodos pedagógicos combinados com sólido conteúdo científico. Melhores resultados didáticos são tipicamente alcançados em função da capacidade do professor em gerir a dialética entre o seu saber e a forma mais clara de transmitir informação.

A relação pedagógica estabelecida entre professor e aluno é uma componente essencial para que este último possa ser encaminhado no disfrute da aprendizagem e

autoconsciência do seu desenvolvimento pessoal. No atual modelo educativo almeja-se que o cidadão em forja se integre no modo de funcionamento da sociedade coeva e tenha um elevado potencial para, mediante contributos sucessivos, a modificar com proveito.

Extensa literatura foi produzida no sentido de encontrar o melhor método de interação pedagógica quando, em larga medida, este já havia sido escrutinado na Antiguidade Clássica, representando o âmbito do currículo atual, o retorno ao primado do humanismo e universalismo helénicos. Reunindo-se a esta herança milenar o ecleticismo dos melhores métodos entretanto testados e implementados no decurso do século passado, a relação pedagógica é essencial, não apenas no que concerne à natureza das ligações afetivas, cognitivas e éticas do aluno na sala de aula, mas para a construção da própria sociedade em que vivemos. A reciprocidade e influência da interação do professor com o formando constitui parte integrante das respetivas formações pessoais e interagir em âmbito coletivo. Compreende, por conseguinte, a relação pedagógica, o aspeto mais influente e perdurante no desenvolvimento de seres humanos, objetivo derradeiro do processo educativo e construção da aprendizagem.

PARTE 2

A Guerra dos Sete Anos: Um caso de estudo aplicado ao 11º ano

2.1. Introdução à Guerra dos Sete Anos (1756-1763).

O presente tema foi escolhido com o intuito de apresentar uma proposta didática instrutiva sobre um dos mais importantes conflitos da História, oferecendo apoio às aulas abordando a Unidade 3.1.3 do Módulo 4 com conteúdos mais detalhados do que a vigente sumarização nos manuais.

A Guerra dos Sete Anos decorreu, segundo a cronologia mais aceite, entre os anos de 1756 e 1763. É considerada, por diversos autores, como a primeira guerra global porque envolveu potências europeias com vastas áreas coloniais³⁶. Foi motivada por disputas de território e, sobretudo, interesses económicos³⁷. A amplitude e descontinuidade geográfica do conflito determinou a existência de uma multiplicidade de espaços operacionais com características próprias.

A escala global³⁸ em conjunto com as suas implicações³⁹ estatui, a Guerra dos Sete Anos, como uma proposição de estudo dotada de singular transversalidade histórica. O frequente desconhecimento sobre a magnitude de um conflito⁴⁰ que tem sido apelidado, por alguns historiadores, como a “Guerra Mundial Zero”⁴¹, recomenda um acerto curricular que confira adicional profundidade a uma alusão.

A Guerra dos Sete Anos consiste numa importante etapa⁴² para definir a hegemonia comercial britânica⁴³ como o resultado das disputas seculares entre potências rivais europeias⁴⁴ pelo domínio das áreas coloniais de onde provinha parte fundamental da sua riqueza e poder. As consequências de vulto no plano ultramarino oferecem um notório contraste com os termos da diplomacia no encerramento da guerra na Europa,

³⁶ MARSTON, Daniel – *The Seven Year's War*, Osprey Publishing Limited, Londres, 2001, p. 7.

³⁷ SCHWEIZER, Karl W. – *England, Prussia and the Seven Years War. Studies in Alliance Policies and Diplomacy*, The Edwin Mellen Press, Lampeter, 1989, p. 11.

³⁸ ANDERSON, Fred – *Crucible of War: The Seven Year's War and the Fate of Empire in British North America, 1754-1766*, Vintage Books, Nova Iorque, 2001, xvii.

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ DANLEY, Mark – “The “Problem” of the Seven Year's War””, in *The Seven Year's War. Global Views*, Mark H. Danley & Patrick J. Speelman, Brill (Ed.), Boston, 2012, p. xxiii.

⁴¹ Ibidem.

⁴² PADGEN, Anthony – *Peoples and Empires. A short History of European Migration, Exploration, and Conquest, from Greece to the Present*, Random House Publishing Group, Nova Iorque, 2007, p. 91.

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ Nomeadamente, a França, o Reino Unido, Portugal, Espanha e Províncias Unidas.

no contexto dos quais a conflagração bélica reduz à ostensiva nulidade as perdas sofridas com um acordo sem alterações fronteiriças⁴⁵.

O objetivo deste trabalho consiste em complementar a aproximação vigente nas aprendizagens essenciais com o enfoque de um magno conflito bélico em que se evidencia a superioridade do modelo mercantilista britânico⁴⁶ na construção de um império ultramarino nos alvares da industrialização⁴⁷. A análise da estratégia geral adotada pelo Reino Unido privilegiando o investimento no domínio marítimo⁴⁸ perante uma França obstinada na concentração dos seus recursos na frente continental europeia⁴⁹ introduz-nos no âmbito da História Militar que, longe de autónomo, se articula com todas as outras incidências do passado humano⁵⁰.

O interesse que o estudo da marcialidade pode ocasionar entre os alunos do ensino secundário consiste num forte apelativo a nivelar uma aproximação favorecendo o estudo das táticas e estratégias empregues pelos contendores. A descrição das campanhas travadas no anfiteatro europeu, de particular importância quanto aos meios e métodos empregues, confere um acrescento necessário à vigente incidência curricular no domínio das disputas por áreas de influência coloniais e dinâmicas económicas mercantilistas.

Apurados alguns dos elementos que lhe conferem importância crítica para o ensino da História, nomeadamente, a condição de episódio determinante no contexto das contendas ultramarinas durante o Antigo Regime, a complexidade da Guerra dos Sete Anos⁵¹ requer particular proficiência explanatória. A abordagem letiva a esta temática deve envolver um conhecimento específico sobre as características particulares e eventos decorrentes em cada um dos distintos anfiteatros de guerra, articulando o seu evoluir histórico num plano global⁵². A presente proposta de trabalho profissionalizante

⁴⁵ As hostilidades entre a Prússia e a Áustria concluem-se com os termos de *status quo ante bellum*, ou seja, estado de coisas antes da guerra. A tentativa da Áustria em recuperar a Silésia fracassara, permanecendo, a região, sob domínio prussiano (SCHWEIZER, p. 250).

⁴⁶ LAWRENCE, p. 51-53.

⁴⁷ BRENDON, Piers – *The Decline and Fall of the British Empire (1781-1997)*, Vintage Books, Londres, 2008, p. xviii.

⁴⁸ LAWRENCE, p. 70.

⁴⁹ “Não se tenta salvar os estábulos quando a casa está a arder.” (Nicolas René Berryers, Secretário naval francês recusa providenciar, em Outubro de 1758, reforços solicitados pelo comando na América para defender a cidade do Quebec).

⁵⁰ KEEGAN, John – *A History of Warfare*, Random House, Londres, 1993.

⁵¹ Ibidem.

⁵² DANLEY, xxiii-lvii.

tem, em suma, por objetivo, oferecer uma sólida base de apoio teórico para uma explanação educativa sobre um tema nuclear na História Universal.

2.2. A antecâmara do conflito. Contextualização histórica.



Doca de um porto britânico (Jacob Knyff, 1673), fig. 8

A Guerra dos Sete Anos (1756-1763) consiste num dos derradeiros conflitos envolvendo potências europeias durante a vigência do Antigo Regime⁵³. O seu principal vencedor, o Reino Unido, alcança uma posição de hegemonia sobre o comércio ultramarino e espaços coloniais em prejuízo da Espanha e França⁵⁴. Conjugando o acesso às matérias-primas no domínio imperial, controlo sobre as principais vias de tráfico marítimo transatlântico e vanguardismo no fomento da industrialização⁵⁵, o Reino Unido assume, no ocaso da Idade Moderna, o estatuto de primeira potência do mundo⁵⁶.

O desenlace da Guerra dos Sete Anos evidencia a superioridade da aplicação pragmática do capitalismo comercial britânico em contraste com a incapacidade dos

⁵³ ANDERSON, viii.

⁵⁴ LAWRENCE, James – *The Rise and Fall of the British Empire*, St. Martin's Griffin, Nova Iorque, 1994, p. 51.

⁵⁵ LAWRENCE, p. 75.

⁵⁶ MARSHALL, P. J. – “The British Empire at the End of the Eighteenth Century”, in *The Illustrated History of the British Empire*, P. J. Marshall (Ed.), Cambridge University Press, Cambridge, 1996, p. 16-23.

governos franceses em gerirem de forma eficiente os recursos do reino⁵⁷. O conhecimento mais aprofundado sobre o conflito em estudo reforça, assim, a consciência, no domínio didático, de que o triunfo dos estados e dinâmicas económicas nos séculos XVII e XVIII decorreu da aquisição de riqueza por via mercantil, em oposição ao sucedido durante o feudalismo em que a posse da terra se associa mais a questões de prestígio do que a um simples ganho financeiro⁵⁸.



Um porto francês nos alvares do mercantilismo (Claude Lorrain, 1639), fig. 9

Em função do incremento da economia mercantil, o grupo social protagonista das trocas comerciais, a burguesia, conhece um papel de acrescido relevo no tecido social nos alvares da modernidade⁵⁹. Com o acesso a novas e avultadas fontes de riqueza assim como ao requisito social dos mesteres citadinos, ocorre uma estratificação acentuada dentro do Terceiro Estado, com um incremento das diferenças de condições de vida entre o povo e a burguesia⁶⁰

Após a iniciativa pioneira dos reinos da Península Ibérica na constituição dos seus impérios ultramarinos, a partir da primeira metade do século XVII, competidores europeus como a Inglaterra, as Províncias Unidas e a França, disputam as áreas de

⁵⁷ LAWRENCE, p. 53.

⁵⁸ PILLORGET, Suzanne – *Apogeu e Declínio das Sociedades de Ordens (1610-1787)*, Vol. 9, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1981, p. 119.

⁵⁹ PILLORGET, p. 119

⁶⁰ CORVESIER, André – *O Mundo Moderno*, Edições Ática, Lisboa, 1976, p. 90.

influência colonial⁶¹. O estabelecimento de um empório comercial constitui a prioridade na política das potências metropolitanas. O modelo de ocupação do espaço ultramarino é acentuadamente costeiro, com a exceção a constituir a América espanhola⁶² e a colonização francesa da América do Norte⁶³

As Província Unidas irão beneficiar com o acolhimento dos judeus expulsos das monarquias aderentes à ação da Inquisição para estruturarem um sistema evolucionado de capitalismo. Capitais privados permitem criar companhias detentoras de vastos recursos financeiros - como as famigeradas Compania das Índias Ocidentais (WIC)⁶⁴ e Companhia das Índias Orientais (VOC)⁶⁵ - com capacidade para se provirem de poderosas marinhas. A sua atuação focaliza-se no domínio de entrepostos e rotas comerciais ultramarinas através de estratégias definidas, pelas chefias empresarias, para maximizarem o lucro.



Vista do Porto de Amesterdão (Willem Van de Velde, *o Moço*, 1686), fig. 10

Sob o ímpeto do ministro Jean Baptiste Colbert, a França articula a procura pelo acréscimo de poder económico no continente europeu com o investimento no domínio colonial⁶⁶. Os grandes mercadores e banqueiros financiam o Estado a troco de acesso à presença do rei e expectativa de favores por parte deste. Por sua vez, o soberano obtém

⁶¹ CORVISIER, p. 268.

⁶² CORVISIER, p. 267

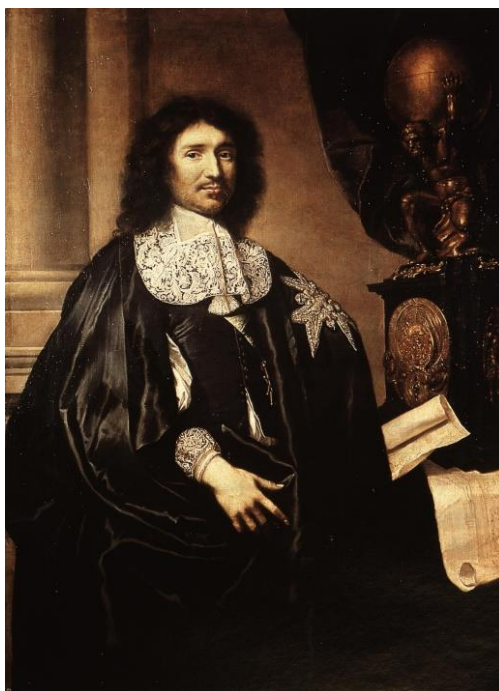
⁶³ “Constituição de uma imensa, mas despovoada, província francesa no Canadá.” (CORVISIER, p. 273).

⁶⁴ Criada em 1602.

⁶⁵ Companhia das Índias Orientais, fundada em 1621

⁶⁶ CORVISIER, p. 293.

fontes de rendimento para colocar a nobreza de sangue numa situação de dívida e dependência para com a Coroa. Os avultados gastos que acompanhavam a vida na corte requerem subsídios sucessivos por parte do monarca que, com este sistema, concentra poderes antes dispersos pela nobiliarquia⁶⁷



Jean Baptiste Colbert (Jean Lefèvre, 1666), fig. 11

A versão mercantilista aplicada pela Inglaterra é caracterizada pela sua flexibilidade e eficiência. A aliança dinástica estabelecida com as Províncias Unidas na sequência da Revolução Gloriosa (1688-1689) e o incremento do capitalismo comercial concedem, à Inglaterra, o estatuto de primeiro lugar na cena económica internacional a partir da primeira metade do século XVIII⁶⁸. O regime monárquico parlamentar combina-se com o brotar do espírito do iluminista para impulsionar a colonização ultramarina com livre iniciativa⁶⁹. O incremento do poder financeiro e marítimo da Inglaterra reduz a supremacia política que a França havia detido com Luís XIV sobretudo a uma influência cultural e diplomática⁷⁰.

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ CORVISIER, p. 313-314.

⁶⁹ CORVISIER, p. 281

⁷⁰ CORVISIER, p. 359-360.



East India Company (Peter Monamy, 1708), fig. 12

Finda a Guerra da Sucessão de Espanha, último episódio de uma série de conflitos ocasionados pelos projetos expansionistas do rei-Sol⁷¹, a conflituosidade entre estados europeus atenua-se durante, sensivelmente, três décadas. Neste período, a Prússia⁷² emerge como um grande poder enquanto se evidencia a dificuldade da dinastia imperial dos habsburgos em garantir o domínio sobre os seus súbditos fora do território austríaco.

A entrada tardia da Rússia nos assuntos de estado europeus contribui para deslocar a tensão política de meados do século de oitocentos para o centro geográfico do Velho Continente⁷³. As rivalidades entre a Áustria e Prússia em conjunto com a pugna do Reino Unido e França pela hegemonia global constituem as principais causas para a Guerra dos Sete Anos⁷⁴.

O ambiente de relativo apaziguamento entre as potências europeias chega a um termo com o eclodir da Guerra da Sucessão da Áustria (1740-1748), comumente considerada como antecâmara do conflito em estudo neste trabalho⁷⁵. No seu desenlace, a imperatriz Maria Teresa garante o reconhecimento externo do seu direito dinástico,

⁷¹ CORVISIER, p. 299.

⁷² CORVISIER, p. 321-322.

⁷³ CORVISIER, p. 323-326.

⁷⁴ MARSTON, Daniel – *The Seven Year's War*, Osprey Publishing Limited, Londres, 2001, p. 7.

⁷⁵ Ibidem.

mas é forçada a ceder a rica região da Silésia ao reino da Prússia, potência emergente sob a liderança de Frederico II.

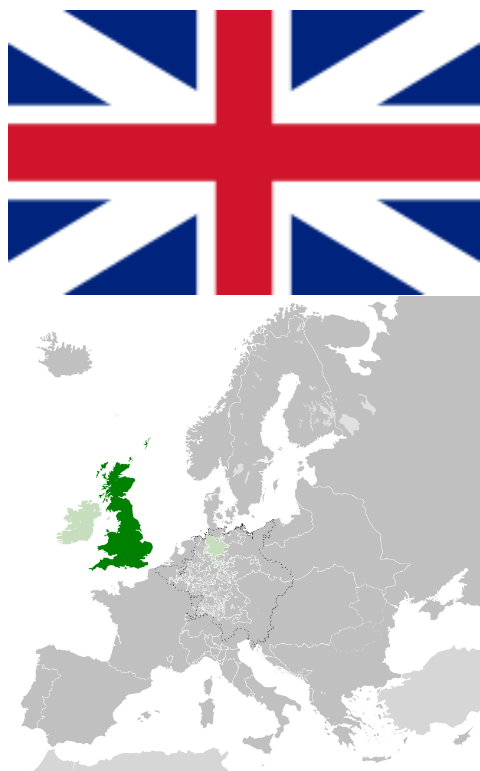
A vontade obstinada da soberana austríaca em recuperar o território perdido num futuro conflito irá manifestar-se na reforma das suas forças armadas e urdimento de uma vasta aliança capaz de reunir um poder militar irresistível contra a Prússia. Por força destas circunstâncias adversas, Frederico II estabelece um acordo com o Reino Unido associando a luta pela sobrevivência do seu reino ao conflito global entre metrópoles europeias rivais pelos domínios ultramarinos⁷⁶.

⁷⁶ SCHWEIZER, p. 2.

2.3. Os Estados beligerantes: recursos, lideranças, estratégias.

A Guerra dos Sete Anos foi travada por um extenso aglomerado de povos e estados soberanos⁷⁷ cuja precisa discriminação envolve, em si mesmo, emergir numa problemática que se afasta do âmbito didático do presente trabalho profissionalizante. Uma sumária descrição dos recursos e propósitos dos protagonistas do confronto⁷⁸ cumpre melhor o objetivo de favorecer a compreensão.

2.3.1. O Reino Unido.



Reino Unido, fig. 13



William Pitt, *o Velho* (Richard Brompton, 1772), fig. 14

O Reino Unido inicia o conflito na condição de maior potência naval do tempo, detentora de um extenso domínio imperial cuja riqueza providencia avultados recursos financeiros ao estado metropolitano⁷⁹. Sob a égide de William Pitt⁸⁰, o governo

⁷⁷ SZABO, p. 1

⁷⁸ MARSTON, p. 8.

⁷⁹ SCHWEIZER, p.

⁸⁰ BLACK, Jeremy – *Pitt, the Elder*, Cambridge University Press, 1992.

britânico define uma estratégia geral baseada no incremento do controle sobre rotas e espaços transatlânticos visando alcançar uma condição de hegemonia mercantil⁸¹.

Proponente de uma política dirigida para a expansão colonial e marítima conjugando recursos públicos com iniciativa privada, a liderança britânica planeia investir de forma dinâmica no ultramar⁸². O matizar dos preceitos estatutários no modelo coevo de sociedade de ordens por via do empossamento da burguesia mercantil consiste na base estrutural para que os seus decisores políticos favorecem o travar da guerra nos espaços coloniais⁸³

O melhor recurso estratégico do Reino Unido consiste na sua marinha a quem é conferida a missão prioritária de salvaguardar a metrópole de uma invasão francesa. A insularidade geográfica combinada com contínuo investimento nos meios navais confere, à Velha Albión, no conflito em estudo assim como em vários outros ao longo de séculos, uma vital proteção contra os exércitos arregimentados por potências da Europa continental.

Com a vigilância do Canal da Mancha e frente atlântica entregue à armada, o distinto ponto de fraqueza do complexo geoestratégico sob a regência soberana da dinastia de Hanover consiste no próprio estado alemão⁸⁴. A recusa de Jorge II em abandonar o domínio natal da sua família condiciona o governo parlamentar a um transvio de recursos militares terrestres para o continente, expondo-os a um avanço em força por parte dos exércitos franceses. Um compromisso entre os desígnios do monarca e a política almejada pelo gabinete executivo estabelece-se em função da capacidade britânica de investir em vários teatros operacionais de forma simultânea, evitando uma cedência de posição gratuita na Europa⁸⁵.

A estratégia geral delineada por William Pitt contempla o envolvimento limitado na defesa do estado dinástico de Hanover⁸⁶ e subsídio financeiro ao aliado continental, o Reino da Prússia, com o propósito de defletir as forças militares da França de um eventual préstimo de socorro aos domínios imperiais que se almeja conquistar⁸⁷. O assumir da despesa desse esforço irá revelar-se profícuo perante a opção do comando

⁸¹ SCHWEIZER, p. 2.

⁸² SCHWEIZER, p. 5.

⁸³ CORVESIER, p. 313.

⁸⁴ MARSTON, p. 13.

⁸⁵ Ibidem.

⁸⁶ MARSTON, p. 13.

⁸⁷ “Enquanto tivemos a França por inimigo, a Alemanha foi o cenário para empregar e defletir as suas armas”. (William Pitt, *Discurso na Casa dos Comuns* (Agosto de 1762).

francês em concentrar os seus recursos no cenário europeu, deixando, ao seu destino, as frentes transatlânticas.

2.3.2. Prússia.



Frederico II liderando as suas tropas na batalha de Zorndorf (Carl Rochling, 1904), fig. 15

“Porque o mundo repousa não tão firmemente nos ombros de Atlas quanto o Estado Prussiano nos ombros do Exército.” (Frederico II, rei da Prússia)

O Reino da Prússia dispõe, na antecâmara da Guerra dos Sete Anos, de um exército profissional reputado pela sua organização e disciplina férrea⁸⁸. No estrito regime marcial imposto por Frederico Guilherme, antecessor de Frederico II, os aspetos vida quotidiana do soldado são rigidamente prescritos e o desleixo punido de forma exemplar. Revistas regulares por parte do monarca contribuem para que o aprumo na disciplina e apresentação constituam aspetos formais de prima importância⁸⁹.

No modelo administrativo prussiano, cerca de dois terços das receitas anuais de estado⁹⁰ são empregues, em tempo de paz, no direto sustento do exército⁹¹, mais de oitenta por cento nos gastos gerais com a defesa⁹². Apesar das despesas de manutenção e desenvolvimento das estruturas militares, uma rigorosa gestão permitira acumular uma

⁸⁸ SEATON, p. 5.

⁸⁹ Ibidem.

⁹⁰ SEATON, p. 8.

⁹¹ Ibidem.

⁹² Ibidem.

reserva financeira⁹³ cujo emprego, em eventual caso de necessidade, consiste num dos recursos estratégicos do reino.

O zelo administrativo e paixão pessoal de Frederico Guilherme pelo meio marcial elevava as suas forças armadas, em particular o ramo de infantaria, a uma eficiência sem paralelo na Europa do século XVIII⁹⁴. Reformas empreendidas por Frederico II irão incidir sobre a cavalaria prussiana⁹⁵. Preservando o corpo de couraceiros criado pelo seu pai como o núcleo da cavalaria de linha nos recontros táticos, Frederico favorece o agilizar das suas tropas montadas mediante o recrutamento de hussardos, vitais para as tarefas de reconhecimento, e de dragões, cuja polivalência operativa consiste no principal predicado.

O ramo da artilharia é objeto de um particular investimento: no novo modelo organizacional, os canhões destacados para a infantaria são reforçados no seu calibre, enquanto uma reserva de bateria é reunida num comando centralizado⁹⁶. O incremento expressivo do número de bocas de fogo⁹⁷ consiste noutro dos elementos que destaca o novo modelo de exército prussiano.

Mediante um conjunto de reformas destinadas a conferir um desígnio prático mortífero ao emprego das suas forças militares no conflito que se avizinha, Frederico II tem sob o seu comando um exército moderno capaz de combinar as suas armas para um máximo de eficiência numa multiplicidade de opções tático-operacionais⁹⁸

Na antecâmara da Guerra dos Sete Anos, a Prússia encontra-se numa posição de virtual envolvimento perante a aliança firmada entre a França, Áustria e Rússia⁹⁹. A necessidade imperiosa de encontrar meios de sobrevivência perante um conluio de inimigos na Europa continental facilita um acordo diplomático com o Reino Unido, já em guerra, no norte da América, contra as forças coloniais francesas¹⁰⁰. A ajuda financeira britânica irá conjugar-se com o talento militar do melhor estratega do tempo na liderança de um exército de escol para conferir esperança de resistência, à Prússia, perante o poder que contra ela se reúne¹⁰¹.

⁹³ Ibidem.

⁹⁴ SEATON, p. 10.

⁹⁵ SEATON, p. 25.

⁹⁶ SEATON, p. 26.

⁹⁷ No início da Guerra da Sucessão da Áustria, a Prússia dispunha de somente sessenta peças de artilharia. O número incrementou-se para mais de 200 no ano de 1758 e 580 em 1759. (Ver SEATON, p. 26).

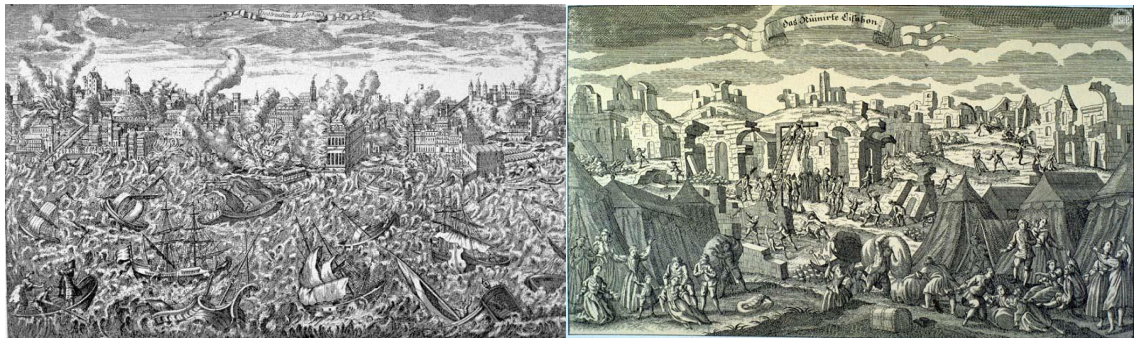
⁹⁸ SCHWEIZER, p. 7.

⁹⁹ MARSTON, p. 7.

¹⁰⁰ Ibidem.

¹⁰¹ Ibidem.

2.3.3. Portugal.



Terramoto e Ruínas de Lisboa (1755), fig. 16



Sebastião de Carvalho e Melo
(Louis-Michel van Loo e Calude Joseph Vernet, 1766), fig. 17

O início da Guerra dos Sete Anos coincide com um dos momentos históricos de maior vulnerabilidade para Portugal. Lisboa, capital do império, uma das mais importantes e cosmopolitas cidades do mundo, havia sido atingida, no dia 1 de novembro de 1755, por um sismo de elevada magnitude. A ocorrência teve impacto nas mentalidades da Europa iluminista, disseminando reflexões filosóficas e teológicas. Personalidades como Voltaire, Jean Jacques Rousseau e Emmanuel Kant escreveram textos inspirados pelo tremor de terra.

Nos anos sucedâneos ao acontecimento, a política do rei D. José I, conduzida pelo ministro Sebastião de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal, priorizou a

reconstrução de Lisboa¹⁰². As consequências para a economia portuguesa decorrentes da destruição da capital do império luso foram de vulto, estimando-se uma quebra de mais de um terço do produto interno bruto¹⁰³.

A década de cinquenta assinala o início do declínio da exploração do ouro brasileiro que, durante a primeira metade do século XVIII, representara uma avultada receita para o tesouro do reino¹⁰⁴. Após os tempos de desafogo financeiro, fazem-se sentir as consequências nefastas do desperdício das circunstâncias favoráveis para um investimento estrutural na economia, em particular no setor da indústria manufatureira¹⁰⁵.

O despesismo que a riqueza aurífera concede às classes privilegiadas conjuga-se com o zelo destas em garantir a sua proeminência social¹⁰⁶ sobre uma burguesia incapaz de se afirmar, malgrado o amplo domínio ultramarino, com dinamismo competitivo perante as economias concorrentes¹⁰⁷. As próprias comunicações comerciais do império são sobretudo asseguradas pela marinha britânica que, a troco de pagamento, transporta o ouro brasileiro para a metrópole. Esta dependência combina-se com a secular aliança entre os dois reinos para envolver Portugal num conflito que a sua diplomacia se empenhara em evitar¹⁰⁸.

¹⁰² GUNN, A.M. - *Encyclopedia of Disasters*, Westport, Connecticut: Greenwood Publishing Group, 2008.

¹⁰³ PEREIRA, Alvaro S. - “The Opportunity of a Disaster: The Economic Impact of the 1755 Lisbon Earthquake”, in *The Journal of Economic History*, nº 69, p. 466-499.

¹⁰⁴ GODINHO, V. Magalhães - *Ensaio II*, Sá da Costa, Lisboa, 1978. (Citado a partir de: *Um novo Tempo da História*, Parte 2, Porto Editora, p. 102).

¹⁰⁵ SIDERI, Sandro - “Comércio e poder”, in *História de Portugal*, J. Mattoso (dir.), Lisboa, 1963. (Citado a partir de: *Um novo Tempo da História*, Parte 2, Porto Editora, p. 111).

¹⁰⁶ Anónimo italiano do século XVII, *Retrato e Reverso do Reino de Portugal* (Citado a partir de: *Um novo Tempo da História*, Parte 2, Porto Editora, p. 45) ; César de Saussure, viajante suíço (1705-1783), em *O Portugal de D. João V visto por Três Forasteiros*, tradução, prefácio e notas de Castelo Branco Chaves, Biblioteca Nacional, 1983. (Citado a partir de: *Um novo Tempo da História*, Parte 2, Porto Editora, p. 46).

¹⁰⁷ César de Saussure (1705-1783), em *O Portugal de D. João V visto por Três Forasteiros*, cit. (Citado a partir de: *Um novo Tempo da História*, Parte 2, Porto Editora, p. 45).

¹⁰⁸ DELON, Michael - *Encyclopedia of the Enlightenment*, Routledge, Nova Iorque, 2013, p. 1256.

2.3.4. França.



Luís XV (Louis-Michel van Loo), fig. 18



Madame de Pompadour
(Maurice Quentin de la Tour, 1755), fig. 19

Em meados do século XVIII, a França é o estado mais poderoso da Europa continental, dotado com um amplo potencial estratégico demográfico e uma emanção centralizada de comando régio¹⁰⁹. Contudo, o conservadorismo associado ao Antigo Regime debilita o emprego prático dos seus recursos com um efeito que sobressairá durante a Guerra dos Sete Anos¹¹⁰

A subida ao trono de Luís XV no ano de 1715 inaugura uma nova ambiência tanto no relacionamento do monarca com os seus súbditos como no domínio da política externa francesa¹¹¹. A natureza amena do novo rei contribui para que os projetos expansionistas do seu antecessor¹¹² deem lugar a um período prolongado de maior estabilidade na arena europeia. Não obstante, a disputa com o Reino Unido pelo domínio do ultramar conjugada com o desejo de debelar a emergência da Prússia irão precipitar, a França, num conflito em que as vulnerabilidades de um modelo tradicional de monarquia absoluta e sociedade de ordens se revelam de forma crítica.

¹⁰⁹ CHARTRAND, Rene ; LELIEPVRE, Eugene – *Louis XV's Army (I) Cavalry & Dragoons*, Osprey Publishing Limited, Londres, 1996.

¹¹⁰ Ibidem.

¹¹¹ Ibidem.

¹¹² SCHWEIZER, p. 3.

Em meados do século XVIII, a França conta com o maior exército permanente da Europa¹¹³ e uma vasta base populacional para proceder a adicionais recrutamentos em tempo de guerra¹¹⁴. Contudo, a crise nas finanças públicas, entre uma miríade de outros fatores de atrito, dificulta uma ação direta do estado no domínio militar, prevalecendo a criação de regimentos privados por iniciativa senhorial¹¹⁵. Essa origem local dos compostos das forças armadas resulta numa partição que, amiúde, se sobrepõe ao combinar de esforços¹¹⁶. O desempenho dos exércitos franceses do período é drasticamente afetado pelo fato de se organizarem a partir de uma amálgama de identidades locais, sobretudo zelosas dos seus interesses específicos, estruturadas por laços de recíproca dependência entre oficiais e soldados.

Os arcaísmos e exuberâncias associadas às últimas décadas do Antigo Regime em França vislumbram-se numa multiplicidade de características das forças armadas coevas. O desempenho degradante dos exércitos franceses durante a Guerra dos Sete Anos, em particular no anfiteatro europeu, tem por origem fulcral a ineficácia da sua organização. Com um rácio de oficiais por número de soldados estimado em quase o triplo do que ocorre no modelo marcial prussiano, as despesas de manutenção sobrecarregam as fontes de financiamento¹¹⁷. Suportando, os cofres de estado, apenas parte do esforço de guerra, a necessidade de recursos privados dilui a autoridade de um comando geral.

Neste sistema, os regimentos de base senhorial atendem sobretudo ao seu propósito e renunciam, com frequência, a missões que envolvam estimados prejuízos. A própria contratação é efetuada pela aristocracia local, sobretudo pequena nobreza, com a expectativa de reembolso das dívidas contraídas para o efeito mediante a coleta de espólio na guerra. Pouca predisposição existe, por parte das parcelas regimentais, para o sacrifício pelo bem geral do exército, transformando, o seu atuar, numa fragmentação de intuítos.

A acentuada verticalidade da sociedade de ordens francesa coadjuva para que o ramo da cavalaria represente a mais importante parcela na orgânica dos exércitos do

¹¹³ CHARTRAND, Rene ; LELIEPVRE, Eugene – *Louis XV's Army (I) Cavalry & Dragoons*, Osprey Publishing Limited, Londres, 1996.

¹¹⁴ Ibidem.

¹¹⁵ CHARTRAND, Rene – *Louis XV's Army (2) French Infantry*, Osprey Military, Londres, 2011.

¹¹⁶ Ibidem.

¹¹⁷ CHARTRAND, Rene ; LELIEPVRE, Eugene – *Louis XV's Army (I) Cavalry & Dragoons*, Osprey Publishing Limited, Londres, 1996.

período¹¹⁸. Unidades de elite reunindo a fina flor da sociedade francesa formam uma reserva destinada a intervir para decidir a batalha¹¹⁹. Contudo, os custos desta tropa compreendendo a nobiliarquia em armas são abrasivos para a Coroa.

A equipagem luxuriante como parte integrante do estatuto de sangue e funções revelava-se dispendiosa assim como imprópria para um eficiente desempenho em combate. O profuso uso de joalheria consiste na imagem distinta da cavalaria francesa e integra um *esprit du corps* sedimentado na soberba¹²⁰. O orgulho das tropas montadas resiste às reformas intencionadas pelo poder régio para conferir maior uniformidade no traje e sua adequação ao serviço militar. A hierarquia interna do oficialato tem como critério precedente o título base de nobiliarquia, subordinando o mérito na guerra¹²¹.

O reflexo no domínio da marcialidade da estratificação do regime francês consiste numa profunda diferença de qualidade das tropas. Neste contexto, torna-se imperioso que uma chefia inspirada possa oferecer coesão aos compostos regimentais. Contudo, no decurso da Guerra dos Sete Anos, as escolhas das lideranças militares e governamentais resultam, sobretudo, de laços de confiança pessoal. Personificação de um sistema assente no privilégio de nascimento e favor, Luís XV irá caracterizar a sua atuação pela influência exercida por parte da sua amante, a madame de Pompadour¹²²

¹¹⁸ Ibidem.

¹¹⁹ Ibidem.

¹²⁰ Ibidem.

¹²¹ Ibidem.

¹²² CORVISER, p. 401.

2.3.5. Áustria.



Império Austríaco, fig. 20



Imperatriz Maria Teresa (Martin van Meytens, 1759), fig. 21

Em meados do século XVIII, o império austríaco compreende um mosaico de províncias com diferentes graus de autonomia governativa e consciência identitária própria, coligidas pela regência suserana da dinastia dos Habsburgos¹²³. A condição de súbditos da autoridade imperial consiste no denominador comum entre os habitantes de um espaço geográfico de extensão equiparável ao da França, mas desprovido de análogo sentimento de pertença coletiva¹²⁴. A heterogeneidade étnica e anseios nacionalistas regionais determinam uma frequente desafeição tanto entre as populações residentes como para com o poder central emanado a partir da cidade de Viena¹²⁵. A descontinuidade espacial de alguns dos territórios acrescenta à dificuldade de dispor uma frente comum na organização das forças armadas austríacas para o conflito em estudo¹²⁶.

A diversidade de povos integrando um império tão vasto, alguns tendentes a sobrepor os seus interesses particulares à lealdade para com o soberano, teria resultado

¹²³ HAYTHORNTHWAITE, Philip ; YOUNGHUSBAND, Bill – *The Austrian Army 1740-1780 (1): Cavalry*, Osprey Publishing Lda, Oxford, 1994, p. 3-6.

¹²⁴ Ibidem.

¹²⁵ Ibidem.

¹²⁶ Ibidem.

numa fragmentação sem uma política habsburguesa firmada no reconhecimento de direitos autonómicos conforme a cada situação, com a Hungria a constituir, com o seu governo e parlamento próprios, o exemplo mais saliente¹²⁷. A impraticabilidade de administração das regiões mais excêntricas do império, em particular, nos Países Baixos e Itália, determinou a outorga de poderes a governadores locais.

O principal fator de unidade do império austríaco consiste na religião, com a maioria dos súbditos a serem católicos. A luta contra o protestantismo durante a Guerra dos Trinta Anos¹²⁸ determinara, a dinastia de Habsburgo, a definir-se como defensora da fé perante a heresia luterana. A oposição ao poder otomano consiste noutro contributo importante para recomendar a chefia austríaca como melhor garante do cristianismo. A sobrevivência de Viena às invasões turcas fora sucedida por uma expansão progressiva do poder imperial pela península balcânica, elemento que lhe confere, em meados do século XVIII, considerável prestígio.

A subida ao trono de Maria Teresa adiciona à ancestralidade que recomendava uma dinastia durante a vigência do Antigo Regime, enérgica e inspiradora liderança¹²⁹. A beleza juvenil do início do reinado fora substituída, na antecâmara do reacender do conflito com a Prússia, pela respeitabilidade de uma matrona que sacrificara o corpo e arriscara a vida em gravidezes sucessivas no cumprimento da tarefa de conferir vitalidade à dinastia de habsburgo. A imperatriz Maria Teresa irá empenhar-se na luta contra Frederico II para recuperar a região da Silésia, perdida durante a Guerra da Sucessão da Áustria¹³⁰. O reforço dos seus meios militares é conjugado com o estabelecimento de uma aliança com a França e Rússia para o objetivo comum de destruir o poder da Prússia num novo conflito¹³¹.

¹²⁷ Ibidem.

¹²⁸ 1618-1648.

¹²⁹ HAYTHORNTHWAITE, *Op. Cit.*

¹³⁰ Ibidem.

¹³¹ SCHWEIZER, p. 7.

2.3.6. Rússia.



Estandarte Imperial da Rússia (1730-1799), fig. 22



Isabel I
(Charles-André von Loo, 1760), fig. 23

O Império Russo constitui a grande adição na arena diplomática da Europa setecentista¹³². Tendo saído de um perdurante confinamento feudal durante o reinado do Czar Pedro, *o Grande*, a Rússia é reconhecida, no alvor da Guerra dos Sete Anos, como uma potência dotada com extensivos recursos militares e insondáveis reservas de poder humano¹³³. O financiamento das despesas marciais através de pesadas taxações sobre o campesinato e generalizada conscrição das forças vivas para um serviço prolongado constituem políticas mundanas por parte da cúpula do poder. Elevadas baixas sofridas em operações na periferia do imenso império são cobertas de forma natural pelo fluxo de recrutas¹³⁴.

No seguimento das reformas empreendidas nas décadas precedentes, as unidades regulares dos exércitos russos encontram-se organizadas de acordo com os convencionalismos europeus¹³⁵. Campanhas travadas na Finlândia conferem experiência de combate às forças que serão mobilizadas para a guerra contra a Prússia.

¹³² KONSTAM, Angus ; YOUNGHUSBAND, Bill – *Russian Army of the Seven Years War (1)*, Osprey Publishing Lda, Londres, 1996, p. 3-6.

¹³³ Ibidem.

¹³⁴ Ibidem.

¹³⁵ Ibidem.

A expansão territorial ocorrida durante o reinado do czar Pedro I estendeu a influência da Rússia a toda a Europa oriental e central, desde o Báltico ao Mar Negro. Em meados do século XVIII, o seu poder afirma-se como o potencial agente decisivo na luta que opõe o reino da Prússia ao império austríaco¹³⁶. A aliança estabelecida com a França de forma a estabelecer-se uma frente comum contra a dinastia de Brandeburgo, representa a conexão estratégica entre a vertente ocidental e oriental do continente europeu. Constituindo, o reino da Polónia, num estado subsidiário, os exércitos russos podem operar livremente no território contíguo à Prússia e coordenarem-se com as forças austríacas¹³⁷.

Contudo, o poder massivo das hostes russas é notabilizado pelas suas profusas inoperâncias, sobretudo quando enfrentando um adversário experto em múltiplos domínios da arte militar. A dificuldade de suporte logístico de extensas reuniões de tropas em campanha a grande distância dos centros urbanos do império consiste numa debilidade de efeito sensível¹³⁸. As desinteligências entre o comando do exército de linha e as chefias informais do extensivo corpo de cossacos resultam na frequente negligência da cavalaria ligeira em realizar a tarefa prioritária de batimento do terreno que lhe é incumbida. Razias sobre a população polaca e alemã por parte das tropas irregulares incrementam o ressentimento perante o russo e reduzem os víveres extraíveis do terreno.

Em consequência, o comboio de carga apoiando as forças imperiais é composto por numerosas carruagens dispostas ao longo das vastas distâncias separando a vanguarda das bases provisionais. A organização do exército tem por unidade capital o regimento, decorrendo, o reunir de brigadas e divisões, sobretudo de iniciativas *ad hoc* por parte do comando-em-chefe. A necessidade de recuo para proceder à invernagem em aquartelamentos localizados na periferia do teatro de operações ocasiona a assídua devolução, ao inimigo prussiano, de terreno previamente conquistado, viabilizando a sua ressurgência¹³⁹.

¹³⁶ Ibidem.

¹³⁷ Ibidem.

¹³⁸ KONSTAM, p. 5.

¹³⁹ Ibidem.

2.3.7. Espanha.



Fernando VII (Louis Michel Van Loo), fig. 24



Carlos III (Anton Raphael Mengs, 1761), fig. 25

No decurso das décadas precedendo a Guerra dos Sete Anos, os soberanos da dinastia borbónica, Filipe V e Fernando VI, empenharam-se em modernizar o país¹⁴⁰. Um dos principais vetores desta política consistiu no reforço dos meios militares com o objetivo de melhor assegurar a manutenção do império colonial, uma das principais fontes de riqueza para os cofres da coroa¹⁴¹.

Entre 1756 e 1759, o governo da Espanha, liderado por Ricardo Wall, favorece uma política de neutralidade perante a pugna do Reino Unido com a França¹⁴². A tibieza natural do rei Fernando VI conjugada, no último ano do seu reinado, com um luto melancólico ocasionado pelo falecimento da sua esposa, contribuem para que a Espanha evite o risco de se envolver num magno conflito¹⁴³. Contudo, quando Carlos III assume o trono, no ano de 1759, o reino passa a ser dirigido de forma personalizada por um monarca ambicioso, inspirado pelo espírito do Iluminismo.

As vitórias entretanto obtidas pelo Reino Unido sobre a França suscitam o receio, por parte do rei Carlos III, de que o império colonial espanhol seja o alvo

¹⁴⁰ LYNCH, John – *Bourbon Spain, 1700-1808*, Oxford, 1989.

¹⁴¹ Ibidem.

¹⁴² Ibidem.

¹⁴³ Ibidem.

sucedâneo do expansionismo favorecido pelo gabinete de William Pitt¹⁴⁴. De forma a prevenir-se de uma luta singular contra o poder britânico, o soberano considera vantajoso pôr termo à política de neutralidade e promover uma aproximação diplomática com Paris¹⁴⁵. A ligação dinástica borbónica e a oposição a um inimigo comum constituem as bases para o Pacto de Família firmado entre as coroas da França e Espanha em Agosto de 1761¹⁴⁶

No início do ano seguinte, a declaração formal de guerra por parte do Reino Unido¹⁴⁷ introduz uma nova potência europeia na luta pela supremacia comercial ultramarina, expandindo a incidência do conflito a adicionais espaços geográficos. Por pressão da França que procura contrariar as derrotas sofridas com a abertura de novas frentes operacionais, Carlos III decide invadir o reino de Portugal, aliado tradicional da Inglaterra, que conseguira manter-se, até ao momento, à revelia das hostilidades¹⁴⁸. O confronto em território peninsular entre os países vizinhos com o auxílio dos respetivos aliados intensifica a disputa prolongada pelo domínio dos territórios fronteiriços sul-americanos¹⁴⁹.

¹⁴⁴ ANDERSON, p. 124-125.

¹⁴⁵ Ibidem.

¹⁴⁶ Ibidem.

¹⁴⁷ ANDERSON, p. 487-490.

¹⁴⁸ ANDERSON, p. 497.

¹⁴⁹ ANDERSON, p. 497-502.

2.4. O desenrolar do conflito nos diferentes espaços operacionais.

2.4.1. Europa.

2.4.1.1. Praga e Kolin.

A Guerra dos Sete Anos principia na Europa como o resumo da luta entre a Prússia e a Áustria pela rica região da Silésia, perdida pela dinastia habsburguesa durante o conflito precedente¹⁵⁰. Perante as notícias do entendimento diplomático que se urde entre a França, Áustria e Rússia, Frederico II opta por precipitar a guerra que estima inevitável com uma ofensiva preventiva contra o estado alemão da Saxónia. Mesmo sabendo que a ação agressora irá impulsionar a mobilização geral dos seus rivais, esta estratégia visa a ocupação do reino fronteiriço antes que forças numerosas possam convergir sobre a Prússia a partir de posições geográficas excêntricas¹⁵¹.

A ofensiva surpresa é bem-sucedida em subjugar a Saxónia que permanecerá ocupada até ao termo das hostilidades, com as suas forças armadas a serem incorporadas na organização militar prussiana. Contudo, as consequências da agressão agravam um contexto diplomático da Prússia¹⁵², com a aliança urdida por Maria Teresa a integrar, também, a Suécia. Com a abertura de uma frente de guerra na sua fronteira setentrional, a dinastia de Brandeburgo irá lutar pela sobrevivência no âmago de uma malha de inimigos.

Na Primavera do ano de 1757, Frederico II dirige as suas forças para sul em direção a Praga, capital da província austríaca da Boémia. Nas vizinhanças da cidade encontra-se o exército de Carlos da Lorena, sobrinho de Maria Teresa, incumbido de conter o avanço prussiano até à chegada dos reforços que o marechal Leopold van Daun dirige para a zona de operações¹⁵³.

Pretendendo antecipar-se à reunião dos seus inimigos e aproveitar a circunstancial vantagem numérica para uma obter uma vitória em detalhe, o rei da Prússia precipita as suas tropas, ainda extenuadas pela marcha, num ataque frontal contra defensores ancorados num campo previamente escolhido. A negligência da liderança prussiana em reconhecer o terreno ocasiona que as colunas cerradas dos seus

¹⁵⁰ SEATON, Albert – *Frederick the Great's Army*, Osprey Publishing, Oxford, 1973, p. 27.

¹⁵¹ Ibidem.

¹⁵² FOWLER, p. 22.

¹⁵³ Ibidem.

granadeiros sejam conduzidas num assalto ao longo de uma planície pantanosa. Com os movimentos obstaculizados e a condição de combate já erodida antes do contato com o inimigo, as colunas prussianas são sujeitas ao fogo concentrado da artilharia austríaca. A disciplina das tropas de Frederico suporta elevadas perdas sem quebrar e força, por fim, o adversário a retirar do campo para o refúgio no interior das muralhas de Praga¹⁵⁴.

A resistência dos defensores da capital boémia ao assédio persuade, Frederico, de que um resultado proveitoso pode ser, em alternativa, obtido com a condução da maior parte das suas forças para intercetar o exército de socorro que van Daun conduz pela via de Viena-Praga¹⁵⁵. O recontro tático ocorre nas imediações da cidade de Kolin. Convicto da debilidade da presa, Frederico divide as suas forças e envia uma vanguarda com o objetivo de envolver a posição fortificada dos austríacos. Percecionando a imprecaução do inimigo, van Daun lança um contra-ataque inesperado contra o flanco distendido das colunas de marcha prussianas que, após uma luta encarniçada, são postas em debanda com pesadas baixas. A primeira derrota sofrida numa batalha campal constrange, Frederico, a retirar todas as suas forças da Boémia¹⁵⁶.

¹⁵⁴ *op.cit.*, p. 27-28.

¹⁵⁵ SEATON, p. 28.

¹⁵⁶ *Ibidem*.



Frederico, o Grande, após a batalha de Kolin, por Richard Schwager (1822-1880), fig. 26

2.4.1.2. Hanover.

A França secunda a massificação dos seus aliados contra a Prússia através do envio de um exército para a Baviera, enquanto o seu principal esforço de guerra é dirigido contra o estado de Hanover, o alvo mais exposto do domínio territorial britânico¹⁵⁷. Uma poderosa concentração de cerca de 100,000 homens sob o comando do marechal d'Estrées¹⁵⁸ é incumbida com a tarefa de conquistar o lar da casa dinástica rival, futura base negocial para a retoma de eventuais perdas no ultramar. Após o cumprimento do objetivo preliminar que consiste na ocupação de Hanover, o plano de

¹⁵⁷ FOWLER, p. 23.

¹⁵⁸ Luís Carlos César Le Tellier, Duque d'Estrées (1695-1771).

campanha francês contempla uma investida direta contra a Prússia a partir do ocidente, convergindo com os respectivos vetores de ataque austríaco, russo e sueco.

De forma a garantir a defesa do diminuto território hanoveriano perante o avanço francês, o governo britânico destaca, para o continente, tropas domésticas que se reúnem às forças locais. O firmar da aliança com a casa de Brandeburgo adiciona, ao denominado Exército de Observação sob o comando do Duque de Cumberland, um corpo prussiano destacado para a frente ocidental. O assumir do estatuto de neutralidade por parte da República das Províncias Unidas¹⁵⁹ consiste, contudo, num fator de prima importância para o desenrolar da campanha. Os heterogêneos contingentes encarregues da proteção ao estado de Hanover vêm-se privados de adicional poder humano para mitigar a superioridade do inimigo e as suas vias de comunicação com o Reino Unido ficam delimitadas¹⁶⁰.

A concentração de recursos delineada pela estratégia francesa¹⁶¹ ocasiona um avanço lento, mas decisivo para alcançar a vitória no domínio tático. A retirada de Cumberland em consequência da derrota sofrida na batalha de Hastenbeck¹⁶² provoca a deserção em massa das suas tropas. Em desespero, o general britânico opta por negociar com o inimigo a evacuação de Hanover¹⁶³, acordo subsequentemente vetado pelo rei Jorge II. O compromisso deste monarca na defesa do seu estado natal¹⁶⁴ coincide com a tomada de consciência, por parte do gabinete executivo liderado por William Pitt, de que o desvio de recursos militares e financeiros para a defesa de Hanover perante o grémio de exércitos franceses empenhados no continente, consiste na melhor forma de garantir a prevalência britânica no ultramar¹⁶⁵. Conspirando com o desejo prussiano de cobertura do seu flanco ocidental, o governo de Pitt reforça o exército anglo-alemão operando em Hanover e escolhe para o seu comando um dos generais de Frederico II, o Duque Fernando de Brunswick¹⁶⁶.

¹⁵⁹ SCHWEIZER, p. 8.

¹⁶⁰ FOWLER, p. 22-23.

¹⁶¹ FOWLER, p. 23.

¹⁶² Travada a 26 de Julho de 1757.

¹⁶³ Convenção de Klosterzeven.

¹⁶⁴ FOWLER, p. 23.

¹⁶⁵ FOWLER, p. 22-23.

¹⁶⁶ SEATON, p. 29.



Duque Fernando de Brunswick-Wolfenbützel (Johann Tischbein, 1760), fig. 27

2.4.1.3. Rossbach e Leuthen.

No seguimento da vitória alcançada sobre Cumberland e conquista das principais praças-fortes de Hanover, o passo delineado pela liderança francesa consiste no avanço dirigido contra a Prússia. Atacada por todos os lados, a situação da dinastia de Brandeburgo é crítica, malgrado a eficiência reconhecida das suas forças militares¹⁶⁷. Conta, contudo, com a vantagem de dominar as linhas interiores¹⁶⁸. Conhecedor da lentidão reativa dos exércitos chefiados pela nobiliarquia tradicional do Antigo Regime¹⁶⁹, Frederico II favorece a tomada de iniciativa contra cada um destes à vez¹⁷⁰.

¹⁶⁷ FOWLER, p. 20.

¹⁶⁸ Ibidem.

¹⁶⁹ FOWLER, p. 21.

¹⁷⁰ WINDROW, p. 99.

A sobrevivência da Prússia perante os esmagadores números dos exércitos que a envolvem¹⁷¹ - no seu conjunto mais de 400,000 homens - deve-se, em primeiro lugar, à falta de iniciativa e coordenação dos seus comandantes¹⁷². Apesar de vitoriosos sobre os destacamentos que Frederico II envia para deter a sua marcha, os chefes dos exércitos russos e austríacos renunciam a acometer contra o coração do estado prussiano, ao passo que o núcleo das forças francesas ocupando Hanover permanece inativo. Finalmente, em Novembro de 1757, um exército franco-imperial totalizando cerca de 64,000 homens sob o comando do Marquês de Soubise assume a ofensiva e marcha através da Saxónia. Decidido a enfrentar este adversário antes que possa reunir-se com outros invasores, Frederico II precipita-se ao seu encontro em marchas forçadas com apenas 23,000 homens¹⁷³.



General Seydlitz na batalha de Rossbach (Johann Christoph Frisch, 1799), fig. 28

¹⁷¹ 100,000 franceses sob o comando de d'Estrées em Hanover; 24,000 franceses e 60,000 alemães sob Soubise na Franconia; 110,000 austríacos sob van Daun na Boémia; 100,000 russos sob Apraskin na Prússia Oriental; 16,000 suecos desembarcados na Pomerânia.

¹⁷² WINDROW, p. 99.

¹⁷³ Ibidem.

A recuperação prussiana inicia-se na batalha de Rossbach, recontro militar de significado ulterior não somente para o curso do conflito em estudo, como pelo reflexo que dele emana do contraste entre duas formas de autocracia: o absolutismo tradicional e o despotismo iluminado.

Informado da proximidade de uma força prussiana que estima demasiado débil para resistir no local se acometida pela totalidade do seu comando, o duque de Soubise decide destacar 40,000 homens para uma marcha de envolvimento. Apercebendo-se da imprecaução desta manobra, Frederico II retira, furtivamente, o seu exército da sua posição original e com uma rotação de frontaria dispõe-no de forma a intercetar o trânsito do inimigo em condições otimizadas para o emprego de cada uma das suas armas¹⁷⁴.

A batalha de Rossbach consiste num exemplo histórico de eficiência militar por parte de um exército profissional bem organizado perante a inoperância de uma chefia granjeada por critérios de precedência do sangue e favor régio¹⁷⁵. O rei prussiano embosca o exército de Soubise numa posição selecta tomando partido do seu excesso de confiança e falta de reconhecimento para alcançar o efeito surpresa.

As forças franco-imperiais soçobram numa turba desordenada posta em pânico perante a massificação da artilharia prussiana num tiro em enfiada, disposição de infantaria contra o seu flanco exposto e cargas de cavalaria pesada perfurando as colunas de marcha. Pelo preço de menos de 500 baixas, os prussianos infligem mais de 8,000 ao exército inimigo, colocando os restantes em debanda¹⁷⁶.

Tendo destroçado o avanço de Soubise pela Saxónia, Frederico II assume a iniciativa contra outro dos adversários pressionando as fronteiras do seu reino. À cabeça de 34,000 homens, o monarca prussiano ataca o exército austríaco de Carlos da Lorena em operações na Silésia. Em antecipação de um ataque prussiano, este general decide confiar na sua superioridade numérica¹⁷⁷ e adota uma formatura defensiva de dupla linha côncava com uma uniformidade de força em todos os seus segmentos¹⁷⁸.

¹⁷⁴ Ibidem.

¹⁷⁵ FOWLER, p. 22.

¹⁷⁶ WINDROW, p. 99.

¹⁷⁷ 80,000 homens.

¹⁷⁸ WINDROW, p. 99.



Batalha de Leuthen, 5 de Dezembro de 1757 (Carl Rochling), fig. 29

Perante a passividade do adversário, Frederico II decide apostar numa manobra cuja dificuldade de execução se ajusta à proficiência do exército profissional sob o seu comando. O recentro de Leuthen, a segunda grande vitória alcançada por Frederico II no ano de 1757, constitui um exemplo paradigmático da aplicação da tática de batalha em diagonal¹⁷⁹. O dinamismo da ação prussiana conspira com a indecisão do comando austríaco em alterar a sua frontaria, sobretudo quando iludido pela diversão criada defronte à sua ala direita por um corpo de tropas cuja ação pretende camuflar o ataque decisivo direccionado contra o flanco oposto de uma linha de batalha estática¹⁸⁰. A tentativa austríaca de reformar é incapaz de conter a concentração de forças prussianas alinhadas em *echelon* contra o ponto de rutura e o exército de Carlos da Lorena é destroçado com enormes perdas¹⁸¹.

¹⁷⁹ Ibidem.

¹⁸⁰ FOWLER; p. 22.

¹⁸¹ Mais de 10,000 mortos e feridos, 21,000 prisioneiros, 116 canhões.

2.4.1.4. Zorndorf e Kurnesdorf.

A dimensão das vitórias que Frederico II obtém em rápida sucessão propagam o reconhecimento do seu génio militar e asseguram a retoma da iniciativa prussiana em terreno inimigo. Contudo, o fiasco da campanha do monarca na Morávia no decurso da Primavera de 1758 alenta o exército russo, sob as ordens de um novo comandante-em-chefe, Frémor, a assumir a ofensiva. Frederico II dirige-se ao encontro de um adversário cujo valor militar subestima devido à desorganização que lhe é reputada.



Carga dos couraceiros prussianos em Zorndorf (Carl Rochling), fig. 30

Na batalha de Zorndorf¹⁸², a resistência do soldado russo frente à superioridade das táticas prussianas resulta numa carnificina inconclusiva, malgrado ambos os partidos terem reclamado vitória. Confrontado com o avanço dos austríacos sobre as forças diminutas que colocara a cobrir a frente meridional do seu domínio, o rei da Prússia¹⁸³ desloca-se ao seu encontro, ocorrendo o embate tático em Hochkirch¹⁸⁴, na Silésia. Convencido que o general Leopold van Daun agiria de forma cautelosa, Frederico acampa o seu exército numa posição exposta e, em consequência, é

¹⁸² 25 de Agosto de 1758.

¹⁸³ SEATON, p. 29.

¹⁸⁴ 14 de Outubro de 1758.

surpreendido com um ataque austríaco madrugador que lhe inflige uma pungente derrota¹⁸⁵.



O Raide em Hochkirch a 17 de Outubro de 1758, por Hyacinth de La Pégna (1706-1772), fig. 31

No começo do ano de campanha de 1759, as baixas suportadas nas batalhas prévias fazem-se sentir profundamente no poder humano ao dispor do estado prussiano: cerca de 100,000 homens presentes para o serviço, a maior parte deles recrutas¹⁸⁶. A aliança contra a Prússia expande-se, pela primeira vez no decurso do conflito, de um tácito acordo diplomático para uma efetiva combinação de esforços entre as chefias imperiais¹⁸⁷. Um corpo habsburguês sob as ordens de Erns van Laudon reúne-se ao exército russo que o Conde de Saltykov conduz em marcha direta sobre Berlim após ter sobrepujado os contingentes prussianos cobrindo a frente polaca. Perante o perigo colocado sobre a capital, Frederico desloca-se a partir da Saxónia e faz convergir o máximo de forças para o seu comando. Tendo intercetado o invasor a apenas 80 quilómetros de distância de Berlim, o soberano prussiano precipita-se, conforme ao

¹⁸⁵ SEATON, p. 30.

¹⁸⁶ SEATON, p. 30.

¹⁸⁷ Ibidem.

método que adotara, num ataque contra o flanco esquerdo do inimigo com o objetivo de rolar ao longo da sua linha de batalha¹⁸⁸.



Laudon na batalha de Kunersdorf (Siegmund l'Allemand, 1878), fig. 32

A batalha de Kurnesdorf, travada a 12 de Agosto de 1759, resulta na maior derrota sofrida por Frederico II. Os grandes riscos da aplicação da ordem de batalha em diagonal, com o máximo de impulso a ser empenhado no primeiro ataque de forma a maximizar o efeito surpresa, evidenciam-se nesta ocasião. O fracasso dos prussianos em perfurar o flanco esquerdo russo que, ancorado em fortificações, suporta pesadas baixas sem ser posto em debanda, ocasiona a oportunidade para um contra-ataque conduzido por van Laudon¹⁸⁹. O general austríaco consegue manobrar as tropas ainda não

¹⁸⁸ Ibidem.

¹⁸⁹ WINDROW, p. 100.

empenhadas do exército aliado e lança um assalto massivo contra as exauridas tropas prussianas, destroçando-as com graves perdas¹⁹⁰.

A magnitude da derrota é tal que Frederico, escapado com vida a custo, considera abdicar do trono¹⁹¹. Contudo, a falta de cooperação entre russos e austríacos permite que os sobreviventes prussianos de Kunersdorf possam ser reunidos num exército com poder suficiente para atentar a defesa de Berlim. Dificuldades logísticas decidem o comando russo a renunciar a um avanço sobre a capital do estado de Brandeburgo num momento de fraqueza do inimigo¹⁹². Os efeitos da retumbante vitória alcançada pela aliança anglo-alemã contra os franceses na batalha de Minden dilui a ameaça sobre a frente ocidental da Prússia, circunstância que permite, ao seu soberano, concentrar esforços sobre as hostes austríacas sem sofrer de crítica inferioridade numérica.

2.4.1.5. Minden.

A disputa pelo domínio do território do estado de Hanover envolve grande consequência no contexto global da Guerra dos Sete Anos devido a nela se empenhar a maior parte dos recursos humanos disponíveis pela França¹⁹³. A resistência anglo-alemã coadjuva-se com a falta de visão estratégica da liderança inimiga¹⁹⁴ para transformar a fragilidade aparente do apêndice continental do império britânico num engodo¹⁹⁵. A disrupção do esforço de guerra francês em todas as frentes operacionais até uma posição de fragilidade sistêmica no ultramar consiste no resultado direto da irresolução do conflito no anfiteatro hanoveriano. Conjugada com a derrota sofrida por Soubise no recontro de Rossbach (1757), a avançada dos exércitos franceses contra a Prússia deixa de consistir numa preocupação imediata para Frederico II, mesmo virtual após a vitória alcançada por Fernando de Brunswick na batalha de Minden em Agosto de 1760¹⁹⁶.

A outorga do comando geral das tropas aliadas a este general, cunhado e íntimo do rei da Prússia¹⁹⁷, provará ser uma das mais importantes decisões tomadas pelo

¹⁹⁰ SEATON, p. 30.

¹⁹¹ WINDROW, p. 100.

¹⁹² WINDROW, p. 101.

¹⁹³ SZABO, p. 215-219.

¹⁹⁴ “Não se tenta salvar os estábulos quando a casa está a arder.” (Nicolas René Berryers, Secretário naval francês recusa providenciar, em Outubro de 1758, reforços solicitados pelo comando na América para defender a cidade do Quebec).

¹⁹⁵ “Enquanto tivemos a França como inimigo, a Alemanha foi o cenário para empregar e deflectir as suas armas.” (William Pitt, *Discurso na Casa dos Comuns* (Agosto de 1762).

¹⁹⁶ McLYNN, p. 257.

¹⁹⁷ McLYNN, p. 259-260.

gabinete de William Pitt no decurso da guerra. A desintegração do aglomerado heterogêneo de tropas servindo sob as ordens do duque de Cumberland havia clarificado a chefia executiva do Reino Unido de que a defesa dos interesses britânicos no continente europeu deveria depender de uma liderança mais apta a identificar-se com a população alemã¹⁹⁸.

Apesar do comando hanoveriano se encontrar especificamente sob as ordens do rei Jorge II¹⁹⁹, incumbido com a missão de defesa do seu estado dinástico, o rei da Prússia irá corresponder-se com Brunswick como se este exercesse uma tenência subalterna à sua própria soberania²⁰⁰. Ao reforçar, com estes vínculos, a aliança de início estabelecida sobretudo por interesses recíprocos circunstanciais com o reino situado na periferia oriental do teatro de guerra alemão, a administração britânica encontra a receita para reconverter as forças batidas e desmoralizadas do duque de Cumberland num exército capaz de resgatar o território alemão entretanto perdido para os exércitos de Luis XV²⁰¹.



Príncipe Fernando de Brunswick na batalha de Krefeld (Emil Hunten, 1860), fig. 33

¹⁹⁸ McLYNN, p. 260.

¹⁹⁹ McLYNN, p. 259-260.

²⁰⁰ Ibidem.

²⁰¹ McLYNN, p. 260.

O alento ocasionado por Rossbach²⁰² impulsiona a chefia recém empossada de Fernando de Brunswick a assumir a iniciativa com as tropas entretanto reunidas pela aliança anglo-alemã²⁰³. Na Primavera de 1758, o exército francês liderado pelo conde de Clermont vê-se forçado a abandonar a linha do Reno e a entricheirar-se numa posição mais próxima da fronteira doméstica²⁰⁴. No dia 23 de Junho de 1758, a batalha de Krefeld resulta em vitória para Brunswick que, através de uma manobra de flanco, consegue surpreender o inimigo e repeli-lo do seu reduto. Tanto a França como os Países Baixos Austríacos encontram-se agora sob ameaça de invasão, mas o oficial prussiano opta por consolidar a defesa do estado de Hanover mediante o restauro da ligação marítima com o Reino Unido²⁰⁵.

No decurso do Inverno de 1758-1759, o gabinete chefiado por William Pitt define uma política de maior envolvimento britânico no continente europeu, expedindo cerca de 9,000 homens para o comando de Fernando de Brunswick²⁰⁶. Decidido a enfrentar as tropas francesas presentes na Vestefália antes destas serem reforçadas, o general aliado assume a iniciativa e marcha ao encontro do exército do duque de Broglie²⁰⁷. Contudo, a batalha de Bergen, travada a 13 de Abril de 1759, resulta no rechazar da ofensiva de Brunswick que, desmoralizado, retira para norte de regresso a Hanover²⁰⁸.

A vitória alcançada por de Broglie permite efetuar a reunião com os reforços comandados pelo Marquês de Contades num exército incumbindo com o objetivo de pôr cobro à dispendiosa guerra neste anfiteatro com a submissão definitiva do estado dinástico da soberania britânica²⁰⁹. A conquista da fortaleza de Minden permite que o comando francês ancore as suas tropas numa posição resguardada nas margens do rio Weser²¹⁰. Convencido, contudo, da fragilidade do inimigo, Contades decide abandonar a estância guarnecida e movimenta as suas tropas ao encontro do exército de Brunswick²¹¹.

²⁰² ANDERSON, p. 299.

²⁰³ McLYNN, p. 260.

²⁰⁴ Ibidem.

²⁰⁵ Ibidem.

²⁰⁶ DULL, p. 119-123.

²⁰⁷ SZABO, p. 215-259.

²⁰⁸ Ibidem.

²⁰⁹ Ibidem.

²¹⁰ Ibidem.

²¹¹ Ibidem.



Batalha de Minden, 1760 (Dawn Waring, 1993), fig. 34

Travada no dia 1 de Agosto de 1760, a batalha de Minden consiste no mais consequente recontro tático entre britânicos e franceses no continente europeu durante a Guerra dos Sete Anos²¹². Em conjugação com o recontro de Rossbach, os seus efeitos contribuem, de forma sensível, para degradar a imagem da nobiliarquia que preside aos destinos de uma sociedade de ordens no rígido modelo francês de Antigo Regime²¹³. Se a derrota sofrida pelo Príncipe de Soubise exibira a inoperância de um exército composto por regimentos recrutados a partir de uma base senhorial perante a evolucionada organização militar prussiana, a batalha de Minden assinala a queda estatutária da cavalaria compreendendo a nobreza em armas²¹⁴.

Na disposição para a batalha, o comandante em chefe francês opta por colocar as tropas montadas no centro da linha de batalha, procedimento pouco usual mas concordante com as táticas frontais empregues pela aristocracia²¹⁵. A confiança depositada pelo Marquês de Contades na fortaleza do âmagô da sua formatura é concomitante com a sua cedência ao ensejo por glória da nata linhagística da sociedade

²¹² SZABO, p. 262.

²¹³ “Coro quando falo do nosso exército. Simplesmente não consigo pôr na minha cabeça, muito menos no meu coração, que um pacote de hanoverianos possa derrotar o exército do rei.” (Duque de Choiseul, Ministro Principal Francês).

²¹⁴ CHARTRAND, p. 3.

²¹⁵ CHARTRAND, p. 13

de ordens em combate mesmo quando contrariando o melhor interesse do coletivo²¹⁶. O desempenho do núcleo do exército francês representado pela elite nobiliárquica transforma o recontro de Minden num reflexo tanto do resultado da Guerra dos Sete Anos como do fenómeno mais lato de crise do absolutismo tradicional²¹⁷.

Uma confusão de ordens no campo aliado faz deslocar um corpo de regimentos de infantaria ao encontro dos ginetes franceses que, perante o que parecia ser um destino fatídico do inimigo exposto, carregam sobre este²¹⁸. Apesar da formação em quadrado, apta na defesa contra cavalaria, ainda não ter sido introduzida, os contingentes britânicos rechacham todas as acometidas. O subsequente avanço geral do exército de Fernando de Brunswick sobre a posição do adversário força-o a abandonar o campo em desordem com extensas perdas²¹⁹.

A iconografia de Dawn Waring intenta recriar com simbolismo expressivo a derriba da aristocracia francesa da posição de proeminência social associada ao uso da espada e detenção de montada perante o pragmática combinação de táticas da infantaria britânica. A glória da carga frontal de cavalaria soçobra perante o efeito concertado da defesa providenciada pelas baionetas das tropas pedestres, com a cadência de tiro de voleio dos soldados erguidos numa posição mais recuada e protegida. O sangue de linhagem francês é jorrado numa confusão de montadas e ginetes lançados a tropel num simples avanço em diante que traduz, entre outros aspetos, jactância elitista e arcaísmo procedimental.

O efeito devastador dos mosquetes empunhadas por uma mescla de tropas reunidas em regime *ad hoc* para defender uma saliência territorial alemã integrando um domínio imperial essencialmente marítimo reduz, até à humilhação, as pretensões de superioridade dos nobres integrando o exército do rei de França²²⁰. No campo de batalha de Minden jaz, por consequência, grande parte da identidade corpórea da mais conservadora monarquia da Europa, perigando a sua longevidade²²¹.

A notícia do recontro tem vasto impacto em ambos os campos. Fernando de Brunswick é agraciado pelo rei Jorge II e parlamento britânico. Pelo seu lado, a

²¹⁶ Ibidem.

²¹⁷ Ibidem.

²¹⁸ “Vi o que nunca pensei ser possível – uma única linha de infantaria perfurou através de três linhas de cavalaria, alinhadas em ordem de batalha, e fê-las cair em ruína!” (Marquês de Contades, comentário amargurado após a batalha de Minden).

²¹⁹ SZABO, p. 257-262.

²²⁰ CHARTRAND, p. 13.

²²¹ Ibidem.

humilhação de Minden é recebida em França com assombro e repúdio para com as tropas vencidas. A obstinada política do reino em empenhar os seus melhores recursos no ocidente alemão determina que adicionais tentativas para conquistar Hanover sejam realizadas antes do Tratado de Paris (1763) colocar termo às hostilidades. Contudo, a chefia de Brunswick irá preservar mesmo quando combatendo em considerável inferioridade numérica. As suas impressionantes vitórias são acolhidas com júbilo pela população do Reino Unido e oferecem, a Frederico II, uma sólida proteção avançada para a frente ocidental da Prússia sem necessidade de destacar mais tropas ou intervir em pessoa²²².

2.4.1.6. “O Milagre da Casa de Brandeburgo”.

O desesperado empenho de todas as reservas humanas e financeiras que pode reunir permite, a Frederico, evitar o colapso da situação estratégica do seu reino no ano de 1760²²³. Sucessos obtidos contra os austríacos nas batalhas de Leignitz (15 de Agosto) e Torgau (3 de Novembro) cumprem o objetivo prático de incrementarem a estratégia temporizadora de Leopold van Daun, comandante-em-chefe das forças do império de Habsburgo²²⁴. A sua crescente fricção pessoal com van Laudon²²⁵ impede que o uso da influência deste último junto da liderança russa se materialize numa ofensiva concertada em toda a linha contra a Prússia. Estas desinteligências entre as chefias aliadas adiam a resolução do conflito por tempo suficiente para que ocorra uma inesperada reviravolta, acontecimento que passa à História sob a denominação de: “O Milagre da Casa de Brandeburgo”.

²²² SZABO, p. 353.

²²³ WOODROW, p. 102.

²²⁴ Ibidem.

²²⁵ Ibidem.



Cerco de Kolberg no ano de 1761 (Alexander von Kotzebue (1815-1889), fig. 35

A morte da imperatriz Isabel I em Janeiro de 1762 salva a Prússia da destruição poucos dias após a conquista russa da cidade portuária de Kolberg ter aberto uma via logística pelo mar Báltico mais eficiente do que os comboios terrestres no apoio aos seus exércitos²²⁶. O sucessor ao trono, Pedro III, é uma personalidade histórica que suscita forte problemática no apreço do seu valor devido ao alcance das reformas tencionadas e ao retrato prejurativo que os seus detratores legaram²²⁷. Admirador de Frederico II, o novo czar retira a Rússia da aliança com a Áustria, devolve os territórios prussianos ocupados, medeia tréguas entre a Prússia e a Suécia e coloca mesmo um contingente de 13,000 soldados sob a ordenança do monarca de Brandeburgo²²⁸.

O novo contexto diplomático ocasiona a superioridade prussiana sobre os exércitos da monarquia habsburguesa após a perda de grande parte da sua capacidade militar desde a sangüinária batalha de Torgau, travada no ano de 1760. Tendo recuperado a iniciativa operacional, Frederico reconquista a Silésia e a maior parte da Saxónia. Contudo, quando o assassinio de Pedro III faz subir ao poder a imperatriz

²²⁶ SZABO, p. 368-370.

²²⁷ RALEIGH, Donald & ISKENDEROV, A. A. – *The Emperors and Empresses of Russia: Rediscovering the Romanovs*, M. E. Sharpe, Nova Iorque, 1996, p 127.

²²⁸ Tratado de São Petersburgo, assinado a 5 de Maio de 1762.

Catarina II²²⁹, a Rússia deixa de intervir em benefício de Frederico e opta por, simplesmente, retirar as suas tropas da Alemanha²³⁰.

Um novo impasse estabelece-se entre os poderes rivais que haviam precipitado o destrutivo conflito. O esgotamento dos respetivos recursos financeiros e isolamento diplomático²³¹ conduz, por fim, a uma resolução negociada. A 15 de Fevereiro de 1763 é assinado o Tratado de Huberstusburg, no qual a Prússia se compromete a desocupar a Saxónia como contrapartida de preservar a Silésia²³².

Os termos do tratado de paz na frente central consistem na manutenção das fronteiras existentes antes da guerra reduzindo, à ostensiva nulidade, os sacrifícios envolvidos. A Guerra na Europa resulta, assim, numa conflagração sem mudanças territoriais. Contudo, a simples existência da Prússia atendendo ao perigo que sobre ela pendera atribui-lhe a condição de vitoriosa, malgrado o estado ruinoso das suas finanças e a destruição ocasionada no seu território. A região da Silésia, cujo domínio consistira na causa cimeira para o conflito com o império austríaco, mantém-se em posse da dinastia de Brandeburgo. Pelos anos sucedâneos à guerra, providencia-se a restauração económica de um estado que sobrevivera exangue a um conflito que parecia, desde o início, sentenciar a sua destruição²³³.

2.4.1.7. Frente Marítima.

Na estratégia geral do Reino Unido, a marinha constitui um elemento estruturante para assegurar a defesa do solo insular de ameaças de invasão provindas da Europa continental. O fomento de um projeto imperialista assente no domínio do tráfico comercial ultramarino atribuí adicional importância ao reforço da superioridade naval britânica²³⁴.

No alvor da Guerra dos Sete Anos, a *Royal Navy* disputa, com primazia de recursos, o domínio marítimo com a congénere francesa. Contudo, a reversa vantagem de poder humano para o serviço nos exércitos confere, ao reino da França, potencialidade para conquistas territoriais no sequência de operações anfíbias. Nestes termos, é atribuída, às frotas britânicas, a tarefa prioritária de bloqueio dos portos

²²⁹ Coroada a 9 de Julho de 1762.

²³⁰ SEATON, p. 32.

²³¹ A França havia, entretanto, abandonado a aliança com a Áustria enquanto o Reino Unido deixara de subsidiar a Prússia.

²³² ANDERSON, p. 14.

²³³ ANDERSON, p. 150-157.

²³⁴ SZABO, p. 141.

franceses com o objetivo de estrangular a sua atividade naval, enquanto a estratégia borbônica visa a praticabilidade do emprego dos seus meios navais para um rápido transporte de tropas por via marítima sem risco excessivo de interceptação²³⁵.

Em Abril de 1756, antes da declaração formal de guerra com o Reino Unido mas já com as hostilidades a decorrerem à cerca de dois anos no distante anfiteatro norte-americano, a França decide lançar um ataque anfíbio à base inglesa estacionada na ilha de Menorca, ponto estratégico de importância devido à sua proximidade com o golfo de Marselha. A guarnição britânica resiste por tempo suficiente para que uma força de socorro sob o comando do almirante John Bying possa atingir a estância e enfrentar a frota inimiga. A vitória naval francesa, virtualmente a única de significância durante todo o conflito, ocasiona a capitulação dos defensores de Menorca²³⁶.

A sucessão de derrotas sofridas pelo Reino Unido no início da Guerra dos Sete Anos determina a nova liderança política exercida por William Pitt a partir de Julho de 1757 a utilizar a *Royal Navy* como um meio para obter sucessos capazes de suportar o esforço de guerra em todas as frentes. Uma série de descidas navais são realizadas contra pontos expostos da faixa marítima francesa com a intenção de impelir o inimigo a destacar parte das forças empenhadas na frente alemã para a vigilância da costa. Estas operações anfíbias falham, contudo, em produzir os resultados almejados devido ao seu avultado custo financeiro e incapacidade das forças britânicas em preservarem os locais conquistados²³⁷.

Durante os primeiros anos da guerra, a estratégia francesa concentrara-se em obter um resultado decisivo na Europa continental, mesmo que pelo custo da negligência em defenderem o seu espaço ultramarino. Contudo, a resistência de Hanover ao avanço dos exércitos do rei e a dependência financeira da Prússia relativamente ao Reino Unido decide, a chefia da França, a desferir um golpe jugular contra o seu oponente mais direto²³⁸. O ministro dos assuntos externos, duque de Choislul, favorece um plano de invasão da Inglaterra mediante o transporte de 50,000 a 100,000 soldados franceses pelo Canal da Mancha até à costa meridional da ilha.

Bem informados dos projetos do inimigo por via do seu serviço de espionagem, os estrategas britânicos empenham-se em usar os seus recursos navais para garantir o

²³⁵ Ibidem.

²³⁶ Ibidem.

²³⁷ SIMMS, p. 446.

²³⁸ SIMMS, p. 463-464.

bloqueio quase contínuo dos portos franceses e subtração dos seus domínios coloniais²³⁹. A resultante quebra do comércio ultramarino produz um efeito devastador na moral e finanças do reino²⁴⁰. No Verão de 1759, a frota francesa de Toulon intenta atravessar o Estreito de Gibraltar com o objetivo de atingir as Índias Ocidentais, mas o seu curso é interceptado no sul de Portugal. A batalha de Lagos, travada em 18-19 de Agosto, resulta numa esmagadora vitória britânica, cimentando a sua superioridade sobre a marinha inimiga²⁴¹. Por fim, o plano de invasão da Inglaterra sofre um abalo crítico quando, a 21 de Novembro de 1759, a frota francesa destinada a apoiar os navios de transporte que cruzariam a Mancha é destruída na baía de Quiberon. O resultado da mais importante batalha naval da Guerra dos Sete Anos põe termo ao projeto de invasão da Inglaterra²⁴².

²³⁹ McLYNN, p. 252.

²⁴⁰ McLYNN, p. 236.

²⁴¹ McLYNN, p. 252.

²⁴² Ibidem.



Batalha da Baía de Quiberon (Richard Wright, 1760), fig. 36

No ocaso do “Anno Mirabilis”, o Reino Unido havia garantido a supremacia naval sobre a França. Em virtude da ameaça pendente sobre o seu comércio mercantil, a França sofre uma crise de crédito com a falta de confiança dos investidores forçando, o governo, a acrescentar ao endividamento do reino para suportar uma guerra ruinosa. A incapacidade de expedir tropas para a frente norte-americana por perigo da sua interceção pela *Royal Navy* sentencia a Província do Canadá a uma defesa desesperada contra os recursos concentrados pelo inimigo no anfiteatro americano²⁴³.

2.4.1.8. A “Guerra Fantástica”.

O ano de 1762 assinala a entrada no conflito que conflagra as principais potências da Europa dos reinos de Portugal e da Espanha, expandindo a incidência das hostilidades para o seu máximo espectro espacial com a inclusão dos respetivos territórios metropolitanos e domínios coloniais. Durante o reinado de Fernando VI, a política espanhola favorecera o não envolvimento bélico no plano das relações externas ao passo que prevenindo uma eventual entrada na guerra com o reforço da organização e meios militares²⁴⁴.

²⁴³ McLYNN, p. 236-237.

²⁴⁴ LYNCH, John – *Bourbon Spain, 1700-1808*, Oxford, 1989.

A subida ao trono de Carlos III incrementa a tendência reformista da dinastia borbónica com o assumir mais personalizado do poder por um monarca afeto às ideias iluministas²⁴⁵. Perante a vantagem alcançada pelo Reino Unido sobre a França tanto na frente europeia como ultramarina, o rei espanhol considera imperativo garantir a segurança do império através de uma diplomacia que evite um isolacionismo na cena internacional²⁴⁶. De forma a reunir recursos contra o expansionismo marítimo do Reino Unido, Carlos III toma partido da comum linhagem borbónica para firmar o denominado Pacto de Família com a monarquia francesa. Devido à associação linhagística entre o rei de Espanha e a Casa de Bragança, Portugal é convidado a integrar uma coligação urdida para o propósito de dispor três potências ultramarinas europeias num bloco contra a tentativa britânica de alcançar uma hegemonia²⁴⁷.

Contudo, a tácita aliança histórica entre o Reino Unido e Portugal conjuga-se com a estrita política de neutralidade perseguida por um país afetado pelas consequências do terrível terramoto que arrasara a cidade de Lisboa no ano de 1755²⁴⁸. Em face do acontecimento, o ministro do reino, Sebastião de Carvalho e Melo, priorizara a reconstrução da capital. As despesas envolvidas nessa tarefa representam o observar dos recursos financeiros do reino, ademais minuídas com a redução progressiva do fluxo de ouro do Brasil e das receitas extraídas da produção açucrinha com a baixa dos preços nos mercados europeus²⁴⁹.

Durante os anos sucedâneos ao terramoto, as forças armadas são preteridas no seu financiamento por parte da coroa, motivo acrescido para que Portugal se mantenha à margem do magno conflito. No início da década de sessenta, a armada está reduzida a apenas três navios de linha e o exército sofre com falta de soldo²⁵⁰.

O estado de fraqueza do reino é de tal forma evidente para os observadores estrangeiros que a sua conquista se dispõe como um fácil empreendimento para as forças arregimentadas pela aliança franco-espanhola. Em face da recusa portuguesa em declarar guerra ao Reino Unido, fechar os seus portos ao comércio com agentes

²⁴⁵ Ibidem.

²⁴⁶ Ibidem.

²⁴⁷ PACK, S. W. C. – *Sea Power in the Mediterranean: A Study of the Struggle for Sea Power in the Mediterranean from the Seventeenth Century to the Present Day*, Arthur Barker Limited, 1971, p. 68.

²⁴⁸ LIVERMORE, H. V. – *A New History of Portugal*, 1966, Cambridge University Press, Cambridge, p. 232.

²⁴⁹ Ibidem.

²⁵⁰ LIVERMORE, p. 234.

britânicos e anuir à ocupação do Porto e de Lisboa, as fronteiras do reino são transpostas por um largo contingente de tropas espanholas²⁵¹.

A primeira das três invasões integrando a denominada “Guerra Fantástica” é conduzida pela Galiza e tem como objetivo a sujeição das principais praças do território de Trás-os-Montes antes de uma convergência de forças sobre o Porto. Este plano de avanço apoiado, com temporização, em detrimento de uma marcha rápida visando a simples ocupação da segunda cidade do reino para a constituir em base logística, irá revelar-se um erro por parte do comando espanhol devido à dificuldade de provisionar as suas tropas numa região periférica pobre e com más vias de comunicação²⁵².

A fácil ocupação das cidades transmontanas, desprovidas de meios de defesa, persuade a chefia espanhola da solidez do seu plano de conquistas sustentadas. Contudo, as necessidades logísticas ocasionam a dispersão de tropas pelas zonas campestres com o objetivo de garantir o seu sustento através do recurso a requisições e pilhagens. Em resultado das atrocidades cometidas pela soldadesca, uma sublevação popular contra o invasor germina no norte de Portugal²⁵³.

As colunas espanholas, separadas no cumprimento dos diversos objetivos operacionais, começam a sofrer flagelação guerrilheira durante a sua marcha pelas regiões montanhosas²⁵⁴. A aplicação de uma política de terra queimada provoca a subnutrição das forças regulares e o seu sucumbir à doença. Enfermos e feridos deixados pelo caminho são, com frequência, massacrados pelos residentes²⁵⁵.

O comando espanhol decide-se, por fim, a proceder a um avanço dinâmico através da orografia nortenha em direção ao Porto²⁵⁶. Contudo, o estado debilitado das suas tropas ocasiona o fracasso desta tentativa perante a resistência da cidade litoral. Incapazes de se sustentarem no terreno, os invasores são compelidos a retirar de regresso à Galiza com perdas estimadas entre oito a dez mil homens²⁵⁷.

A oportunidade para conquistar o norte de Portugal antes do reino poder mobilizar recursos humanos através de uma política de estado ou receber reforços por parte do aliado britânico resulta em fracasso. O resultado da ação popular irá inspirar a

²⁵¹ DANLEY, p. 438.

²⁵² ANDERSON, p. 447.

²⁵³ DANLEY, p. 439

²⁵⁴ Ibidem.

²⁵⁵ Ibidem.

²⁵⁶ BARRENTO, António – *Guerra fantástica 1762: Portugal e o Conde de Lippe e a Guerra dos Sete Anos*, Tribuna da História, 2006, p. 55-56.

²⁵⁷ Ibidem.

resistência indígena contra os exércitos arregimentados pela aliança franco-espanhola nas subseqüentes invasões²⁵⁸.

No seguimento da derrota sofrida na região de Trás-os-Montes, a chefia espanhola reúne as suas forças na fronteira central do país vizinho para um avanço direto sobre Lisboa. A importância dos efeitos (30,000 espanhóis e 12,000 franceses) parece garantir o sucesso da operação mesmo perante o desembarque de um exército expedicionário britânico de cerca de 7,000 homens²⁵⁹. Os conflitos entre esta tropa estrangeira e as forças portuguesas determinam o ministro Sebastião de Carvalho e Melo a encontrar uma chefia proveniente da escola militar prussiana²⁶⁰. A seu pedido, o conde de Schaumburg-Lippe é escolhido como supremo comandante aliado, com a tarefa específica de proceder à restauração do valor bélico do exército português, compreendendo cerca de 40,000 homens entre regulares e milícias²⁶¹. Num curto espaço de tempo, este líder desmobiliza as tropas autóctones avaliadas como incapazes para o serviço e seleciona apenas 7,000 homens para serem convertidos numa força confiável²⁶².

²⁵⁸ DANLEY, p. 436.

²⁵⁹ DALTON, Charles – *George the First's Army 1714-1727*, Volume 1, Naval & Military Press, reimpressão, 2016, p. 31.

²⁶⁰ BARRENTO, p. 55-56.

²⁶¹ AZEVEDO, p. 249.

²⁶² Ibidem.



Conde de Schaumburg-Lippe
(Johann Ziesenis, circa 1770), fig. 37

O fundamental do plano de campanha de Lippe consiste em evitar envolver-se em batalhas de linha, antes batendo um inimigo mais numeroso na manobra e uso do terreno. Golpes incisivos serão preferencialmente dirigidos contra colunas de marcha em locais propícios e postos isolados integrando a cadeia logística²⁶³. Operações de infiltração em profundidade contra os depósitos de abastecimento do invasor articulam-se com uma política de terra queimada e incentivo à sublevação popular²⁶⁴.

Neste cenário, as superiores forças espanholas serão vencidas pela dificuldade de encontrar a sua subsistência num território erodido pela guerrilha autóctone. O uso de uma estratégia defensiva assente na cedência de terreno evita que os compactos regimentos borbónicos tenham oportunidade para o contato tático²⁶⁵.

A facilidade da conquista das praças-fortes fronteiriças da Beira persuade, o comando espanhol encabeçado pelo conde de Aranda, da segurança da sua rede logística para prosseguir a marcha sobre Lisboa. De forma a garantir que o invasor se manteria na margem norte do rio Tejo ao invés de aceder às planícies do Alentejo onde o uso da sua cavalaria seria facilitado, Lippe destaca tropas para bloquear os pontos de travessia fluvial e deixa a passagem em direção ao centro do território português aberta.

²⁶³ DANLEY, p. 436.

²⁶⁴ DANLEY, p. 447.

²⁶⁵ Ibidem.

Quando o invasor prossegue na direção pretendida, o generalíssimo aliado recorre à guerra de guerrilha para flagelar as suas colunas de marcha nos locais expostos²⁶⁶. Por fim, a marcha espanhola é detida na região montanhosa de Abrantes onde se centraliza o comando de Lippe²⁶⁷. Desprovida de grande parte do seu poder humano por motivo das guarnições deixadas nas praças-fortes cuja ocupação se revela, presentemente, uma armadilha estratégica, a vanguarda do exército espanhol é incapaz de perfurar o dispositivo defensivo luso-britânico, sujeitando-se a uma contenda de atrito numa posição estática.

Com as suas comunicações distentidas ao longo do espaço conquistado, as tropas de Aranda vêm-se privadas de adequado suprimento logístico numa região pobre com populações sublevadas. Em contraste, as forças de Lippe são providas pela conexão estabelecida com o litoral português onde se situam as principais urbanizações. As baixas ocasionadas pela guerrilha, subnutrição, doenças e deserções devasta os efetivos da hoste invasora. A moral espanhola sofre um abalo crítico quando uma força-tarefa aliada realiza um amplo movimento envolvente e ataca a retaguarda do inimigo estabelecida na cidade de Castelo Branco²⁶⁸.

O corte das comunicações do exército invasor com as suas bases na Estremadura espanhola provoca o colapso da sua resistência. As unidades regimentais desagregam-se numa turba que retira pelas varedas da Beira, fustigada pela perseguição aliada. De forma a evitar o aprisionamento, o conde de Aranda abandona as fortalezas tomadas e retira com o que resta das suas tropas para a Espanha. Antes do término de 1762, quase todo o território português havia sido liberto, com perdas dos invasores a serem estimadas em cerca de 30,000 homens, contra poucas centenas de baixas sofridas pelas forças luso-britânicas²⁶⁹.

Uma terceira e última tentativa borbónica para conquistar Portugal é realizada antes da solicitação para negociações de paz. Tendo considerado os erros cometidos na campanha da Beira, o conde de Aranda decide avançar sobre Lisboa através do Alentejo. De forma a evitar novo colapso logístico, o comandante espanhol divide as suas forças em unidades autónomas incumbidas com diferentes missões operacionais²⁷⁰.

²⁶⁶ AZEVEDO, p. 241.

²⁶⁷ SANTIAGO, Mark – *The Red Captain: The Life of Hugo O’Conor, Commandant Inspector of the Interior Provinces of New Spain*, Arizona Historical Society, 1994, p. 14.

²⁶⁸ AZEVEDO, p. 241.

²⁶⁹ DANLEY, p. 446.

²⁷⁰ Ibidem.

Contudo, Lippe havia reforçado de forma preventiva as praças da fronteira alentejana, de forma que os ataques espanhóis dirigidos contra estes objetivos estratégicos resultam numa sucessão de fiascos. Ao ser informado da nova invasão, o exército aliado, compreendendo um número crescente de recrutas portugueses alentados pelas vitórias prévias, desloca-se para a margem sul do Tejo de forma a opor-se ao invasor. Perante a mobilização do inimigo e consequente perda do efeito surpresa, Arenda solicita, em finais de Novembro, tréguas. A paz irá firmar-se com o Tratado de Paris, assinado em Fevereiro de 1763²⁷¹.

²⁷¹ Ibidem.

O domínio do espaço é assegurado por uma rede de fortificações distribuídas ao longo dos principais cursos de água²⁷⁶. A presença colonizadora é diminuta a nível demográfico, assumindo contornos sobretudo comerciais e missionários²⁷⁷. A iconografia de época explana a importância territorial dos povos índios na região dos Grandes Lagos em contraste com a presença pontual de fortificações coloniais.

A ação jesuítica promovera uma cristianização pacífica de populações índias enquanto membros da aristocracia francesa conduzindo o governo local aderiram ao ritualismo autóctone. O exemplo de Frontenac²⁷⁸, governador da Nova França durante a segunda metade do século XVII, favoreceu um modelo de colonialismo baseado na recíproca aculturação²⁷⁹.



Padre Marquette e os Índios no Rio Mississippi
(Wilhelm Lamprecht, 1869), fig. 39



Frontenac com aliados índios (c.1690)
(Charles William Jefferys), fig. 40

Num plano cartográfico, a imensidão deste espaço denominado de Nova França envolve as colónias britânicas sedimentadas ao longo da costa atlântica. A ameaça que a zona de controlo francesa representa para uma futura expansão territorial determina o Reino Unido ao conflito²⁸⁰.

²⁷⁶ FOWLER, p. 3.

²⁷⁷ Ibidem.

²⁷⁸ Luis de Buade, Conde de Frontenac e de Palluau, governador geral da Nova França.

²⁷⁹ FOWLER, p. 8.

²⁸⁰ PILLORGET, p. 250.

A ocupação britânica da América do Norte assume uma expressividade demográfica contrastante com a da rival europeia. Em meados do século XVIII, conta com meio milhão de colonos em oposição aos cerca de oitenta mil residentes franceses. O simples peso dos números sobejaria para garantir o triunfo num confronto de armas não compreendessem relevo as especificidades da geografia física e elemento indígena.

Apesar de integrar o plano global da Guerra dos Sete Anos, o conflito que principia em 1754 no anfiteatro norte-americano é denominado, pela historiografia, por Guerra Franco-Índia. Cerca de dois anos antes do início formal das hostilidades entre as potências europeias, ocorrem confrontações locais ao longo das fronteiras das respectivas áreas de ocupação²⁸¹.

Apesar da superioridade dos recursos humanos das treze colônias, a falta de saber da administração provincial britânica em operar numa escala tão vasta em terreno impróprio para providenciar a logística de tropas segundo os trânsmites da guerra na Europa, determina o sucesso inaugural das forças francesas²⁸². A organização da Nova França, coligindo os colonos no credo e estrutura senhorial, resulta em maior adaptabilidade às condições locais. Em antinomia, a falta de cooperação entre o oficialato britânico incrementa a dispersão das suas forças por comandos apartados e as requisições impostas aos colonos desvelam o gérmine dos ressentimentos que irão, a prazo, desencadear a revolta contra o poder metropolitano²⁸³.

A dificuldade de mover tropas coloniais através das florestas americanas determinou a importância do emprego de guias nativos melhor familiarizados com a paisagem. O corpo de tropas coloniais da Nova França contará com o auxílio de guerreiros índios, expertos na batida de terreno e navegação através de canoas ao longo dos principais cursos de água²⁸⁴. A posse dos fortificados construídos para dominarem estas vias de comunicação constitui o objetivo estratégico seletivo presidindo às campanhas empreendidas pelos beligerantes europeus²⁸⁵.

Entre 1754 e 1755, a Guerra Franco-Índia tem como principal anfiteatro o vale do rio Ohio, situado na Pensilvânia ocidental. Na sequência de escaramuças preliminares entre colonos de proveniência virginiana e tribos nativas aliadas com

²⁸¹ ANDERSON, introdução.

²⁸² WINDROW, p. 197.

²⁸³ FOWLER, p. 2.

²⁸⁴ FOWLER, p. 12.

²⁸⁵ FOWLER, p. 8.

franceses canadenses, a primeira batalha ocorre quando o Forte Necessity, posto avançado da coroa do Reino Unido na América, é tomado pelo inimigo²⁸⁶.

A escalada do conflito até uma dimensão global principia com a mobilização do exército provincial britânico. Um numeroso corpo de tropas - atendendo aos meios empregues no ultramar - é organizado pelo comandante-em-chefe, Edward Braddock, recém-chegado do Reino Unido. O seu objetivo consiste em apoderar-se do Forte Duquesne, base da colonização francesa no disputado território da Pensilvânia²⁸⁷.

A grande dificuldade da expedição consiste em providir as tropas regulares com adequada logística. Para esse efeito, a chefia britânica decide-se por abrir um trilho – denominado *Braddock's Road* – pelo preço do acréscimo da lentidão do avanço. Os franceses têm, em consequência, oportunidade para mobilizar guerreiros das tribos índias com as quais haviam estabelecido laços de amizade desde à longo tempo. Quando a vanguarda da coluna de marcha britânica atinge o rio Monongahela²⁸⁸, situado a cerca de dez milhas a sul do objetivo, um corpo de tropas francesas apoiado por algumas centenas de nativos lançam-se ao ataque²⁸⁹.

A obstinação de Braddock em combater segundo os cânones europeus, com formações alinhadas e fogo por voleio, provoca o embaraço dos grandes britânicos em manobrar no terreno florestado da fronteira norte-americana. A capacidade de ocultação das forças índias permite-lhes carregar de forma súbita ou atingir o inimigo organizado em densas fileiras²⁹⁰. O tiro dos auxiliares nativos dispersos pelos flancos da formação britânica conjugado com o impulso das tropas francesas regulares provoca o recuo da vanguarda inimiga que, tomada de pânico, se embrenha com as reservas enviadas em seu socorro. Na confusão que se sucede, o exército invasor perde quase metade dos seus efetivos até, por fim, retirar, abandonado grande parte do comboio de carga²⁹¹.

O resultado desastroso da expedição de Braddock resulta numa estratégia de recolhimento por parte do governo provincial, abandonando os colonos fronteiriços às iniciativas depredatórias dos índios²⁹². A falta de poder humano impede que o comando francês explore a fundo a vitória alcançada no anfiteatro da Pensilvânia. Contudo, na

²⁸⁶ 3 de Julho de 1754.

²⁸⁷ ANDERSON, p. 50-70 .

²⁸⁸ No dia 9 de Julho de 1755.

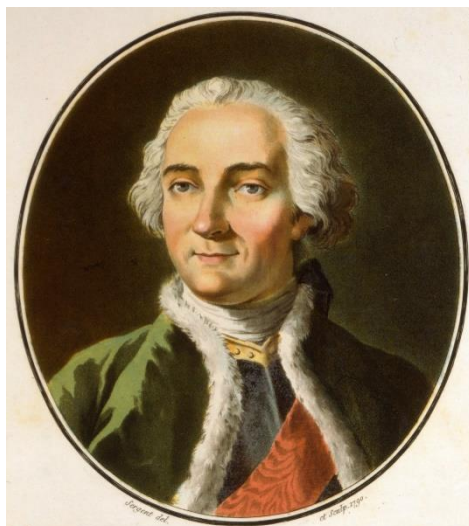
²⁸⁹ ANDERSON, p. 50-70 .

²⁹⁰ ANDERSON, p. 102-103.

²⁹¹ Ibidem.

²⁹² McLYNN, p. 35-36.

Primavera de 1756, uma magna ofensiva liderada pelo Marquês de Montcalm, general divisionário destacado da metrópole para exercer a chefia geral na América, inicia-se a partir das bases coloniais localizadas no Lago Ontário, com o objetivo de subjugar as fortificações britânicas mais salientes²⁹³.



Luís José de Montcalm, 1790, fig. 41

A chegada de tropas regulares francesas a Montreal em Maio de 1756 ocorre justamente antes da declaração de guerra formal do Reino Unido à França, no dia 18 desse mês. A segunda fase da guerra franco-índia, compreendendo os anos de 1756-1757, é caracterizada por uma série de expedições destramente concebidas por Montcalm contra postos estratégicos britânicos dominando vias fluviais na periferia do seu domínio colonial²⁹⁴.

A vastidão do teatro operacional compreendendo extensas áreas quase despovoadas entre posições cartográficas, determinou que a fraqueza numérica francesa fosse, de início, compensada pela concentração de recursos nas operações dirigidas por Montcalm. Reunindo num comando concentrado uma mistura de forças regulares, provinciais e guerreiros indígenas, o general francês surpreende o inimigo com a sua intrépida iniciativa e, tirando partido do desentendimento entre os oficiais britânicos, derrota-os em sequência mediante a obtenção de vantagem tática local²⁹⁵.

²⁹³ WINDROW, p. 197.

²⁹⁴ Ibidem.

²⁹⁵ Ibidem.



Forte Oswego (J. Walker, 1877), fig. 42

A primeira dessas vitórias ocorre com a conquista do Forte Oswego, ponto mais exposto da presença britânica no território dos Grandes Lagos. O emprego de técnicas de assédio europeias revela-se eficaz na subjugação do forte com perdas mínimas para os franceses²⁹⁶. A complementaridade entre a ciência e tecnologia militar setecentista com as aptidões dos nativos americanos traduz-se no estreitar do relacionamento entre os aliados que denomeiam a Guerra Franco-Índia.

O carisma pessoal e talento diplomático do novo comandante causam particular impressão entre as tribos índias, compelindo-as a um devotado apoio. Num teatro que se caracteriza pela falta de mobilidade das tropas coloniais e ausência de linhas da frente, os nativos têm ampla oportunidade para montar emboscadas às colunas de marcha e cercar as vias de comunicação entre postos distanciados. O conflito norte-americano padroniza-se por investidas das tropas regulares auxiliadas por milícias provinciais contra fortificados, em concerto com iniciativas de infiltração disruptiva protagonizadas pelo elemento indígena²⁹⁷.

No ano de 1757, Montcalm reúne um corpo de tropas compreendendo cerca de 8,000 homens e assalta outro ponto vulnerável do inimigo, o Forte William Henry, situado na vertente sul do Lago Jorge. O préstimo das populações índias permite, aos

²⁹⁶ ANDERSON, p. 152-153.

²⁹⁷ WINDROW, p. 197.

franceses, transportar artilharia de assédio em embarcações improvisadas de forma a sujeitar o baluarte a um prolongado bombardeamento²⁹⁸.



A vitória das tropas de Montcalm em Carillon, (Henry Alexander Ogden (1854-1936), fig. 43

A contraprodução do uso de forças nativas revela-se no massacre de parte da guarnição britânica a quem Montcalm prometera salvo conduto após terem rendido a praça. A aliança franco-índia sofre adicional revés quando uma epidemia de varíola, provavelmente dissiminada a partir do Forte William Henry, provoca, no decurso do Inverno, a mortandade entre as tribos da região dos Grandes Lagos. A quebra no comércio de peles é acompanhada por uma má colheita para acentuar o enfraquecimento da Província do Canadá. O bloqueio empreendido pela marinha britânica incentiva os decisores estratégicos da França a renunciarem ao envio de tropas para a frente norte-americana²⁹⁹.

²⁹⁸ Ibidem.

²⁹⁹ Ibidem.

Na segunda metade do ano de 1758, os britânicos alcançam resultados tangíveis contra as posições francesas nos extremos do teatro de guerra³⁰⁰. A expedição liderada por John Forbes no vale do rio Ohio subjuga o Forte Duquesne³⁰¹ e a poderosa fortaleza de Louisburgo é capturada na sequência de um assédio³⁰². Contudo, a iniciativa dirigida contra o âmago do complexo colonial francês sofre um revés nas imediações do Forte Carrilon³⁰³ quando o exército de 18,000 homens liderado pelo comandante-em-chefe britânico, James Abercrombie, é batido pelos 3,500 efetivos de Montcalm.

A repulsa da ofensiva britânica no epicentro do teatro provincial confere ainda incerteza quanto ao desenlace da luta³⁰⁴. Contudo, quando o comando francês na América solitica reforços para defender a cidade do Quebeque, a resposta do Secretário Naval, Nicolas René Berryers, é taxativa: “Quando a casa está a arder, não se acode às cavaliças”. A opção de concentrar recursos na frente hanoveriana pronuncia o fim da resistência da Nova França.

A dimensão dos sucessos britânicos obtidos durante o ano de 1759 merece-lhe o epíteto de “Annus Mirabilis”. Para substituir James Abercrombie, o gabinete executivo de William Pitt seleciona Jeffery Amherts, oficial que se distinguira na condução do assédio de Louisbourg. O plano do novo comandante-em-chefe consiste em utilizar os meios de que dispõe para sustentar um avanço dinâmico em três frentes operacionais. O ataque sincrónico à Província do Canadá almeja impedir que os franceses retirem o melhor partido do domínio das linhas interiores para uma transferência de tropas entre sectores. No ocaso do ano de campanha de 1759, as iniciativas britânicas haviam sido coroadas de êxito³⁰⁵.

Sob a liderança direta de Amherts, um exército compreendendo cerca de 11,000 efetivos realiza nova tentativa para tomar o Forte Carillon, desta vez coroada de êxito com a sua rendição em Julho de 1759³⁰⁶. O general britânico dispõe de forças suficientes para um assalto direto à cidade de Montreal mas opta por exercer sobre ela uma simples ameaça de forma a fixar os seus defensores numa posição estática, desta

³⁰⁰ Ibidem.

³⁰¹ ANDERSON, p. 280-283.

³⁰² ANDERSON, p. 208-209.

³⁰³ ANDERSON, p. 243.

³⁰⁴ FOWLER, p. 139.

³⁰⁵ ANDERSON, p. 260-285.

³⁰⁶ ANDERSON, p. 240-249.

forma contribuindo para o sucesso dos ataques dirigidos contra os flancos do domínio francês³⁰⁷.

O primeiro dos movimentos em pinça tem como objetivo o Forte Niagara³⁰⁸, importante posto estratégico conectando a Província do Canadá ao território do vale do Ohio. Evadindo-se da vigilância dos navios franceses operando no lago Ontário, uma força expediciária britânica sob o comando de John Prideux atinge o reduto e inicia o assédio. A tenaz resistência da guarnição do forte permite que o seu pedido de auxílio providencie a organização de uma força de socorro chefiada por Le Marchand de Lignery³⁰⁹. Contudo, a desafeição dos índios relativamente aos antigos aliados resulta na sua deserção durante a marcha. Lignery conduz os seus homens sem adequada batida e é emboscado a cerca de duas milhas de distância do Forte Niagara na batalha de La Belle-Famille, travada no dia 24 de Julho. Esta derrota ocasiona a imediata rendição das forças defendendo o reduto. Aparte a subsistência de enclaves isolados na margem setentrional do lago Ontário e embocadura do rio Ohio, o exercício do domínio colonial francês encontra-se agora praticamente reduzido ao vale do rio São Lourenço.

A cidade do Quebec, situada num promontório dominando a embocadura do curso fluvial, consiste na chave para a penetração no âmago da Província do Canadá³¹⁰. Uma força expedicionária é colocada sob o comando de James Wolfe, jovem oficial britânico que se distinguira no assédio de poderosa praça de Louisburgo (1758), cuja conquista era essencial para viabilizar uma operação anfíbia no São Lourenço. A experta marinhagem britânica é bem sucedida em navegar pelas águas difíceis do rio e proceder ao desembarque das tropas na margem sul, oposta aos rochedos protegendo Quebec. Um longo assédio de três meses inicia-se com a força britânica na expectativa de ser reforçada pelo exército de Amherst que, tendo tomado o Forte Carrillon (rebatizado de Ticonderonga), pode deslocar-se ao seu encontro³¹¹.

Contudo, a renúncia do comandante-em-chefe em apoiar Wolfe coloca este numa posição periclante a nível logístico, impelindo-o a forçar uma decisão. O oficial britânico embarca as suas tropas e evadindo-se da vigilância francesa sobe o curso do rio até uma distância segura do alcance das baterias defendendo a praça de Quebec.

³⁰⁷ Ibidem.

³⁰⁸ ANDERSON, p. 330-339.

³⁰⁹ WINDROW, 329-330.

³¹⁰ ANDERSON, p. 350-360.

³¹¹ Ibidem.

Os grandes britânicos atingem um ancoradouro na margem setentrional e sobem a íngreme falésia até ao local conhecido por Planície de Abraão³¹².



Batalha das Planícies de Abraão. (Hervey Smith, 1797), fig. 44

Por fim informado da presença do inimigo nas cercanias da cidade, Montcalm decide agir de imediato contra este e, sem reunir a totalidade das suas forças, lança as que dispõe num ataque frontal. Um tiro de voleio executado pela formação linear britânica devasta as colunas francesas, praticamente decidindo o combate no momento. No decurso da perseguição das tropas de Montcalm, James Wolf é atingido mortalmente, destino fatídico no momento do triunfo que o transformará num símbolo nacional³¹³.

A disciplina da infantaria britânica resiste à perda da chefia e prossegue no encalço dos fugitivos que retiram de regresso ao Quebeque. O espírito francês sofre adicional abalo quando Montcalm é ferido com gravidade e falece pouco tempo após ter sido transportado para o interior da cidade. Temendo que o estado de desânimo das tropas as decida pela rendição se sujeitas a um assédio em regra, o governador-geral da Nova França³¹⁴ ordena o abandono da praça. O que resta da sua guarnição capitula no dia 18 de Setembro de 1759³¹⁵.

³¹² Ibidem.

³¹³ Ibidem.

³¹⁴ Marquês de Vaudreuil (1698-1778).

³¹⁵ Ibidem.

Na Primavera de 1760 os franceses realizam um último esforço para reverter a evolução da luta no norte da América. Partindo de Montreal, um exército liderado por Gaston de Levis alcança um sucesso inicial na batalha de Sainte-Foy³¹⁶ e coloca Quebeque sob assédio. Contudo, a derrota da força naval incumbida com a missão de reabastecer as forças francesas compele-as a levantar o cerco e retirarem-se de regresso a Montreal³¹⁷.

O comando britânico está agora apto a concluir a guerra, fazendo convergir as suas forças sobre Montreal. No dia 8 de Setembro de 1760, a capital da Província do Canadá capitula³¹⁸. A vitória britânica consuma-se com a subsequente libertação das tropas reunidas no anfiteatro para operações noutras regiões, nomeadamente, as Caraíbas.

2.4.2.2. Senegal, Caraíbas, Filipinas e América do Sul.

Contrapondo-se ao desinteresse em fomentar o investimento colonial no imenso espaço da Nova França, a exploração das Caraíbas é uma das preocupações centrais da política metropolitana³¹⁹. A riqueza açucrinha de São Domingo (Haiti) confere-lhe a condição de mais importante das possessões francesas nas Índias Ocidentais. A sua articulação comercial com as outras ilhas caribenhas, Guiana e Senegal estrutura um complexo atlântico ultramarino de importância sensível para a economia da França. O comércio de peles norte-americano havia já decaído antes do início da guerra com o Reino Unido, de forma que o enfoque do reino consiste na defesa dos seus interesses nas Antilhas e costa africana.

A Guerra dos Sete Anos assinala a superioridade das forças navais britânicas na vastidão da sua escala global ultramarina convertendo, o ocupar das zonas territoriais, numa extensão do domínio exercido sobre o elemento aquoso. A estratégia geral do Reino Unido consiste em tirar partido dessa condição de hegemonia marítima para proceder à conquista das colónias das potências rivais através de operações anfíbias.

Cerca de um quarto das despesas públicas do Reino Unido durante o conflito são atribuíveis ao direto financiamento do ramo naval, valor que deve levar em consideração a capacidade preliminar da *Royal Navy*. Resulta desta equação uma

³¹⁶ 28 de Abril de 1760.

³¹⁷ WINDROW, p. 197.

³¹⁸ Ibidem.

³¹⁹ McLYNN, p. 92.

superioridade de meios que permite o destacamento de frotas para vários anfiteatros de guerra em simultâneo, enquanto preservando vantagem num confronto tático mesmo perante uma concentração de recursos por parte dos seus adversários europeus.

Um dos primeiros alvos da marinha britânica consiste no entreposto francês de São Luís, situado na embocadura do rio Senegal³²⁰. Com o objetivo de agredir um dos setores mais desguarnecidos do domínio imperial inimigo, é dirigida, na Primavera de 1758, uma expedição contra a estância que capitula sem oferecer resistência. O sucesso desta iniciativa encoraja, o gabinete britânico, a investir na submissão da presença francesa na ilha de Goreia e na Gâmbia, objetivo que é concretizado antes do final do ano. Apesar do escasso valor militar destes enclaves situados no litoral africano, a sua importância ao nível do mercado escravagista representa um rude golpe na organização colonial francesa³²¹.

No seguimento da conquista da costa do Senegal, a estratégia britânica de asfixia económica da França define a submissão das suas colónias nas Caraíbas como subsequente objetivo. A produção açucrinha é, no século XVIII, de enorme importância para as metrópoles europeias, compreendendo a subtração de parcelas do domínio insular das Índias Ocidentais, elevado impacto tanto a nível financeiro como moral. Neste contexto, uma força-tarefa britânica de dez navios de linha transportando cinco mil soldados é despachada para a região, incumbida com a tarefa de submeter o império ultramarino francês.

A ilha de Martinica é selecionada como alvo inicial mas a tentativa para reduzir as suas defesas termina em fiasco³²². O comando da frota decide mudar de objetivo e rumo para a ilha de Guadalupe³²³. Uma dura campanha anfíbia que se prolonga por cerca de três meses força, por fim, o governador local, a capitular, no dia 1 de Maio de 1758. A França perdera uma das suas mais importantes possessões coloniais, conforme atesta a preferência da sua diplomacia por anuir à perda de todo o território do Canadá a troco da devolução da ilha ao abrigo dos termos do Tratado de Paris (1763).

Após a conquista de Guadalupe, o fundamental do esforço de guerra do Reino Unido é remetido para o anfiteatro de guerra norte-americano. Contudo, nos finais de 1760, a vitória sobre os franceses no Canadá está consumada e um largo número de

³²⁰ McLYNN, p. 99.

³²¹ ANDERSON, p. 306.

³²² ANDERSON, p. 312-313.

³²³ McLYNN, p. 109.

tropas britânicas encontram-se desocupadas. O governo britânico decide empenhar estes meios nas Caraíbas com o objetivo de tomar posse de adicional território francês. No início de Junho de 1761 uma força expedicionária subjuga a ilha de Dominica³²⁴.



Ataque britânico à cidadela de Martinica (Dominic Serres, 1762), fig. 45

Após este sucesso, os britânicos realizam nova tentativa para conquistar a ilha de Martinica³²⁵, caracterizada pela defensibilidade da sua orografia montanhosa. Apesar da presença de uma forte guarnição, a operação anfíbia é bem sucedida em submeter o governo insular. No espaço de um mês, as colônias francesas de Santa Lúcia, Grenada e São Vicente são também ocupadas, sem oferecer resistência³²⁶.

Desde Janeiro de 1762 que o Reino Unido havia entrado formalmente em guerra com a Espanha, nação que perseguira, sob a égide do ministro Ricardo Wall, uma política de neutralidade durante a maior parte da duração da Guerra dos Sete Anos³²⁷. Contudo, a superioridade evidenciada pelos britânicos na luta contra a França suscita o receio espanhol de que o seu império seja definido como alvo sucedâneo. De forma a evitar bater-se numa posição de singularidade, o rei Carlos III promove uma aliança entre as dinastias borbónicas, precipitando a declaração de guerra por parte do Reino Unido.

A entrada da Espanha no conflito global expande a sua incidência para a Península Ibérica e sudeste asiático, enquanto prolongando no tempo e espaço as

³²⁴ DULL, p. 138-139.

³²⁵ ANDERSON, p. 312-313.

³²⁶ Ibidem.

³²⁷ ANDERSON, p. 487-490.

hostilidades nas Caraíbas. A presença da coroa de Espanha na região tem como núcleo a cidade de Havana, situada na ilha de Cuba. O desenvolvimento das culturas de açúcar e tabaco transformara a colónia na mais rica possessão ultramarina do império, motivo porque preparativos haviam sido realizados, antes do início do conflito, para a defender de uma ação da *Royal Navy*.

A cidade de Havana, capital das Índias Ocidentais espanholas, dispõe de fortificações ocupadas por uma guarnição numerosa e bem provisionada. Uma esquadra representando cerca de um quinto da capacidade naval detida pela Espanha ancora na enseada da colónia, vigiando a entrada da baía que conecta a zona portuária com o mar³²⁸.

A importância da colónia espanhola irá determinar os decisores políticos do Reino Unido a reunirem os meios necessários para o difícil objetivo que consiste a sua conquista. Uma esquadra britânica compreendendo mais de duzentos navios transportando perto de trinta mil marinheiros e soldados é reunida nas Caraíbas. No dia 6 de Junho de 1762 inicia-se o assédio de Havana que conhecerá uma série de eventos e peripécias com uma perda superior a sete mil homens por parte das forças invasoras até à ocupação de Havana a 14 de Agosto³²⁹.



Frota espanhola capturada em Havana (Dominic Serres, 1762), fig. 46

A mais importante possessão espanhola nas Índias Ocidentais cai às mãos dos britânicos. A totalidade da esquadra espanhola aportando na baía é capturada devido à negligência do comando em a incendiar antes do término do assédio. A queda de Cuba

³²⁸ ANDERD, p. 498-499.

³²⁹ ANDERSON, p. 499-501.

consiste no principal evento ultramarino da guerra anglo-espanhola, firmando a condição de hegemonia naval alcançada pelo Reino Unido.

Antes do ataque a Havana se ter iniciado o primeiro ministro John Stuart autorizara uma expedição dirigida contra a cidade de Manila, capital das Filipinas, utilizando forças já estacionadas na Índia³³⁰. Esta conquista visa não somente enfraquecer o império espanhol como preparar a expansão britânica para oriente, acedendo ao comércio com a China a partir de um dos mais importantes entrepostos asiáticos. A 24 de Setembro de 1762, uma frota transportando cerca de 10,700 homens dirige-se para as Filipinas a partir de Madras com o objetivo de conquistar a fortaleza espanhola³³¹. Perante os meios militares reunidos, a resistência da guarnição de Manila é mínima e a cidade capitula a 5 de Outubro. Menos de dois meses após a perda de Havana, o império espanhol recebe um novo golpe com a ocupação britânica da capital das Filipinas³³².

O conflito iniciado entre a Espanha e Portugal no ano de 1762 expande-se da Península Ibérica onde se trava a “Guerra Fantástica” para os respetivos domínios na América do Sul³³³, ocorrendo confrontos em três regiões praticamente independentes a nível operacional devido às distâncias que as separa. Os colonos portugueses são bem-sucedidos em conquistar a maior parte do vale do Rio Negro, afluente do Amazonas, e a repelirem as incursões do inimigo na região do Mato Grosso³³⁴.

O único êxito espanhol durante a Guerra dos Sete Anos regista-se no setor mais meridional do conflito global³³⁵. Entre 1762 e 1763, um exército chefiado por Don Pedro Antonio de Cevallos, governador de Buenos Aires, subjuga as forças luso-britânicas defendendo as colónias de Sacramento e Rio Grande do Sul³³⁶. Ao receber a notícia em finais de Março de 1763, terá o rei Carlos III proferido: “*me tiene lleno de gozo por el honor de mis Armas, pues por lo demás ya no es del caso*”.³³⁷ A importância

³³⁰ TRACY, Nicholas – *Manila Ransomed: The British Assault on Manila in the Seven Years War*, University of Exeter Press, 1995.

³³¹ Ibidem.

³³² Ibidem.

³³³ MARLEY, David F. – *Wars of the Americas. A Chronology of Armed Conflict in the New World, 1492 to the Present*, Oxford, 1998.

³³⁴ MARLEY, p. 441-449.

³³⁵ Ibidem.

³³⁶ Ibidem.

³³⁷ ALBEROLA ROMÁ, Armando – *Clima, naturaleza y desastre: España e Hispanoamérica durante la Edad Moderna*, PUV, Universitat València, 2014, p. 34.

desta conquista irá conferir base negocial à Espanha para minorar as perdas sofridas em todos os outros teatros nos acordos diplomáticos que concluem a Guerra dos Sete Anos.

2.4.2.3. Índia.



Robert Clive (Nathaniel Dance, circa 1773), fig. 47

Ao longo do século XVIII, o subcontinente indiano foi palco da disputa pelo domínio das rotas e entrepostos comerciais entre forças inglesas e francesas pertencentes a companhias privadas com iniciativa autónoma e direitos monopolistas concedidos pelo estado metropolitano para exercerem o governo local³³⁸. Extensa atividade diplomática foi empreendida pelos rivais europeus no sentido de obter o apoio dos principados indígenas na defesa dos seus interesses coloniais³³⁹.

A Guerra dos Sete Anos constitui o episódio decisivo³⁴⁰ para o estabelecimento de um governo britânico na Índia mediante o eliminar da concorrência francesa e submissão dos poderes autóctones da zona meridional do subcontinente e vale do Ganges. No alvor do conflito em estudo, a diplomacia francesa firma uma aliança com o Nawab de Bengala, Siraj ud-Daulah, vassalo do Império Mughal. A mobilização dos recursos humanos do mais rico potentado indiano permite uma tomada de iniciativa

³³⁸ MARSTON, p. 12.

³³⁹ Ibidem.

³⁴⁰ Denominada de Terceira Guerra Carnática (1756-1763).

contra o âmagio da presença britânica no subcontinente: o Forte William, situado na cidade de Calcuta, é investido (1756) e a sua guarnição aprisionada³⁴¹.



Robert Clive na batalha de Plassey (Francis Hayman, 1762), fig. 48

Na sequência deste revés, a administração da Companhia das Índias Orientais confia o comando operacional das forças terrestres a Robert Clive, militar servindo no exército britânico. Com o apoio da frota, uma força-tarefa conduzida por este oficial recaptura Calcuta em Janeiro de 1757. Tendo garantido a segurança das suas bases de operações portuárias, Clive inicia campanha em território inimigo e derrota, de forma conclusiva, o exército indiano aliado dos franceses na batalha de Plassey³⁴². A captura de Chandernagar, principal entreposto da companhia rival europeia em Bengala, firma o domínio britânico nessa região³⁴³.

A partir do ano de 1758 a disputa entre as potências coloniais desloca-se para a frente meridional do teatro de operações. Um exército franco-indiano sob o comando do Conde de Lally é bem-sucedido em submeter a praça de Cuddalore, prosseguindo para assediar a cidade portuária de Madras, principal objetivo da campanha. Contudo, a resistência da guarnição coadjuvada com incessante bombardeamento por parte da frota da *East India Company*, força ao levantar do cerco³⁴⁴. O comandante britânico, Sir Eyre Coote, assume, dorovante, a iniciativa e obtém uma vitória decisiva sobre Lally na

³⁴¹ Ibidem.

³⁴² 23 de Junho de 1757.

³⁴³ NARAVANE, M. S. – *Battles of the Honourable East India Company*, A.P.H. Publishing Corporation, Nova Delhi, 2006, p. 150-159.

³⁴⁴ Ibidem.

batalha de Wandiwash³⁴⁵. A queda da capital francesa na Índia, Pondicherry, coloca termo, no ano de 1761, à sua presença colonial organizada no subcontinente.

Os eventos da Guerra dos Sete anos revelam-se decisivos para a consolidação do poder britânico sobre os príncipes locais e concorrentes europeus. A expansão colonial britânica assegurara uma complementaridade entre a presença costeira com uma ocupação territorial interior, sobretudo no vale do Ganges³⁴⁶.

³⁴⁵ 22 de Janeiro de 1760.

³⁴⁶ NARAVANE, p. 150-159.

2.5. Considerações Finais.

No dia 10 de Fevereiro de 1763 é assinado o Tratado de Paris que coloca termo ao conflito envolvendo o Reino Unido, Portugal, França e Espanha. Os mandatários britânicos acordam a devolução de Guadalupe enquanto preservando todos os demais territórios conquistados. Em compensação pelo resgate da sua mais rica colônia nas Antilhas, a França cede todo o espaço da Luisiana a leste do rio Mississípi ao domínio britânico. Por seu turno, a Espanha readquire a cidade de Havana por permuta com a Flórida.

Cinco dias após a assinatura do Tratado de Paris, a Áustria e Prússia concluem uma paz separada restaurando a situação antes do eclodir do conflito. Apesar de devastada pelo conflito, a Prússia irá rejuvenescer nas décadas subsequentes, assumindo a condição de potência em ascensão na Alemanha.

O desenlace da Guerra dos Sete Anos assinala uma grande mudança no equilíbrio do poder europeu decorrente da vitória britânica no primeiro conflito de escala global envolvendo a guerra nas áreas coloniais das potências metropolitanas. O Reino Unido torna-se na maior potência colonial e marítima da Europa, exercendo uma hegemonia que perdura pelo século XIX, sobretudo às custas da França, que perde a maior parte das suas possessões ultramarinas e a condição de supremacia diplomática no Velho Continente.

O desprestígio das armas francesas motiva uma vasta política de reformas com o objetivo de preparar o reino para um novo conflito com o Reino Unido que ocorrerá por ocasião da revolta das colônias americanas. As derrotas sofridas na Guerra dos Sete Anos a par das perdas territoriais e erosão financeira do reino têm sido apontadas como um dos principais contributos para a crise do Antigo Regime francês.

PARTE 3

Descrição das aulas lecionadas

3. Aulas lecionadas no decurso da Iniciação à Prática Profissional II.

3.1. Primeira aula lecionada³⁴⁷.

A primeira aula lecionada decorreu no dia 11 de outubro de 2018, quinta-feira, entre as 10:00 e as 11:30 da manhã, compreendendo um total de 90 minutos. Teve como temática os “Loucos Anos Vinte”, integrando o ponto 1.4 do programa curricular do 12º ano que aborda as mutações nos comportamentos e na cultura das Primeiras Décadas do Século XX³⁴⁸.

As aprendizagens essenciais afetas à matéria ministrada focalizaram-se em “compreender o corte que se opera na mentalidade confiante e racionalista da sociedade burguesa do início do século XX, devido ao choque da Primeira Guerra Mundial, às crises subsequentes e à evolução técnica do mundo industrial”³⁴⁹. Foram referenciados os efeitos do magno conflito bélico no agravar da crise dos valores tradicionais que, entre outras implicações, resultou numa nova vivência social e mudança nos comportamentos e valores, sobretudo no mundo urbano ocidental.

Conexa com a identificação dos hábitos sociais, espaços, lazer e gosto pela evasão típicos dos “loucos anos 20”, a aula teve como objetivo ajudar a compreender a forma como a massificação dos meios de comunicação e transporte generalizaram o consumo, o ócio e as distrações. Ponto essencial do conteúdo em análise constituiu o reconhecimento das novas funções e papel social da mulher dos anos 20 em consequência da crise dos valores tradicionais e ação dos movimentos feministas. Foi atribuída especial atenção ao explicitar de conceitos de maior complexidade ou terminologia própria como, entre outros exemplos: *Flapper*, *Mass Media*, Anomia Social e Feminismo.

Constituindo a primeira aula com a turma LH12, o ato letivo principiou com uma apresentação do docente e dos alunos a nível individual, indicando o nome e a área de estudos que pretendem seguir. Favoreceu-se como elemento estruturante a criação de uma relação personalizada e afetiva com os alunos segundo o modelo pedagógico de Carl Rogers, conjugando-a com a importância atribuída por John Dewey à profissionalização e uso, no âmbito social, das aprendizagens escolares.

³⁴⁷ Planificação em Anexo 1 (página.

³⁴⁸ Abordado a partir do manual: FORTES, Alexandra ; GOMES, Fátima Freintas ; FORTES, José – *Linhas da História 12 História A 12º Ano*, Areal Editores, 2019, Lisboa.

³⁴⁹ https://www.dge.mec.pt/sites/files/Secundario/Documentos/Programas/historia_a_10_11_12.pdf.

Nenhum aluno manifestou a intenção de cursar História a nível universitário, situação inesperada para o docente que atribuiu, à sua tarefa de motivar a turma, um móbil acrescido. A observação naturalista durante e no final da aula permitiu constatar que essa intencionalidade foi alcançada, com vários alunos a exibirem grande interesse pela temática abordada..

No seguimento da apresentação, foram expostos os objetivos da aula e os pontos capitais do tema em análise. O desenvolvimento didático foi modelado de acordo com um método semi-orientado assente na exposição intercalada com perguntas e respostas às questões dos alunos. Conferiu-se particular relevância à exibição de imagens e exposição de conceitos estruturantes através de uma apresentação digital em *PowerPoint*. A aula foi concluída com a visualização de vídeos retratando a época abordada, com visível disfrute para os alunos.

3.1.2. Descrição detalhada da aula.



Fig. 49

A abordagem da matéria em análise iniciou-se com a projeção em *Powerpoint* do slide acima exposto, no qual se exibem alguns dos elementos mais marcantes dos denominados “Loucos Anos Vinte”: a emancipação da mulher e a adoção de novos

estilos de dança. O mestrando questionou a turma sobre os ícones que exteriorizavam a liberdade feminina, tendo sido identificados: o cigarro e o batom.

Prosseguimos a aula salientando que a imagem da esquerda compreende o traje típico das *flapper*, contendo elementos que contrastam com o tradicional vestido usado pelas mulheres da alta sociedade burguesa assim como das vestes humildes das pessoas de estratos sociais mais baixos. Na indumentária expressa-se a sexualidade feminina com a saia pelos joelhos, os ombros e parte do torso expostos. O novo ideal da mulher de corpo delgado e apta à dança com movimentos ousados de corpo também foi referenciado no decurso da exposição.

O vestuário sugestiona a sua aplicação quotidiana assim como em ambiente de ócio que, na cultura vintista, não verdadeiramente se separam. O uso de colares e outros adereços representa o consumo materialista e a ostentação de poder de compra numa sociedade de massas. O corte de gabelo à *garçon* representa o assumir de atributos masculinos como forma de empossamento feminino. O uso do batom vermelho, associada à prostituição no contexto da sociedade tradicional, exterioriza uma atitude de afronta e ostentação de liberdade característico da *flapper*, corroborado pelo ato de fumar em público.

O slide descrito tinha como duplo objetivo motivar os alunos para a aula e expor as principais características da mulher vintista. O interesse da turma pela temática foi manifesto, sobretudo as alunas.

Após o uso do slide motivacional, passámos ao salientar dos aspetos estruturantes da sociedade dos anos vinte, desta forma garantido a apreensão das aprendizagens essenciais determinadas pelo currículo.

Aspetos Estruturantes.

- As **transformações** que decorreram da Primeira Guerra originaram uma nova **vivência social** e modificaram profundamente os **comportamentos** e os **valores**, na década de 20, sobretudo no **mundo urbano ocidental**.
- Nas **grandes cidades**, apinhadas de gente, num **clima de paz e de recuperação económica**, viveram-se os **“loucos anos 20”**.
- As rotinas da moderna vida urbana, marcadas por **novos hábitos sociais**, incluíam **novos espaços de lazer e de evasão**.
- A acessibilidade aos **meios de comunicação** (a **rádio**, o **cinema** e o **telefone**) **generalizou um modo de vida** onde o **consumo**, o **ócio** e as **distrações** estavam-se presentes.

Fig. 50

- Os **EUA** eram a **grande potência**, com um modelo de vida que influenciava a Europa – vivia-se segundo o **american way of life**.
- Nos “loucos anos 20” valorizava-se a **juventude** e consentiam-se **excessos**.
- A **flapper** tornou-se o símbolo da mulher urbana.
- Os **valores** próprios da **burguesia** da segunda metade do século XIX entraram definitivamente em **crise**.
- Choque de gerações – **anomia social** – ausência de modelos de referência.
- **Feminismo**: luta pela **emancipação da mulher**, defende a **igualdade de direitos** políticos, económicos, culturais e sociais para as mulheres.
- Emmeline Pankhurst ; Ana de Castro Osório.

Fig. 51

Um quarto slide foi utilizado para salientar o confronto entre a cultura tradicional e a cultura vintista. Articulámos a análise histórica com uma pedagogia cidadã referenciado a compatibilidade entre os distintos projetos sociais, nomeadamente, com uma cultura de síntese entre a estruturação do carácter, apelo à poupança, ética laboral, boas interações com os familiares, igualdade entre os géneros, abertura à novidade e valorização do indivíduo dentro do grupo.

Confronto de culturas	
Cultura Tradicional	Cultura Vintista
<ul style="list-style-type: none">• Valoriza a produção.• Valoriza o carácter.• Valoriza a poupança.• Privilegia o trabalho.• Defende o papel tradicional da mulher.• Privilegia a tradição• Valoriza os laços familiares• Privilegia a cultura de elite	<ul style="list-style-type: none">• Valoriza a abundância.• Privilegia a imagem.• Valoriza o consumo.• Valoriza o ócio.• Defende a emancipação da mulher.• Olha para o futuro.• Valoriza a individualidade.• Valoriza a cultura de massas.

Fig. 52

Tendo assegurado a apreensão das aprendizagens essenciais mediante o uso de texto e palavras-chave, diversificámos o nosso aproximar com uma imersão na época em análise mediante o uso de imagens sucedidas pelo vídeo. Para o efeito de compreendemos a rutura ocasionada nos anos vinte com a sociedade da *Belle Époque*, retrocedemos no tempo até ao horror da Primeira Guerra Mundial.



Fig. 53

No slide acima exposto representando a batalha de Verdun salientámos as condições atrozes da luta numa guerra de trincheiras no contexto da qual a confiança cega na evolução científica e modelo social burguês sofre um poderoso abalo. A batalha de Verdun é um dos momentos representativos do desperdício de centenas de milhares de vidas humanas na disputa de poucos quilómetros de terreno. O massacre sem resultado claro dá continuidade ao impasse na frente ocidental até ao momento em que os Estados Unidos entram na guerra para, tendo-a decidido, se transformar na potência liderante durante os anos sucedâneos.

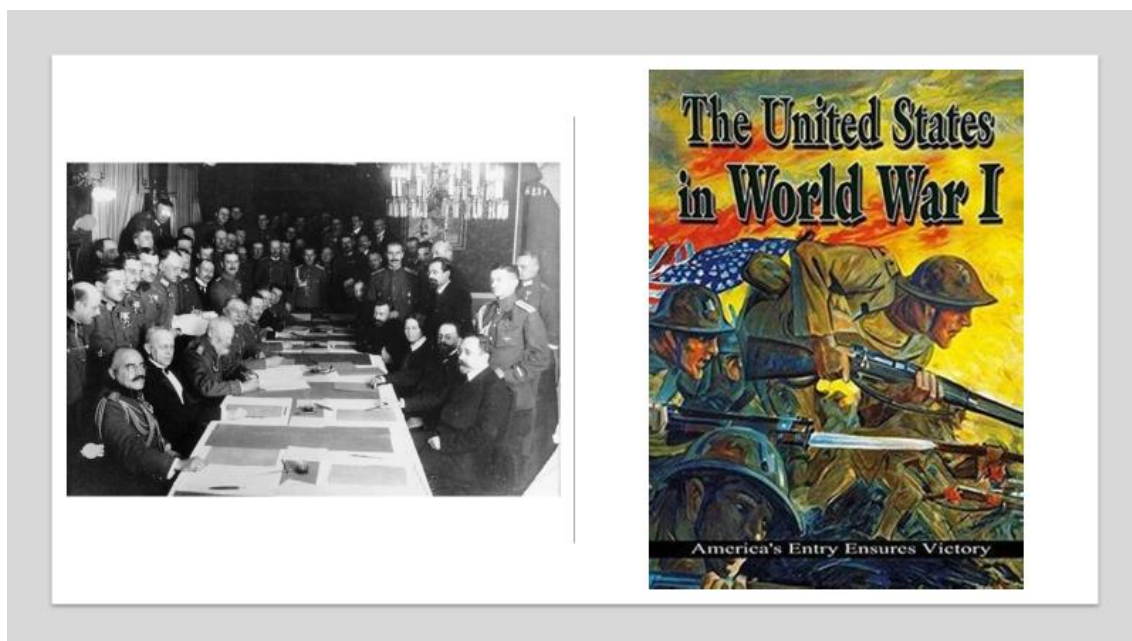


Fig. 54

O Tratado de Brest-Litovsk (1917) assinala a retirada da Rússia bolchevista da luta, reforçando a convicção norte-americana que a sua entrada na guerra é decisiva para assegurar a vitória, tal como afirma a legenda propagandística da imagem da direita. O uso da iconografia escolhida a preceito auxiliou a reconstrução dos eventos históricos de acordo com uma lógica cronológica estruturada unindo, aos benefícios da exposição oral, os da imersão na realidade de época com visualizações.



Fig. 55

A importância da economia no contexto da Primeira Guerra Mundial atribuiu, à frente doméstica, um carácter de importância crítica. Conforme as imagens explicitam, foi conferido, às mulheres, a responsabilidade de garantir que o poder económico americano decidia a vitória tão quanto as ações dos homens destacados para o teatro de guerra europeu.



Fig. 56

O apelo para o alistamento das mulheres nas forças armadas para proceder a trabalhos de logística e apoio à saúde confere, à Primeira Guerra Mundial, a primeira ocasião de um serviço misto, ainda que limitado nas atividades e exposição na frente de combate. A imagem promocional da direita apresenta uma mulher em pose e atitude desenvolta e aventureira, com um tipo de liberdade antes pertença masculina.

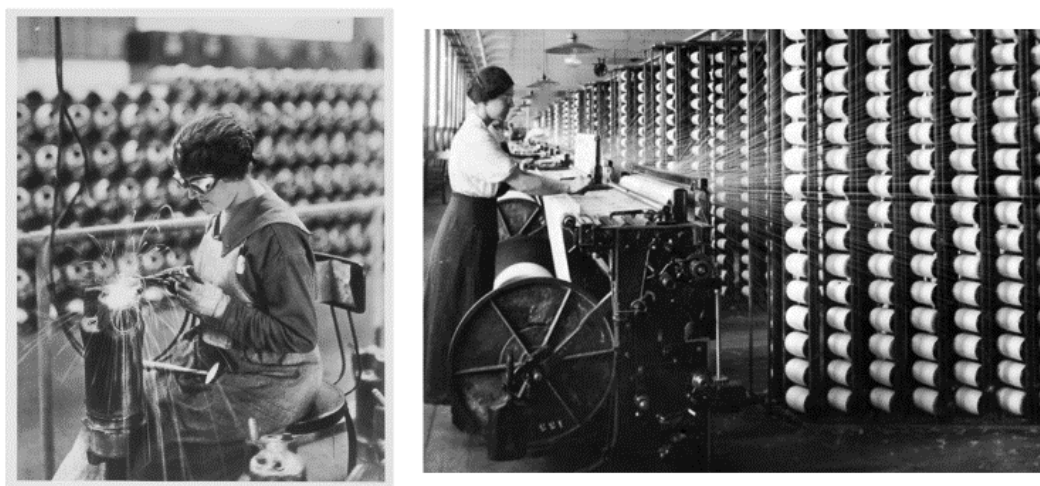


Fig. 57

Trabalhos antes considerados masculinos passaram a ser desempenhados por mulheres que, auferindo salário, se tornaram mais independentes.



Fig. 58

No seu retorno, os soldados americanos trouxeram consigo a memória dos horrores da guerra e dos sacrifícios sofridos.

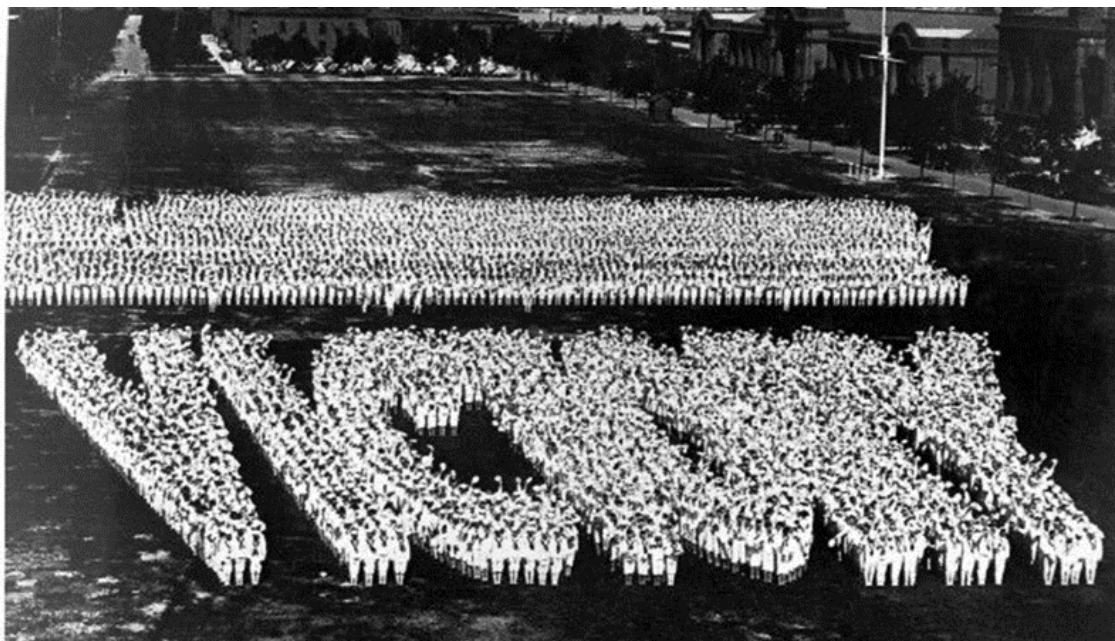


Fig. 59

Apesar dos traumas da guerra, a América celebra a vitória.



Fig. 60

Os cartazes exibidos não deixam dúvida quanto à missão providencial, civilizadora e libertadora que a América atribui a si mesma durante a guerra. O sonho americano de líder do mundo livre desenvolve-se nesta ocasião.



Fig. 61

The American Way of Life explode com o desenvolvimento urbano, da vida noturna e dos meios de comunicação e de transporte de massa. Nova Iorque transforma-se na cidade mais movimentada e vibrante do mundo. A cultura americana estende-se até à Europa, arruinada pela guerra.



Fig. 62

Ícones do cinema como Louise Brooks consistem no modelo para o espírito de uma nova geração de mulheres, face mais expressiva dos valores dos anos vinte,

assentes no consumo, despreocupação e fácil obtenção de rendimentos por via especulativa num modelo económico aparentemente fervilhante.



Fig. 63

Com a cultura urbana desenvolvem-se novos locais de sociabilização, tais como a praia.



Fig. 64

Os loucos anos vinte são caracterizados pela intensa vida noturna, nomeadamente, no ambiente do cabaret.

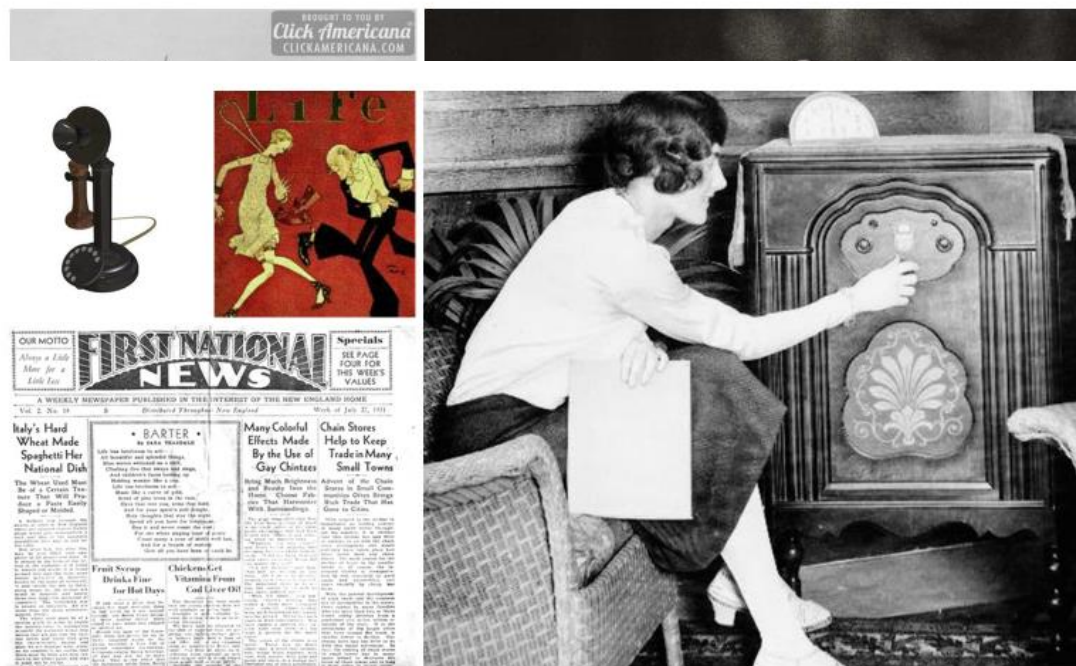


Fig. 65

O cinema irrompe como um fenómeno de massas na década de vinte. Ícones como Mary Pickford e Louise Brooks representam a vanguarda do movimento feminista.



Fig. 66

O humor corporal, gestual e facial de Buster Keaton e Charlie Chaplin abrilhantam o cinema mudo.

A cultura de massas desponta com o desenvolvimento da imprensa e dos meios de comunicação.



Fig. 67

Expressão mais saliente da cultura vintista, a *flapper* fuma em pública, possui cabelos curtos, longos colares e saia pelos joelhos.



Fig. 68

Meios de transporte como o automóvel preenchem as ruas das grandes cidades. Mulheres pilotam aviões e dirigíveis cruzam os céus de Manhattan. A ambiência urbana

constitui num frenético movimento em que a velocidade, o risco, a exibição e a despreocupação estão patentes nas atitudes e comportamentos.



Fig. 69

A prática do desporto torna-se acessível às mulheres e atrai multidões. Surgem as vedetas do baseball, do ténis e do pugilismo.

Novos ritmos musicais: jazz, charleston, foxtrot, swing, tango.



Fig. 70

A nível cultural, os Loucos Anos Vinte são caracterizados pelos novos ritmos culturais, invocando as raízes afro-americanas. Exigindo agilidade e improvisação no

ato, as danças da época conectam-se com os ideias de liberdade e atitude de descompromisso para com convencionalismos. A exibição do corpo da mulher e proximidade sensual com o parceiro de dança incorporam o primeiro grande momento emancipatório.

No slide acima exposto visualizamos três das diferentes formas de expressividade do feminismo: o movimento das *flapper*, os protestos de rua liderados pela ativista Emmeline Pankhurst e o exemplo sereno de Ana Castro Orósio. O primeiro dos enunciados consiste sobretudo num fenómeno da década de vinte, enquanto a luta revolucionária de Pankhurst alcançou resultados tácteis no Reino Unido.



Fig. 71

Os últimos minutos da aula dedicada ao tema dos Loucos Anos Vinte foram dedicados à visualização de cenas do filme *Titanic*, refletindo a rebeldia contida da personagem principal feminina contra a sociedade que a forçava a um casamento de conveniência com um homem com posses, mas controlador. Foi patente no interesse pela temática e comentários das alunas o fascínio que o filme de 1997 ocasiona em diferentes gerações. De forma a garantir um contato visual com a década de vinte, desde os seus atrativos aos excessos e consequências – como o crash de Wall Street – foram também visionados excertos do filme, *O Grande Gatsby* (2012). A sessão letiva concluiu-se com a audição do tema de Louis Armstrong: *What a Wonderful World*, um dos mais músicos era do Jazz com uma composição criada nos anos sessenta, assinalando a ligação entre os dois momentos emancipatórios do século XX.

No final da aula, os alunos manifestaram o seu agrado e agradeceram ao docente em formação, reconhecimento que me ocasionou grande satisfação e ânimo adicional. O uso de recursos adequados com um método expositivo dialogante provou ser muito proveitoso. A afetividade estabelecida com os alunos como condimento para a aprendizagem de conteúdos escolares até um disfrute coletivo cumpriu o principal objetivo da pedagogia de âmbito relacional de Carl Rogers. O interesse manifesto dos discentes pela temática abordada como centelha para um investimento auto-didático ao nível da cultura geral dentro e fora do contexto letivo compreende o âmago da pedagogia pragmática de John Dewey que norteou a nossa prática letiva.

Na reunião, a professora cooperante teceu comentários breves, tendo elogiado a qualidade da aula. Solicitou que, na aula sucedânea, fosse ressaltada a diferença entre o movimento *flapper* caracteristicamente vintista com outras formas de luta pelos direitos das mulheres que se prolongaram no tempo.

3.2. Segunda aula lecionada³⁵⁰.

Lecionada no dia 16 de outubro, terça-feira, a aula continuou a abordagem ao ponto 1.4 do programa curricular, consagrado à análise das mutações nos comportamentos e na cultura durante as primeiras décadas do século XX, presentemente incidindo sobre a descrença no pensamento positivista e novas concepções científicas. A aula foi concebida para providenciar, aos alunos, a capacidade para conhecer os diferentes contributos para a mudança de paradigmas do Positivismo para o Relativismo, contextualizando este com as características da sociedade dos anos 20 sedimentada na contestação dos valores burgueses tradicionais. Pretendeu-se, em particular, identificar a importância dos estudos de Freud e criação da Psicanálise para um concebimento do ser humano menos assente na razão, associando a identificação dos irracionalismos, intuição e subjetividade com a filosofia decorrente da Teoria da Relatividade de Einstein.

A aula principiou com a síntese dos conteúdos abordados previamente e uma clarificação adicional sobre as diferenças entre o fenómeno das *flapper* e as ações desenvolvidas pelos movimentos feministas na conquista da igualdade de direitos. Prosseguimos com a introdução ao tema: o relativismo e o seu impacto na sociedade do

³⁵⁰ Planificação em Anexo 2.

século XX. Tal como na sessão prévia, o desenvolvimento da sessão letiva privilegiou um método semi-orientado assente na exposição intercalada com perguntas e respostas às questões dos alunos. A aula foi concluída com a visualização de imagens e vídeos expondo as fórmulas de emanção de poder tradicional de acordo com a interpretação psicossexual de Freud, providenciando numerosos momentos de humor.

3.2.2. Descrição detalhada da aula.



Fig. 71

Atendendo ao pedido da professora cooperante, a aula principiou com um reforço do esclarecimento da diferença entre os movimentos feministas, nomeadamente, as ações de rua, a serena conquista de direitos e o efémero fenómeno da *flapper*. O retorno à sociedade tradicional durante os anos da Grande Depressão irá retardar a emancipação feminina até à década de sessenta em que ela se consigna com o movimento *hippie*. A comparação entre a mulher icónica dos anos 20 e a dos anos 60 constituiu um dos objetivos do slide abaixo exibido.

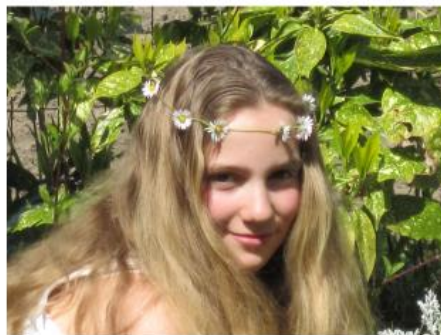


Fig. 72

O slide explicita o contraste acentuado entre a exteriorização da liberdade e direitos femininos nos anos 20 e nos anos 60. A *flapper* é caracterizada pelo seu gosto pelo luxo, vaidade e superficialidade, atitudes que irão ser fortemente responsabilizadas pelo crash bolsista de 1929, consequência de uma sociedade de consumo e ostentação. Pelo contrário, a *hippie* representa o lado mais acessível, empático e natural da mulher, simbolizado pelos cabelos caídos sem enfeites e a coroa de flores. Os valores femininos expressos pela cultura *hippie* irão constituir um atrativo para o desenvolvimento de uma sociedade mais progressista do que a da “geração silenciosa”. O formando enalteceu a importância que os valores de sessenta ainda representam nos nossos dias, malgrado o idealismo que também os caracterizam, tendo cristalizado como parte integrante da mentalidade ocidental hodierna.



Fig. 73

A moda Deco que atingiu o seu auge durante a década de 20 com a exuberante ostentação de adereços de luxo e o enfoque na dança indoor de cabaret ou clube noturno.



Fig. 74

A moda feminina durante os anos 60 tem um contraponto marcante com a fashion Deco. O traje formal inspirado em Jacqueline Kennedy tem como palavra de marca “Simplicity”. Na iconografia da direita distingue-se um vestuário tipicamente *hippie*, com inspiração na cultura dos índios norte-americanos, acentuado o gosto pela liberdade e aventura. A rosa e os bordados floridos representam a empatia que,

conjugados com o símbolo universal da paz envergado como amuleto, inspira à icónica frase de “*Peace and Love*”. A abertura de mangas permite uma amplitude e fluidez de movimentos associados à vida ao ar livre. Mais do que uma dança íntima como numa ambiência de cabaret, a cultura *hippie* difunde o gosto pela sociabilização em grupos alargados de amigos encontrados ao acaso. A espiritualidade e fascínio pelo ocultismo da mentalidade *hippie* consiste numa das mais flagrantes contradições com o materialismo vintista. Apreciar a vida com um mínimo de sustento financeiro opõe-se ao gasto excessivo e despreocupado durante os anos vinte.



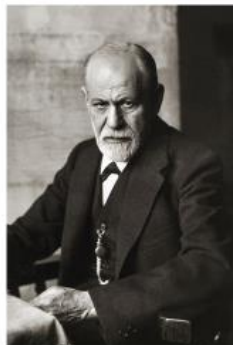
Fig. 75

A luta pelos direitos da mulher continua na agenda e apesar de sucessos assinaláveis sobretudo no domínio político como a conquista do voto sem discriminação, ainda se registam desigualdades flagrantes entre géneros, sobretudo no acesso ao trabalho. Desta forma, se o movimento *flapper* se dissolveu no tempo e a cultura *hippie* foi parcialmente integrada na sociedade dos nossos dias, a serena conquista de igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres consiste no elemento transversal à mudança de mentalidades iniciada com o alvor do século XX.

Após o reforço da transmissão dos conteúdos da aula dedicada aos Loucos Anos Vinte, abordámos a descrença no pensamento positivista e novas conceções científicas durante as primeiras décadas do século XX.

A Descrença no Pensamento Positivista e as Novas Concepções Científicas.

A Psicanálise.



A Teoria da Relatividade.

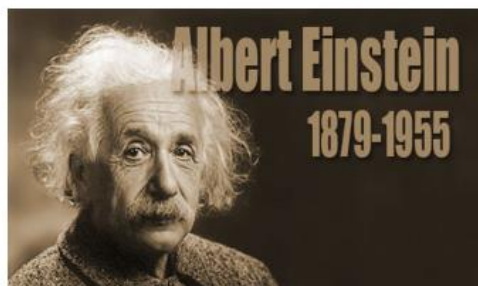


Fig. 76

Para o efeito, entre vários autores contributivos para o colapso da crença cega no progresso linear da humanidade, na capacidade do pensamento racional superar os instintos primários e na existência de regras universais, Sigmund Freud e Albert Einstein ocupam um lugar de destaque. As implicações da psicanálise e da Teoria da Relatividade foram analisadas com considerável profundidade, porventura mais do que exigiriam as aprendizagens essenciais, conferindo à exposição letiva um carácter denso, felizmente ultrapassado com o recurso ao humor com exemplos práticos de aplicação da teoria psicanalítica.

Principais Ideias

- No início do século XX, a concepção do Homem e do universo mudou radicalmente. Os princípios da racionalidade e do positivismo que tinham regido a ciência e o conhecimento do indivíduo, na segunda metade do século XIX, foram postos em causa por Sigmund Freud (1856-1939), com o conceito de inconsciente, e por Albert Einstein (1879-1955) com a teoria da relatividade.

Fig. 77

O Positivismo deu lugar ao Relativismo.

- **Freud** enunciou novas ideias acerca da natureza e da essência humana:
 - o inconsciente, a repressão, a noção de sexualidade infantil, a libido, e a divisão tripartida da mente (*id*, *ego* e *superego*).
 - criou a psicanálise: os factos “esquecidos” condicionam a vida das pessoas.
- **Albert Einstein** mudou a concepção do espaço e do tempo:
 - enunciou a Teoria da Relatividade e defendeu que o espaço e o tempo não eram absolutos.
 - deixava de ser possível conhecer o universo através do senso comum. Os modelos clássicos positivistas baseados em princípios e certezas absolutas, foram postos de lado.

Fig. 78

Tendo sido enunciados os contributos da psicanálise e Teoria da Relatividade, empenhámo-nos em discriminar cada uma das vertentes científicas.

Sigmund Freud (1856-1939)

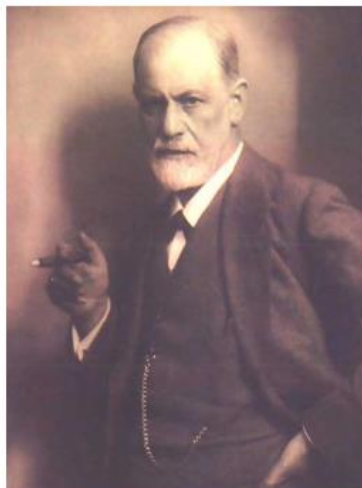


Fig. 79

Os principais elementos biográficos de Freud foram descritos, nomeadamente, os seus estudos vanguardistas, a receção intempestiva que conheceu por parte dos sectores mais conservadores da sociedade, a sua ascensão ao estatuto de pai da psiquiatria e o carácter polémico na apreciação hodierna da sua obra e personalidade.

A respeito da teoria psicanalítica foi referenciado que:

- O indivíduo é motivado por pulsões inconscientes (**Id**) sobretudo de natureza **sexual (libido)**. A **libido** é a força motriz, a essência vital, do ser humano. Estas **pulsões** são **reprimidas** (censuradas, bloqueadas) pela moral social (Superego), viabilizando a vida em coletivo. A estruturação da personalidade ocorre na infância do indivíduo por influência **paterna**. O consciente cognitivo (Ego) é o resultado da relação de forças entre o Id e o Superego.
- Relacionamentos disfuncionais com os pais tendem a ser **projetados** para as interações sociais, ocasionando sofrimento no próprio indivíduo. Cumpre, ao psicoterapeuta, auxiliar o indivíduo a recordar-se do seu passado e identificar em traumas transatos e recalçados para o domínio do esquecimento, o motivo para a disfuncionalidade cognitiva. Os transtornos de personalidade resultam de **conflitos não resolvidos** na psique humana. A forma de os superar consiste, em primeiro lugar, na sua **consciencialização**.
- A introspeção é, com frequência, insuficiente para a tomada de consciência de um trauma.
- Através da razão (tomada de consciência) é possível, ao ser humano, **dessomatizar** o efeito presente de traumas passados, ainda que não os curando.
- Os **sonhos** representam desejos inconscientes não realizados. Durante o sono, o superego está diminuído, circunstância que permite, ao indivíduo, a sua realização/perseguição ficcional sem o imediato bloqueio por parte do subconsciente. Através da interpretação dos sonhos, o psicoterapeuta pode analisar os desejos do indivíduo que não se realizaram e providenciar condições para que se materializem na sua vida real ou sejam preteridos em função de objetivos realistas. Acima de tudo, permitem, ao psicanalista, conhecer os desejos/motivos profundos do indivíduo. A interpretação dos sonhos é um dos pontos polémicos da psicologia freudiana devido à dificuldade em compreender o seu significado por detrás do seu carácter codificado.
- A **sexualidade**, força motriz do ser humano, é **inata**, estando, por conseguinte, presente desde a sua origem, a **infância**. Deriva, em particular, da obtenção de prazer/alívio de tensão em zonas erógenas: boca, ânus e órgãos genitais. A personalidade da criança/indivíduo deriva da funcionalidade entre o saciar das necessidades naturais (Id) com a autoridade paterna (superego). Um Ego bem

estruturado resultado da procura de prazer/alívio com responsabilidade e consciência do meio em que se reside, compatibilizando demandas pessoais com a moral social. A educação familiar determina, assim, a satisfação/construção dos desejos sexuais da criança de forma estruturante para a formação do indivíduo. O indivíduo saudável é aquele em que a autoridade paternal regula sem negligência ou opressão a vivência da criança, evitando tanto uma desregra social (sobreposição do Id) como uma construção individual (sobreposição do superego).

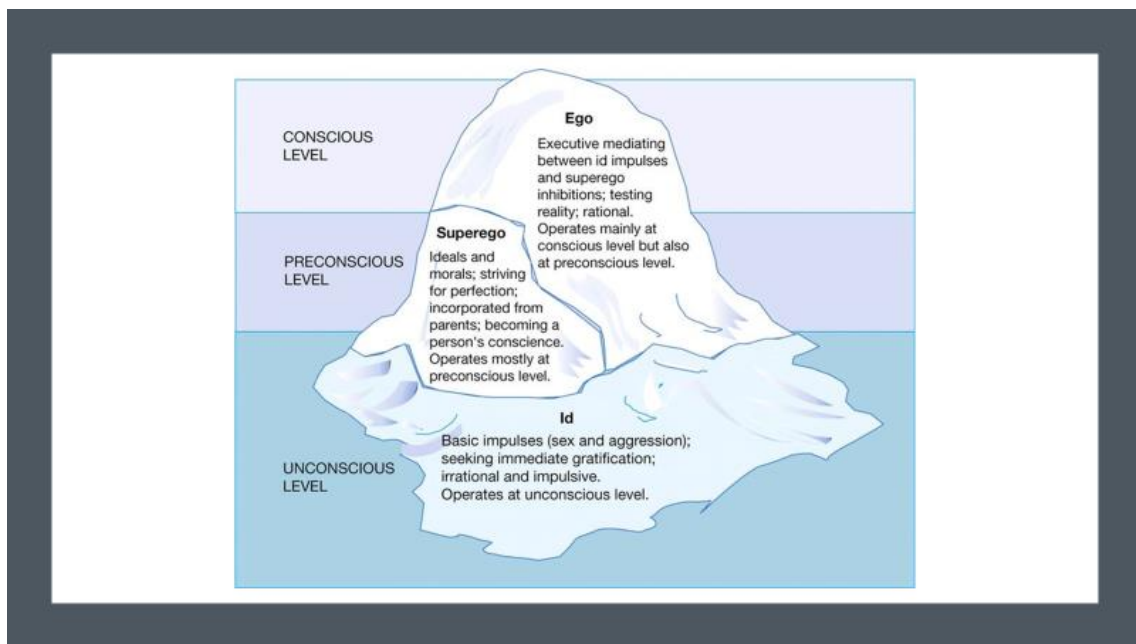


Fig. 80

A alegoria do iceberg é frequentemente utilizada para representar as diferentes camadas de consciência do ser humano.



Fig. 81

Nesta iconografia, o Ego é representado como o fiel da balança entre os pesos do Id e do Superego.

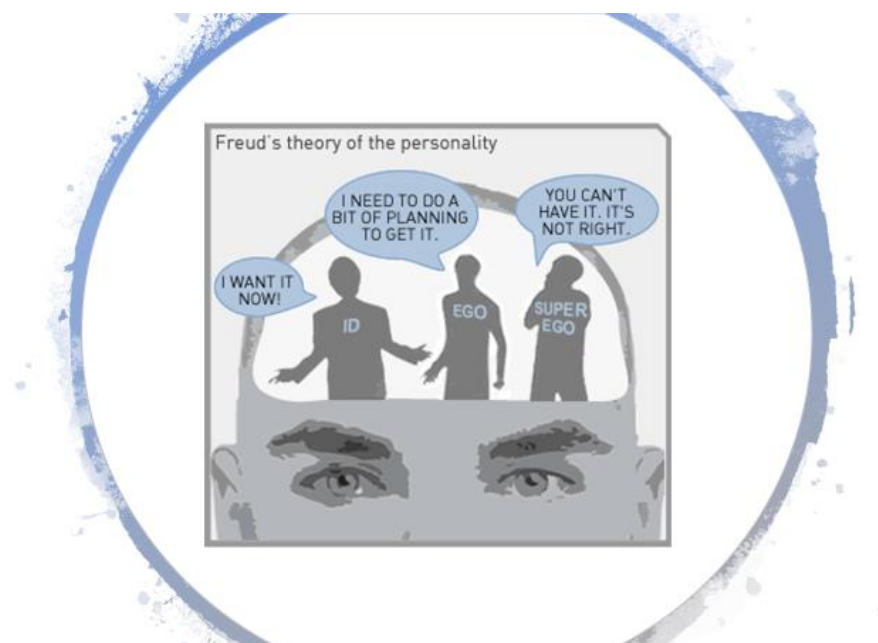


Fig. 82

Numa última representação iconográfica, explicita-se o típico diálogo interior entre os nossos desejos (Id), ética (Superego) e o equilíbrio estabelecido entre os dois polos de atração (Ego) que consiste no pensamento precedendo a ação.

Características do pensamento freudiano e contributos para a medicina

- Confere uma nova dimensão ao indivíduo, assente em cinco aspetos (inconsciente, repressão, sexualidade infantil, líbido e divisão tripartida da mente).
- Encontrou um novo método (associação livre de ideias) para tratar pacientes com transtornos psíquicos;
- Criou a psicanálise;
- Valorizou os factos esquecidos para a compreensão da vida das pessoas;
- Valorizou a componente menos racional do indivíduo em articulação com a razão;
- Através da psicanálise conseguiu explorar o inconsciente, de modo a trazer ao consciente os recalcamientos que condicionavam a ação dos indivíduos;

Fig. 83

No slide exposto, procurámos transmitir alguns dos principais contributos da teoria psicanalítica para o domínio da medicina.

Contributos da Psicanálise para as Ciências Sociais

- Apresenta uma nova conceção do indivíduo para além do aparente.
- Contribui para uma melhor compreensão sobre os indivíduos com transtornos psíquicos;
- Atribui uma explicação para condutas consideráveis desviantes;
- Contribui para explicar as condutas de modo mais abrangente, entendendo o sujeito na sua individualidade;
- Explica as razões que estão na base do conflito entre o sujeito-biológico e o sujeito-social.

Fig. 84

Explanado o contributo de Freud para a medicina, ilustrámos algumas das implicações da psicanálise no campo das ciências sociais.

Críticas à Psicanálise

- Predominância do diagnóstico clínico sem lesão orgânica.
- Ausência de cura.
- Infantilização e tutela do paciente.
- Uso de farmacologia intrusiva.
- Manipulação psicológica justificada pelo benefício do efeito placebo.
- Contaminação do preceito humanitário médico por um controle social de pensamentos e comportamentos.
- Fixação no domínio sexual.
- Patologia narcísica e obsessivo-compulsiva do próprio criador – Freud.
- Pseudociência repleta de efabulações.

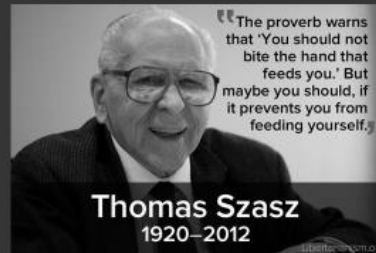
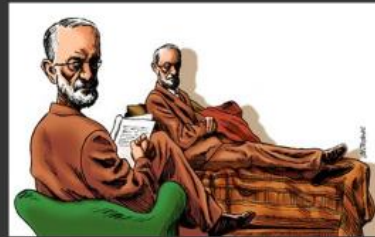


Fig. 85

Debruçámo-nos, também, na problemática respeitante à credibilidade da própria psicanálise, salientando algumas das críticas que lhe são dirigidas desde a sua origem aos nossos dias.

A nova concepção do ser humano.

Carl Jung

- A par dos modelos paternos, o ser humano incorpora na sua psique referências culturais/sociais, os Arquétipos. Os arquétipos de um meio social formatam o **inconsciente coletivo** (conceito estruturante na Etnologia).

Charles Darwin

- O ser humano é produto evolutivo/derivativo do macaco.
- Como todos os seres vivos, interage, adapta-se e é modificado pelo meio.
- Tem como principal referência sobreviver/superar.
- Sobrevive e compete em quatro domínios: espaço, alimento, reprodução, prestígio.

Fig. 86

Referenciámos os contributos de outros autores para a nova concepção ser humano, integrando os estudos de Charles Darwin que o identificaram como um ser

vivo em contínua luta pela sobrevivência com as referências culturais da psicologia jungiana como norteadores da mentalidade etnológica.

Psicologia Social

- O ser humano é um animal social, necessitando de estar em grupo para se sentir realizado e integrado.
- O ser humano identifica-se, a nível empático, com o seu semelhante assim como compete com ele pela obtenção de recursos providenciando bem-estar. Uma vez garantida a sobrevivência, a competição deriva para atributos de exclusividade e prestígio.
- De acordo com Freud, o comportamento humano oscila em função de dois polos de atração: Eros (amor) vs Tanos (violência). Em teoria, o que não poder ser preenchido por um será compensado pelo outro.
- O conflito é, assim, inerente à condição humana mas pode ser mitigado pela empatia/amor brotada da identificação com o próximo.

Fig. 87

As implicações da psicanálise no domínio social foram discriminadas no slide exposto.

Saúde Psíquica e boa integração Social

- O indivíduo saudável e bem integrado é o que persegue os seus objetivos personalizados numa ambiência **simbiótica** com o seu semelhante, compatibilizando os seus desígnios com o código comportamental do grupo social em que se integra, contando que este mesmo seja harmónico e regido por preceitos de justiça.
- A consciência (razão) é apenas um dos domínios da psicologia humana, sendo o produto dialético das forças conflitantes que consistem os impulsos inconscientes de gratificação imediata com a influência repressora do meio no estruturar da ética pessoal. A **serenidade** consiste no estado de equilíbrio consciente de um indivíduo com uma estrutura psíquica compatibilizada entre as demandas do Id e as renitências do Superego. Um indivíduo maturado detém um perfil globalmente homogêneo e harmonioso com um funcionamento equilibrado e bem estruturado. Possui um leque diferenciado de competências emocionais, tendente a evitar conflitos interpessoais e a anular tensões sociais, resolvendo as situações de forma autónoma e efetiva.

Fig. 8

Concluimos a abordagem sobre os estudos de Freud referenciando o seu contributo para o domínio da saúde psíquica, malgrado todas as limitações e desvios que lhes podem ser atribuídos no que se reporta ao carácter humanitário da medicina.

Teoria da Relatividade

- Coloca em causa a física newtoniana; defende que o espaço e tempo não são absolutos, ou seja, o tempo pode diminuir ou acelerar e o espaço não é fixo mas flexível.
- Sedimenta-se num conceito filosófico profundo – **Relativismo**. Deixava de ser possível conhecer o universo a partir do senso comum. Os modelos clássicos positivistas, baseados em princípios e certezas absolutas, foram postos de lado.
- Outros contributos:
 - Ernest Rutherford (1871-1937) – identifica a estrutura básica do átomo, dando ao origem à física nuclear.
 - Neils Bohr (1885-1962) – Desenvolveu a física quântica, associando as ideias de Rutherford e de Einstein. Contribuiu para a associação entre a física e química no domínio da física atômica.

Fig. 89

Prosseguimos a aula com alusões sintéticas sobre a Teoria da Relatividade enquanto fator contributivo para a perda de confiança na capacidade do ser humano em apurar de forma empírica o funcionamento do cosmos.

Positivismo

- Leis governam o comportamento podendo este ser previsto e explicado.
- O conhecimento científico deriva da observação empírica.
- A ciência é objetiva e normativa, baseada em factos.
- O ser humano é o derradeiro estágio evolutivo da natureza.
- A razão humana impulsiona a sociedade para o Estado Positivo.
- O progresso é concomitante com a passagem do tempo.
- As realizações novecentistas oferecem confiança no contínuo benefício providenciado pela Ciência.
- O empreendimento do Homem supera as dificuldades do meio natural.
- O universo é regido por leis fixas, absolutas, imutáveis, certezas cartesianas.
- A civilização (poder institucionalizado) representa o superar do primitivismo selvagem pela ordem e progresso.
- Através do empirismo a verdade científica pode ser verificada tanto no domínio das ciências puras como sociais.

Relativismo

- O comportamento humano é motivado pelo domínio do irracional e inconsciente.
- A apreensão da realidade é influenciada pela perspetiva do indivíduo e da cultura dominante.
- O tempo e o espaço são flexíveis, mutáveis, elásticos.
- O ser humano luta pela sobrevivência e compete com o seu semelhante, se necessário até à morte.
- Se empatia/bem-estar não for providenciada ao ser humano, violência/conflito ocorrerá. A guerra é, neste contexto, uma fatalidade na sua recorrência, representando a escalada latente dos conflitos na arena cívica.
- A ciência ocasionou a destruição em massa durante as Guerras Mundiais.
- Não existem certezas ou doutrinas apenas teorias datáveis e discursos persuasivos.
- O ser humano é motivado por impulsos egotistas (espaço, reprodução, alimento, prestígio) e oprimido pela moral de grupo/instituições de poder.
- Todas as deduções são limitadas pela condição humana. A sua percepção da realidade é subjetiva e falaciosa.
- “A estupidez humana é infinita” ; “É mais fácil destruir um átomo que um preconceito”. (Einstein).

Fig. 90

As grandes linhas de oposição entre o positivismo dominante na segunda metade do século XIX e o relativismo que desponta com o século XX foram enunciadas no slide acima.

Contributos do Relativismo para a História

- A psicanálise e, sobretudo, a psicologia junguiana, promoveram a abertura do espectro do estudo histórico para o domínio da cultura e das mentalidades, dando voz às massas e grupos antes ignorados pela historiografia novecentista.
- O Relativismo científico desenvolveu a noção de que não existe uma verdade ou lições na História, apenas aproximações mais ou menos persuasivas e fundamentadas.
- Não existem limites para o estudo da História: todo o fenómeno é suscetível de ser analisado.
- A ausência de verdades ou doutrinas históricas implica a abertura do seu espectro a novas linhas de observâncias numa continuidade potencialmente infinita.
- A hipótese fundamentada substitui a conclusão como o legítimo propósito do trabalho historiográfico.
- Estilizar as teorias da História assentes em sistemas lógicos com etapas sequentes.
- A análise do historiador deriva do local de observância, do seu ponto de vista subjetivo e personalizado, não se confundido com a verdade ou tendo a expectativa de ser conclusivo.
- A ausência de uma verdade democratiza e expande a produção historiográfica.

Fig. 91

A profunda influência do Relativismo na conceção da História enquanto ciência foram salientados.

Relativismo - Síntese

- Designa a conceção de que o conhecimento é relativo, pois o tempo, o espaço, o indivíduo e a cultura condicionam o conhecimento e a apreensão da realidade. As várias correntes de pensamento, ligadas ao relativismo, têm como ponto comum a contestação da existência de uma verdade absoluta, na ciência, nos valores ou na cultura.
- “Diante do carácter relativo e subjetivo da experiência que Einstein revela, os filósofos são levados a pensar, (...) que o Homem, incapaz de conhecer a natureza das coisas, nunca poderá mais do que descortinar as suas relações comuns (...). (a natureza das coisas) só poderá ser conhecida por uma intuição, (...) o estudo dos fenómenos conduz portanto ao irracionalismo inquietante. (...)”

Esta revolução faz-se na atmosfera atormentada dos anos loucos, que leva o Homem a fugir de si mesmo através de uma evasão no irracional e o irreal”. (Pierre Thibault).

Fig. 92

Por fim, procedeu-se a uma síntese sobre a implicação do relativismo no domínio do conhecimento, nos valores e na cultura, conectando-o com a ambiência específica dos anos vinte em que a moral tradicional sofreu forte contestação.

Através da observação naturalista pudemo-nos aperceber que vários dos alunos apresentavam sinais de cansaço, motivados pelo texto denso que favorecemos na abordagem a uma temática bastante complexa na sua terminologia e conceitos. O uso dos slides subsequentes foi de grande importância para conferir aplicabilidade prática aos conceitos teóricos de Freud e Einstein. A alusão à sexualidade consistiu num forte estímulo para o interesse dos jovens, assim como para a criação de um ambiente descontraído e cúmplice. O poder tradicional foi posto exposto nas iconografias exibidas, desta forma emulando a reação de parte da sociedade à forma como Freud escrutinou as fragilidades de um sistema de detenção e uso de poder por parte das elites institucionalizadas, associando-as com a ostentação de símbolos fálicos que de forma intemporal caracterizam as interações humanas.



Fig. 93



Símbolos de Poder Tradicionais

Fig. 94



Fig. 95



Símbolo patriarcal – o cajado.

Fig. 96



Símbolos patriarcales de poder

Fig. 97



Fig. 98



Fig. 99

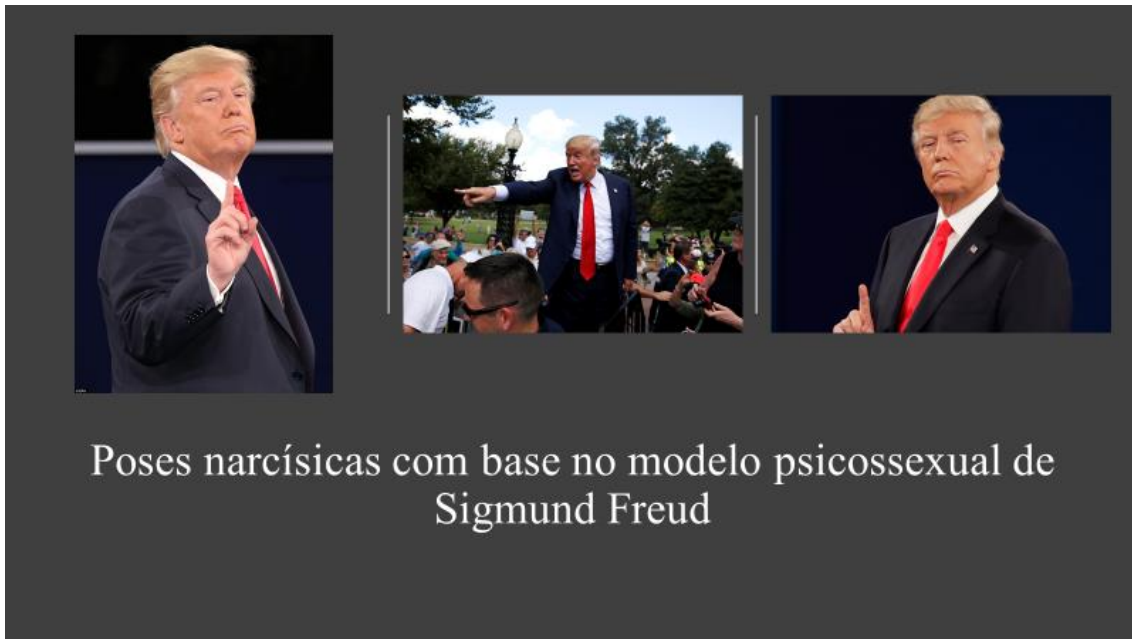


Fig. 100

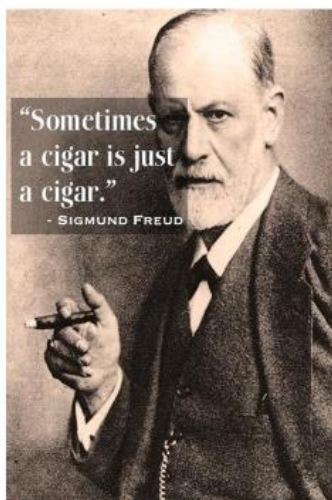


Fig. 100

Nos últimos minutos da aula até ao toque de saída, a turma disfrutava com alegria generalizada das alegorias utilizadas para discriminar o uso de poder simbólico por parte das figuras que tradicionalmente dele usufruem.

O recurso ao humor, tanto como parte integrante da empatia como de um desafio apto a captar a atenção e a curiosidade de jovens, revelou constituir um dos melhores

métodos de aplicação dos princípios da pedagogia relacional de Carl Rogers, criando um ambiente de diversão, interesse, descontração e afecto entre professor e alunos. A personalização das aulas revelou cumprir propósitos não apenas complementares ao desenvolvimento cognitivo dos alunos como de significativa importância para garantir a apreensão das aprendizagens essenciais, sobretudo no contexto de aulas mais alongadas em que o cansaço se pode incrementar.

A aplicação dos princípios da psicologia na vida quotidiana assim como o discriminar de algumas das características do funcionamento das instituições conexas à saúde mental compreendeu um dos objetivos tencionados da presente aula. A familiarização relativamente às características e alguns dos defeitos da instituição advinda dos estudos pioneiros de Sigmund Freud destinou-se a beneficiar, mesmo salvaguardar, a vida dos discentes no presente momento assim como futuro. Neste sentido, orientámos o ato letivo para a referência estimada por John Dewey de abertura da escola à sociedade no duplo sentido da influência exercida pela mesma sobre o mundo exterior e explicitação da sua forma de funcionamento para jovens antecedendo uma descoberta empírica.

Após o ato letivo, a professora cooperante mencionou que lhe foi inesperado um desenvolvimento tão aprofundado da temática e que o mestrando revelou grande à-vontade e empatia no relacionamento com os alunos, em particular com o recurso ao humor.

3.3. Terceira aula lecionada³⁵¹.

Lecionada a 19 de outubro, Sexta-feira, a terceira aula de Iniciação à Prática Profissional II abordou o conteúdo do ponto 3.1 do programa curricular do 11º ano de escolaridade: “Reforço das economias nacionais e tentativas de controlo do comércio”³⁵². Uma análise retrospectiva através da visualização de slides do *PowerPoint* constitui no meio seletivo para contextualizar a mutação do sistema feudal medieval para o mercantilismo moderno. O Mercantilismo foi explicitado como uma doutrina de base económica que se implementa no decurso do Antigo Regime, sendo concomitante com

³⁵¹ Planificação em anexo (Anexo 3).

³⁵² Abordado a partir do manual: COUTO, Célia Pinto do ; ANTÓNIA, Maria ; ROSAS, Monterroso – *Um novo Tempo da História – História A – 11º Ano*, Porto Editora, Porto, 2019.

a ascensão da burguesia, o dirigismo estatal sobre a economia e a expansão do grande comércio oceânico.

A complexidade do tema recomendou, por conseguinte, uma sólida base de suporte histórico para identificar, nas práticas mercantilistas, modos de afirmação das economias nacionais, dentro do espaço europeu e nas áreas coloniais disputadas pelas metrópoles. Esta aproximação visou explicar a relação entre o domínio ultramarino e o equilíbrio político dos Estados europeus.

Como estratégia didática optámos por expor a matéria para a turma de forma interativa, com perguntas dirigidas aos alunos e resposta às suas dúvidas, acompanhando os slides exibidos no *Powerpoint*. Os conceitos mais complexos de natureza económica foram simplificados através do uso de imagens e associação comparativa com as relações de trabalho e o funcionamento do mundo empresarial hodierno. Nesse sentido, procurámos garantir um bom entendimento sobre conceitos como, entre outros: capitalismo comercial, comércio triangular, tráfico negreiro, exclusivo comercial, manufatura, protecionismo, companhia monopolista.

O resultado final da articulação dos métodos pedagógicos de matriz construtivista com uma exposição dialogante e uso de tecnologia constituiu, na nossa apreciação naturalista, numa aula de proveito para as partes envolvidas.

3.3.2. Descrição detalhada da aula.



Fig. 102

O primeiro slide exposto definiu como prioridade a transmissão da ideia de que o triunfo dos estados e dinâmicas económicas nos séculos XVII e XVIII decorreu da aquisição de riqueza por via mercantil, em oposição ao ocorrido durante o feudalismo em que a posse da terra se associa mais a questões de prestígio do que a um simples ganho financeiro. Malgrado o carácter anacrónico que se pode atribuir à associação das barras de ouro com o Antigo Regime, a preocupação deste slide preliminar consistiu na definição do lucro financeiro como o elemento estruturante da economia mercantil, sobretudo no que se reporta à sua articulação com a prática colonialista assente na exploração indígena.

MERCANTILISMO

Fig. 103

O segundo slide destacou o termo que constitui o âmagio da aula a ser lecionada, identificando-o como uma doutrina económica que se instituiu durante o Antigo Regime.



Fig. 104

De forma a permitir uma maior compreensão sobre o surgimento e implementação do mercantilismo, optámos por retroceder no tempo até ao sistema prevalecente durante a Idade Média: o feudalismo. O uso de iconografias escolhidas a preceito providenciou um apoio visual rico e atrativo assim como garantiu uma simplificação de uma temática que, envolvendo um predomínio da História Económica, poderia ocasionar uma exposição hermética.

A primeira imagem ilustra a ligação intrínseca entre a cidade/castelo e o mundo campesino. As muralhas proeminentes e os espaços abertos dentro da urbe para acolherem a população refugiada denunciam as preocupações defensivas devido aos frequentes conflitos numa ambiência dominada pelo senhorio. Enquanto o camponês trabalha a terra, os comerciantes procedem ao transporte dos produtos que garantem o provimento à cidade.

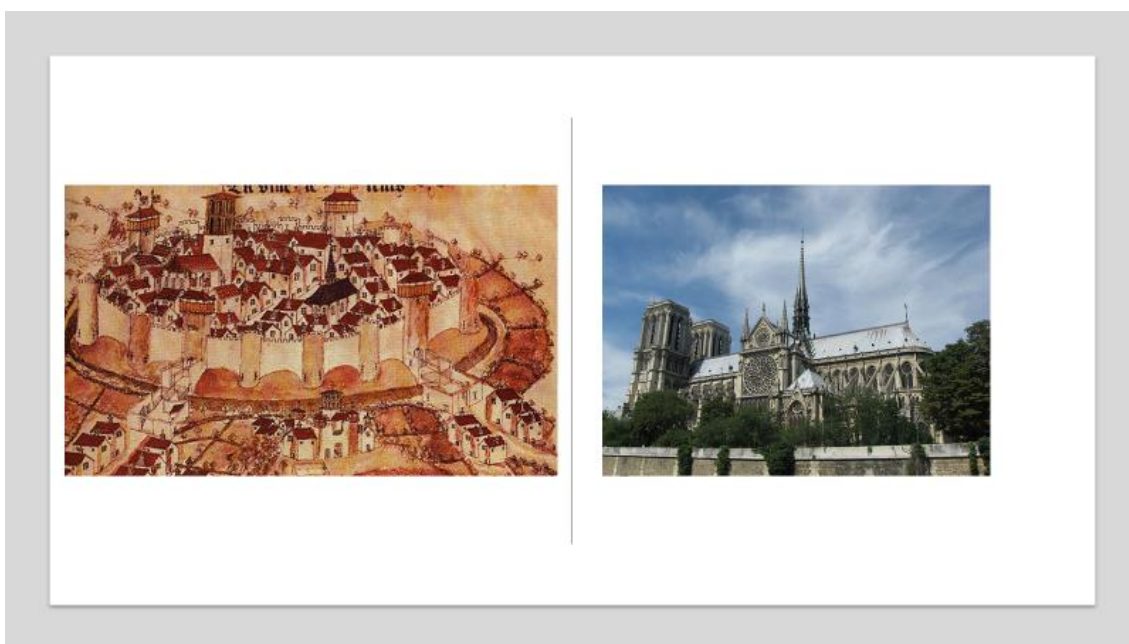


Fig. 105

A imagem da esquerda ilustra a fisionomia de uma cidade durante a Baixa Idade Média. As imponentes muralhas evidenciam a prioridade ainda atribuída à defesa da urbe; contudo, o casario que se situa fora da estrutura fortificada reflete a menor consciência de risco quanto à presença de um exército inimigo, fruto do reforço do poder régio, concomitante com o término das lutas entre senhores feudais. A catedral em estilo artístico gótico é um elemento estruturante do crescimento urbano da época medieval tardia, salientando o poder da Igreja Católica na sucessão da reforma gregoriana. Sede do poder episcopal, exerce controlo administrativo sobre o território, motivo porque, em Portugal, a questão das investiduras irá constituir um foco de tensão entre o monarca e o papado. A governança citadina torna-se um elemento de tal forma crítico para a afirmação do poder régio que três monarcas portugueses da primeira dinastia se conformam com a excomunhão como pena por nomearem bispos da sua confiança.



Fig. 106

Em conjunto com o crescimento dos polos urbanos, as Cruzadas contribuíram para a abertura da Europa medieval a diferentes realidades civilizacionais. O apelo do Papa Urbano II em 1095, no decurso do Concílio de Clermont, constitui o início de um amplo movimento que incentivou monarcas a partirem para o Oriente, assim como à constituição de Ordens dedicadas a expandir a fé e administrar as conquistas.

Na presente ilustração cartográfica vemos as deslocações dos cruzados para os lugares santos no Oriente.



Fig. 107

O slide ilustra o encontro de Saladino e Guy de Lusignan após a batalha de Hattin (1187). O rei muçulmano permite que o seu adversário vencido se sente ao seu lado de forma a discutirem os termos da rendição. Apesar do fracasso das Cruzadas enquanto projeto de domínio militar, elas ocasionaram o incremento das trocas culturais entre civilizações.

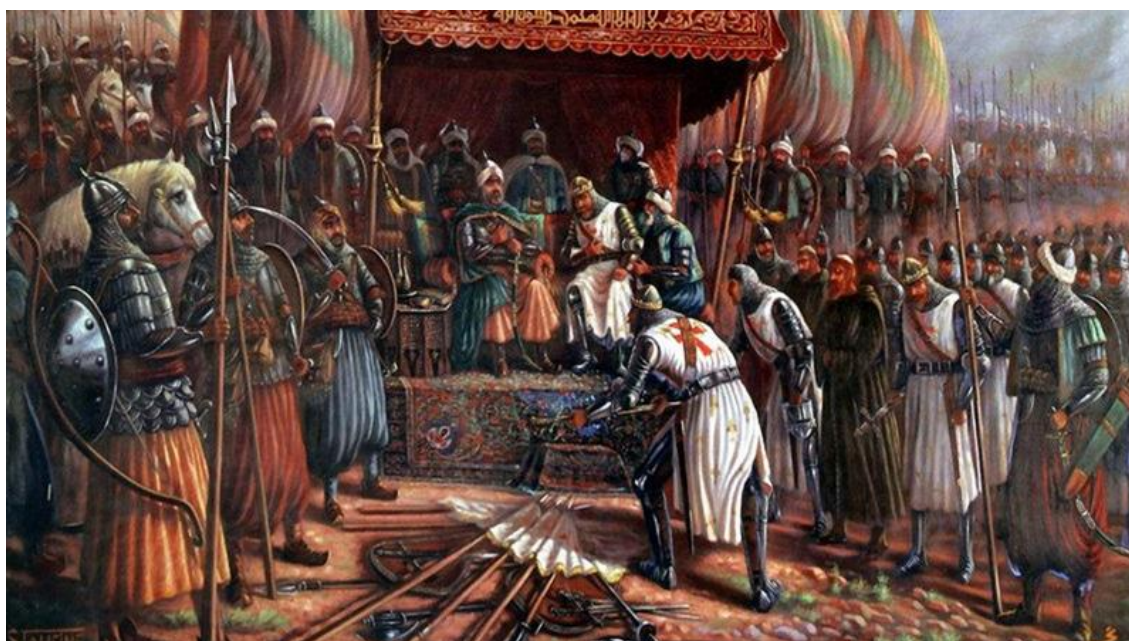


Fig. 108



Fig. 109

A influência muçulmana sobre a cristandade revela-se decisiva para o desenvolvimento da caravela, navio que irá proceder à descoberta da costa africana. As velas triangulares que permitiam navegar à bolina, o uso do astrolábio e da bússola constituem algumas das tecnologias que irão viabilizar a expansão, fenómeno concomitante com o crescimento do volume de trocas e da importância da burguesia nas cidades europeias, sobretudo as de fachada atlântica

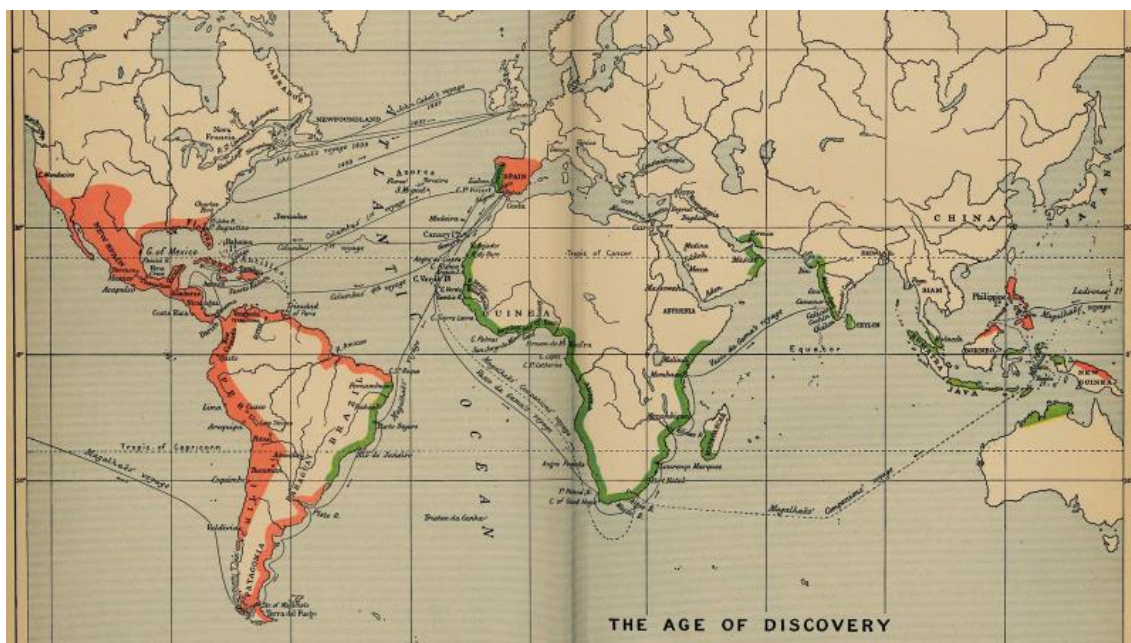


Fig. 110

No século XV inicia-se a Idade das Descobertas. A cartografia assinala a divisão do mundo de acordo com os termos do Tratado de Tordesilhas (1494) em áreas

de influências entre os dois povos vanguardistas na expansão marítima, Portugal e Castela.



Fig. 111

Lisboa transforma-se, durante os tempos áureos dos descobrimentos e constituição do império, numa cidade cosmopolita.

A mudança na sociedade europeia

A crise do feudalismo e passagem da era medieval para a era moderna é marcada pelo surgimento e consolidação de um importante grupo social: a burguesia. Portanto, além do clero, nobreza e camponeses, a sociedade na Europa passou a ser composta pelos burgueses, ligados especialmente a atividades artesanais, comerciais e bancárias.

A presença da classe burguesa alterou completamente a estrutura do sistema feudal e não demorou para que o novo grupo social passasse a lutar por mudanças ainda maiores.



Fig. 112

Em função do incremento da economia mercantil o grupo social protagonista das trocas comerciais, a burguesia, conhece um papel de acrescido relevo no tecido social nos alvares da modernidade.

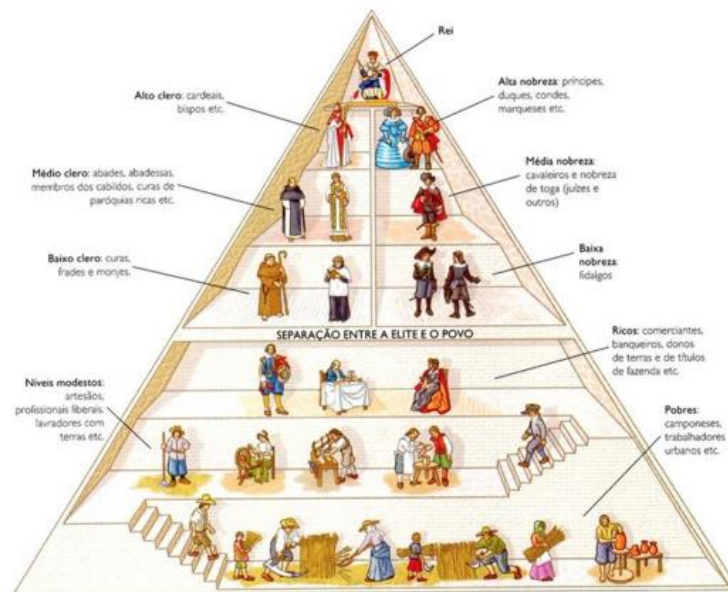


Fig. 113

Em função do acesso a novas e avultadas fontes de riqueza assim como ao requisito social dos mestres citadinos, ocorre uma estratificação acentuada dentro do Terceiro Estado, com um incremento das diferenças de condições de vida entre o povo e a burguesia.

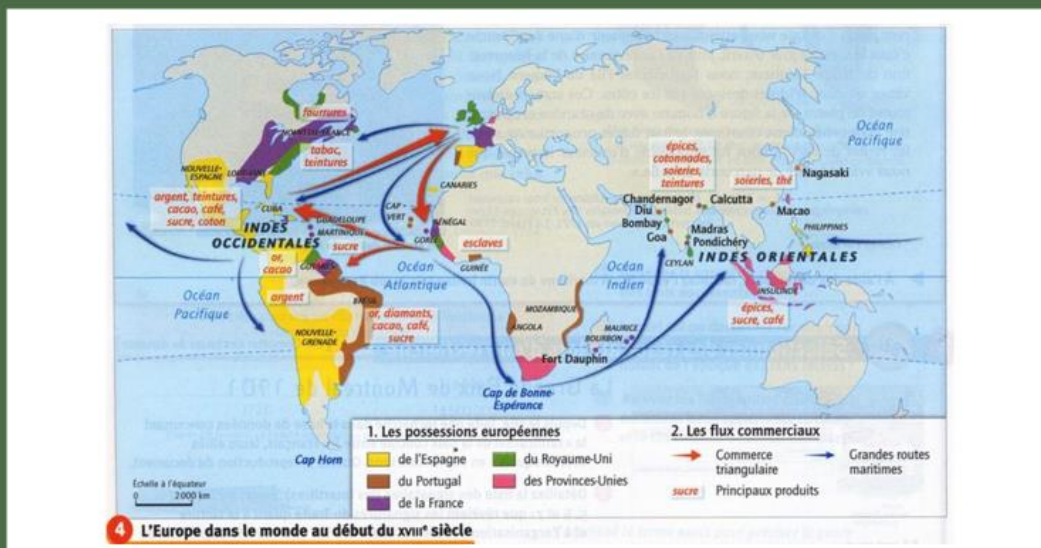


Fig. 114

Após a iniciativa pioneira dos povos da Península Ibérica na constituição dos seus impérios ultramarinos, a partir da segunda metade do século XVII concorrentes europeus com ampla fachada atlântica, como a Inglaterra, as Províncias Unidas e a França, disputam as áreas de influência colonial. O modelo de ocupação do espaço é acentuadamente costeiro, com a exceção a constituir a América espanhola e a colonização francesa da América do Norte, esta última, contudo, muito parca ao nível de recursos demográficos. O estabelecimento de um empório comercial ultramarino constitui prioridade na política colonial das potências metropolitanas europeias.



Fig. 115

O slide exposto recria o enfoque das potências metropolitanas e companhias monopolistas europeias dirigido para a obtenção de riquezas nas colónias, com os produtos adquiridos a serem transportados em navios de grandes dimensões pelo espaço ultramarino até ao seu desembarque nos portos das principais cidades costeiras.



Fig. 116

O apogeu do Monarquia Hispânica é atingido com a união dinástica com Portugal após a fatídica batalha de Alcácer Quibir (1578) na qual falece, sem herdeiros, o rei Dom Sebastião.

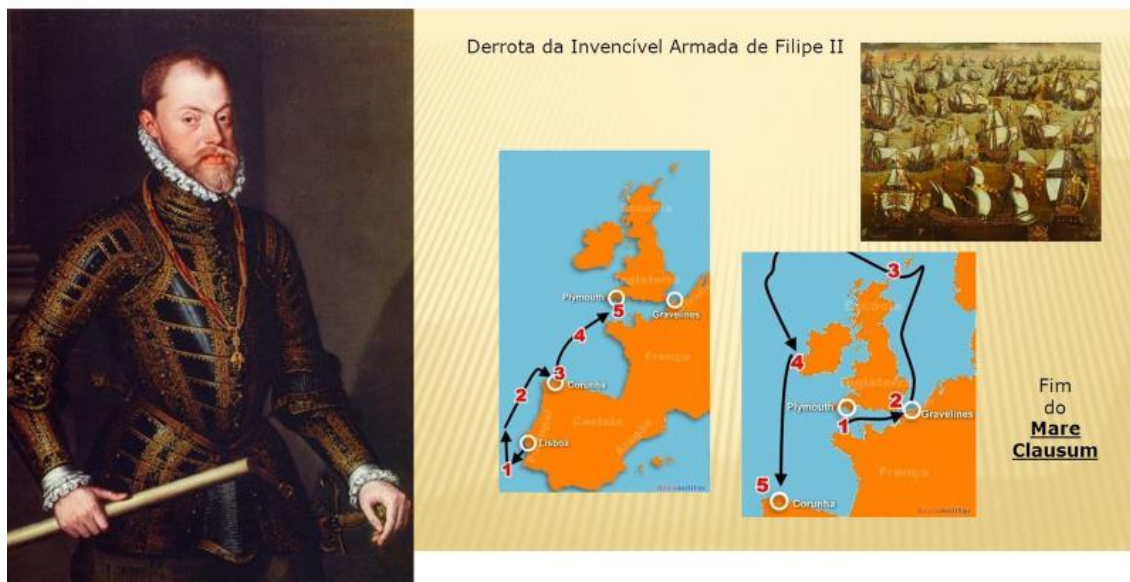


Fig. 117

Contudo, a derrota da Invencível Armada assinala o fim da preponderância marítima da Monarquia Hispânica relativamente às potências situadas na fachada atlântica mais setentrional. A política de *Mare Clausum* irá ser substituída pela de *Mare*

Liberum, ou seja, a abertura do espaço ultramarino à livre iniciativa, nomeadamente, a de companhias marítimas privadas com capitais próprios.



Fig. 118

As Província Unidas irão beneficiar com a expulsão dos judeus das monarquias aderentes à ação da Inquisição. Os capitais privados permitem criar companhias monopolistas que irão disputar o domínio colonial com grande vantagem na importância dos recursos navais.



Fig. 119

Navios de guerra holandeses reúnem-se em vastas frotas para tomar os enclaves portugueses no Índico, como é o caso de Cochim no ano de 1663.



Fig. 120

No célebre quadro de Willem Van de Velde, o Moço, expressa-se a importância do tráfico naval no porto de Amesterdão durante a segunda metade do século XVII.



Fig. 121

Com uma aplicação muito prática de princípios mercantilistas e abertura à iniciativa privada, a Inglaterra disputa o domínio ultramarino com as Províncias Unidas

e França. A *East India Company* será uma das mais importantes e bem-sucedidas companhias monopolistas.



Fig. 122

Sob a liderança de Jean Baptiste Colbert, a França articula a procura pelo acréscimo de poder no continente europeu com o investimento no domínio ultramarino, conforme ilustra a imagem retratando um porto marítimo durante o auge do mercantilismo.

Comércio Triangular



Fig. 123

A slide acima exposto ilustra o famigerado comércio triangular que as potências colonizadoras estabelecem entre os três continentes, enviando produtos manufaturados na metrópole para África, adquirindo mão-de-obra escrava no continente negro para trabalhar as plantações americanas de onde provêm as matérias-primas que constituem a base do consumo e transformação na Europa.

Tráfico Negreiro



Fig. 124

O transporte de escravos negros adquiridos em África para a América de forma a trabalharem nas plantações coloniais era, com frequência, realizado em condições desumanas.

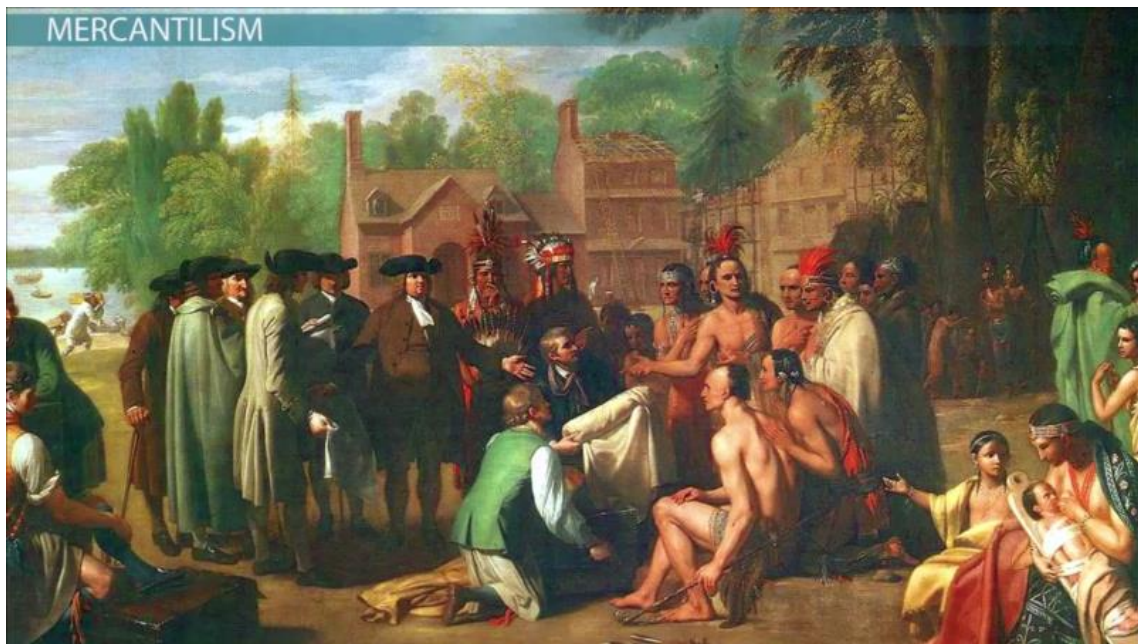


Fig. 125

A imagem expõe a típica troca entre têxteis produzidos na Europa a troco do acesso a matérias-primas ou serviços por parte da população indígena da América. A aculturação dos índios norte-americanos também se realizou em função destes contatos, precedendo a conquista efetiva do território.



Fig. 126

O mercantilismo sedimenta-se, assim, no domínio de rotas comerciais ultramarinas através de uma estratégia definida pelas chefias de companhias monopolistas que, por via de leituras cartográficas, procuravam maximizar o lucro. O uso de navios de carga de grandes dimensões era um requisito que, com frequência,

requeria extenso capital de investimento, motivo porque o sucesso de um Estado sedimentava-se numa balança comercial positiva e na relação estabelecida entre o soberano e a burguesia. Os grandes mercadores e banqueiros financiavam o Estado a troco de acesso à presença do rei e expectativa de favores por parte deste. Por sua vez, o soberano obtinha fontes de financiamento para colocar a nobreza de sangue numa situação de dívida e dependência para com a Coroa. Os avultados gastos que acompanhavam a vida na corte requeriam subsídios sucessivos por parte do monarca que, com este sistema, pôde concentrar poderes antes dispersos pela nobiliarquia.

Mercantilismo

- Doutrina de base económica adotada pelos principais Estados-Nação europeus, em particular os dotados de feição atlântica e domínios ultramarinos.
- Coincide no tempo com a Idade Moderna. Sucede o feudalismo medieval e antecede o liberalismo novecentista. Tem por objetivo fulcral garantir a riqueza de um Estado mediante uma mensura realizada pela acumulação de metais preciosos.

Fig. 127

No slide acima exibido intentámos definir de forma sintética e precisa o termo mercantilismo, procedendo para a sua contextualização histórica.

Mercantilismo

- Forte **intervenção** do **Estado** na economia (**absolutismo**): aumento da **riqueza nacional** é garantida pelo **acumular de metais preciosos (metalismo)** mediante medidas **protecionistas** e **monopolistas**.
- Obtenção de uma **balança comercial positiva**: a **prosperidade** de um país é mensurada pelo rácio do volume das **exportações sobre as importações**.
- **Protecionismo**: Política económica que **impede a livre circulação de produtos** mediante **tarifas alfandegárias** a **produtos estrangeiros** e concessão de exclusivos e privilégios industriais. Tem por objetivo assegurar o desenvolvimento e competitividade das produções internas.
 - **Fomento da produção industrial**: visa a **autossuficiência** do país e **exportação** dos produtos manufaturados.
 - **Tarifas alfandegárias**: forte **taxação** dos produtos **estrangeiros**.
 - Incremento do **comércio externo**: proporcionar **mercados de abastecimento de matérias-primas** e **colocação de produtos manufaturados (colonialismo)**.

Fig. 128

Uma explicação mais elaborada do Mercantilismo durante o Antigo Regime sucede-se à definição sintética. No presente slide temos um texto porventura demasiado extenso, sendo preferível fracioná-lo em dois ou três slides, desta forma diluindo a sua densidade e compactação.

Mercantilismo

- | | |
|------------------------------|---|
| • Antigo Regime. | • Balança Comercial |
| • Burguesia. | • Metalismo. |
| • Capitalismo Comercial. | • Manufaturas. |
| • Poder com base na riqueza. | • Exclusivo colonial. |
| • Absolutismo. | • Companhias monopolistas. |
| • Dirigismo Estatal. | • Desenvolvimento da frota mercante e da marinha de guerra. |
| • Protecionismo. | |

Fig. 129

De forma a garantir a apreensão dos conceitos chave associados ao Mercantilismo, o presente slide é estruturante para a aula lecionada. Apercebendo-se disso, vários alunos transcreveram o conteúdo para o seu caderno e solicitaram a sua disponibilidade online. O mestrando pediu um feedback à turma através da interpelação do significado de cada termo disposto, acrescentando informação ou estruturando a que lhe foi transmitida. Pudemos verificar que a atenção que os alunos haviam evidenciado durante a aula se consubstanciou em respostas corretas e inteligentes.

No decurso da análise dialética sobre os termos do presente slide, o toque interrompeu a aula, confirmando que a complexidade da matéria em abordagem exigia a sua continuidade por um segundo tempo letivo. No final da aula, vários alunos se dirigiram ao mestrando para lhe agradecer, reconhecimento recíproco da nossa parte pela atenção e qualidade das intervenções. O objetivo primacial da pedagogia rogeriana foi alcançado com o recíproco estabelecimento de laços de confiança, respeito e afetividade logo na primeira aula. O carácter motivacional das vários slides exibidos, a preocupação em garantir a compreensão de todos os alunos e o recurso à simplificação dos conceitos constituíram elementos fundamentais para o estabelecimento de uma boa relação pedagógica.

A turma do 11º ano revelou-se muito interessada e perspicaz, elementos de grande importância, sobretudo quando abordando temas que exigem o conhecimento de conceitos de economia. Pela sua parte, o mestrando tentou aligeirar a densidade da terminologia com referências à sua aplicação na vida financeira, pessoal e coletiva, nos dias de hoje. Essa estratégia cumpriu com sucesso percecioneado o duplo objetivo de explicar o fenómeno epocal assim como explicitar a natureza e tipo de relações no mundo de trabalho onde os alunos se irão introduzir daqui a algum tempo, aspecto nuclear no modelo pedagógico pragmático de John Dewey.

3.4. Quarta aula lecionada³⁵³.

Lecionada a 23 de outubro, terça-feira, a quarta aula do estágio profissional consistiu na continuidade e conclusão da matéria abordando o Mercantilismo como expressão do reforço das economias nacionais durante o Antigo Regime. Explicámos os princípios mercantilistas e, no contexto destes, as diferenças entre a política económica de Colbert e o conjunto de medidas encetado por Oliver Cromwell, distinguindo o

³⁵³ Planificação em anexo (Anexo 3).

modelo francês, centrado nas manufaturas, e o inglês, centrado no comércio. Foi explicado a relação entre o domínio dos espaços coloniais e o equilíbrio político dos Estados europeus.

Neste contexto, referenciou-se o longo ciclo de guerras durante o Antigo Regime entre as potências europeias como decorrente do recíproco bloqueio ocasionado pela aplicação do sistema mercantilista. Motivações económicas, em particular comerciais, estiveram na génese da maior parte dos conflitos bélicos, devido à consciência compartilhada que a riqueza resultante do domínio sobre os espaços ultramarinos permitia financiar o poder militar da metrópole. Os grandes entraves colocados à circulação de produtos na Europa induziram a uma aposta nas áreas coloniais cujo domínio foi disputado de forma acérrima entre as potências rivais.

No decurso da aula, explicou-se que a sucessão de guerras opondo a República das Províncias Unidas à Inglaterra se concluiu com uma união dinástica cujo efeito seria decisivo para deter o ensejo de expansão continental de Luís XIV. No ocaso da Guerra da Sucessão da Espanha, o domínio exercido pela França, tanto pela aplicação pioneira da doutrina mercantil como pela sua demografia e geografia centralizada no contexto da Europa moderna, sofre um claro enfraquecimento. O acentuar dos vícios da elite aristocrática regente e a incapacidade de Luís XV em sanear as finanças públicas determinou a debilidade crescente do Antigo Regime francês em responder à exigência da competição que lhe movia o Reino Unido na disputa pela hegemonia comercial mercantil.

A fixação da grande estratégia francesa em desviar os seus recursos para a frente continental cedeu a iniciativa ao Reino Unido nos teatros ultramarinos durante a Guerra dos Sete Anos, considerada como o primeiro conflito verdadeiramente mundial dado que a oposição das potências europeias se estendeu do velho continente aos seus domínios coloniais. No término do conflito com a assinatura do tratado de Paris (1763), as fronteiras entre os estados rivais antes do início das hostilidades foram preservadas na Europa, enquanto o Reino Unido assegurava uma posição dominante no domínio do tráfico mercantil ultramarino com a tomada de territórios no Canadá, vale do Ohio, vale do Mississípi e Índia.

3.4.2. Descrição detalhada da aula.

Mercantilismo

- Antigo Regime.
- Burguesia.
- Capitalismo Comercial.
- Poder com base na riqueza.
- Absolutismo.
- Dirigismo Estatal.
- Protecionismo.
- Balança Comercial positiva.
- Metalismo.
- Manufaturas.
- Exclusivo colonial.
- Companhias monopolistas.
- Desenvolvimento da frota mercante e da marinha de guerra.

Fig. 129

A aula principiou com a exposição do slide integrando os conceitos estruturantes relativamente ao Mercantilismo. Procedemos ao questionamento dos alunos sobre cada um dos termos, desta forma garantido a sua compreensão e assimilação.



Fig. 130

O recurso à iconografia da balança é um dos mais valiosos para a apreensão dos preceitos do mercantilismo, nomeadamente, o rácio entre as exportações e importações.

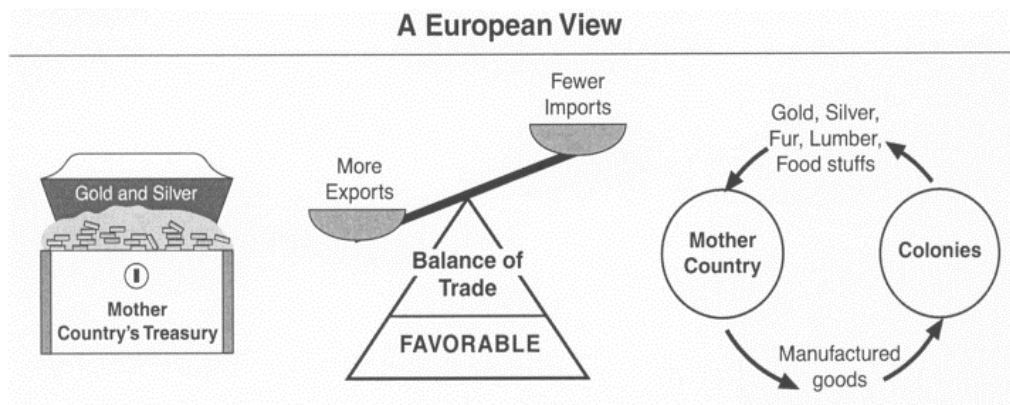


Fig. 131

Compreendido o objetivo base do mercantilismo como essencialmente uma tentativa de exportar o máximo e importar o mínimo, procedemos para um slide expondo a relação estabelecida entre o enriquecimento da metrópole através da aquisição da relação comercial estabelecida com as colónias, trocando bens manufaturados por matérias-primas, algumas das quais origem do fabrico dos produtos posteriormente remetidos para o ultramar. O circuito comercial mercantilista é, neste slide, exemplificado de forma a torná-lo facilmente compreensível.

Mercantilismo Francês – Colbertismo.

- **Absolutismo** régio.
- Feição altamente **dirigista**.
- Sector **manufatureiro**.
- Aposta na construção de uma **frota comercial e marinha de guerra** permanente.
- **Regular** a atividade **industrial**:
 - **Novas indústrias** (cristais de Murano, tecidos holandeses, bordados de Veneza).
 - Criação **manufaturas**.
 - **Monopólios**.
 - Incentivos fiscais/subsídios.
- Manufaturas **reais**.
 - Artigos de **luxo**.



Fig. 132

Discriminados os aspetos essenciais do mercantilismo enquanto sistema ou doutrina económica, procedemos para a identificação das especificidades da sua aplicação no contexto dos principais Estados do período. Pioneiro no concebimento do sistema, o colbertismo articula-se com o absolutismo régio vigente em França e é implementado através de um estrito controlo dirigista por parte da Coroa, concessões de monopólios, fabrico de artigos de luxo para usufruto nobiliárquico. A aposta na construção de uma frota comercial e marinha de guerra representa o adquirir de uma feição ultramarina numa nação igualmente dirigida para as lides continentais europeias. A liderança de Jean Baptiste Colbert irá revelar-se crítica para a criação e continuidade do aplicar do sistema.



Manufaturas Francesas

Fig. 133

As iconografias históricas representam a escala humana da produção manufatureira francesa e o apoio do monarca absoluto, Luís XIV, ao fabrico de tapeçarias reais através da sua visita.

Mercantilismo Inglês

- Medidas mercantilistas aplicadas lentamente de acordo com as circunstâncias, assumindo um carácter mais **flexível** e com elevado grau de **eficiência**.
- Valorização da **marinha** e do **sector comercial**.
- Promulgados, entre 1651 e 1663, uma série de leis – os **Atos de Navegação** – destinadas a **banir a concorrência holandesa**, com a marinha inglesa a deter o **exclusivo da navegação** e o **transporte de mercadorias** para a **Inglaterra**.
- Política de **expansão territorial**, sobretudo na **América do Norte** e nas **Antilhas**.
- Criação de **Grandes Companhias de comércio** a quem se concederam numerosos **monopólios**: **Companhia das Índias Orientais** que recebeu, em 1661, poderes soberanos de justiça civil, organização militar e direção de guerra no oriente.
- O **poderio comercial e marítimo inglês consolidou-se** com a aplicação de uma **política protecionista**, permitindo-lhe disputar com êxito, o **primeiro lugar** na **cena económica internacional**.

Fig. 134

A versão mercantilista aplicada pela Inglaterra é caracterizada no presente slide, salientando-se, a negrito, a sua flexibilidade, eficiência, oposição com a República das Províncias Unidas, investimento assertivo na expansão territorial na América do Norte, criação de Grandes Companhias de comércio monopolistas. O poder demográfico inglês, a aliança dinástica por fim estabelecida com as Províncias Unidas e a atrofia do esforço colonial francês após a saída de cena de Colbert concedem, à Inglaterra, em meados do século XVIII, o estatuto de primeiro lugar na cena económica internacional.



Fig. 135

A imagem representa a tenacidade da luta entre as poderosas frotas britânicas e holandesas conferindo, a cada grande recontro naval, uma incerteza quanto ao vencedor e extensivas perdas reciprocamente infligidas, ao longo da segunda metade do século XVII.

O Equilíbrio europeu e a disputa das áreas comerciais

- Nações Europeias:
 - **Equilíbrio de poder:** mantido por relações diplomáticas e numerosos conflitos.
 - Conflitos ocasionados, sobretudo, por **motivações económicas.**
 - **Áreas coloniais** tornam-se centro de acesas rivalidades.
 - **Exclusivo colonial.**

Fig. 136

Durante os séculos XVII e XVIII registou-se um equilíbrio de poder mantido por relações diplomáticas e multiplicidade de conflitos, sobretudo ocasionados por motivações económicas. No Ultramar, a disputa das áreas coloniais e implementação do exclusivo colonial em favor da metrópole tornou-se o centro de acesas rivalidades.



Fig. 137

A inspirada chefia de John Churchill, 1ª Duque de Marlborough, (1650-1722), irá pôr em cheque a política expansionista de Luís XIV. A batalha de Blenheim (1704), travada no decurso da Guerra da Sucessão de Espanha, assinala o fim da supremacia francesa na política do continente europeu.

Guerra dos Sete Anos (1756-1763)

- **Primeiro conflito mundial. Trava-se na Europa e áreas coloniais (América, África e Ásia).**
- **Vitória Inglesa (Tratado de Paris).**
 - Anexa à França: Canadá, vale do Oaio, margem esquerda do Mississípi; feitorias no Senegal.
- **A Inglaterra tornou-se a maior potência colonial e marítima da Europa. A sua hegemonia perdurará pelo século XIX.**

Fig. 138

Em meados do século XVIII ocorre o primeiro conflito de escala mundial dado envolver a guerra na Europa assim como nas áreas coloniais das potências metropolitanas. Com a vitória alcançada, a Inglaterra torna-se na maior potência colonial e marítima da Europa, exercendo uma hegemonia que perdura pelo século XIX. O equilíbrio do poder europeu ocorre quando a Inglaterra se eleva como o a potência predominante no Ultramar e a França perde a sua supremacia no Velho Continente.

- **“Não se tenta salvar os estábulos quando a casa está a arder.”** (Nicolas René Berryers, Secretário naval francês recusa providenciar, em Outubro de 1758, reforços solicitados pelo comando na América para defender a cidade do Quebec).
- **“Canadá, um país coberto com neves e gelos durante oito meses no ano, habitado por bárbaros, ursos e castores.”** (Voltaire, 1753, *Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações*. Capítulo 151 – Sobre as possessões dos franceses na América).
- **“Enquanto tivemos a França como inimigo, a Alemanha foi o cenário para empregar e deflectir as suas armas.”** (William Pitt, *Discurso na Casa dos Comuns* (Agosto 1762)).

Fig. 139

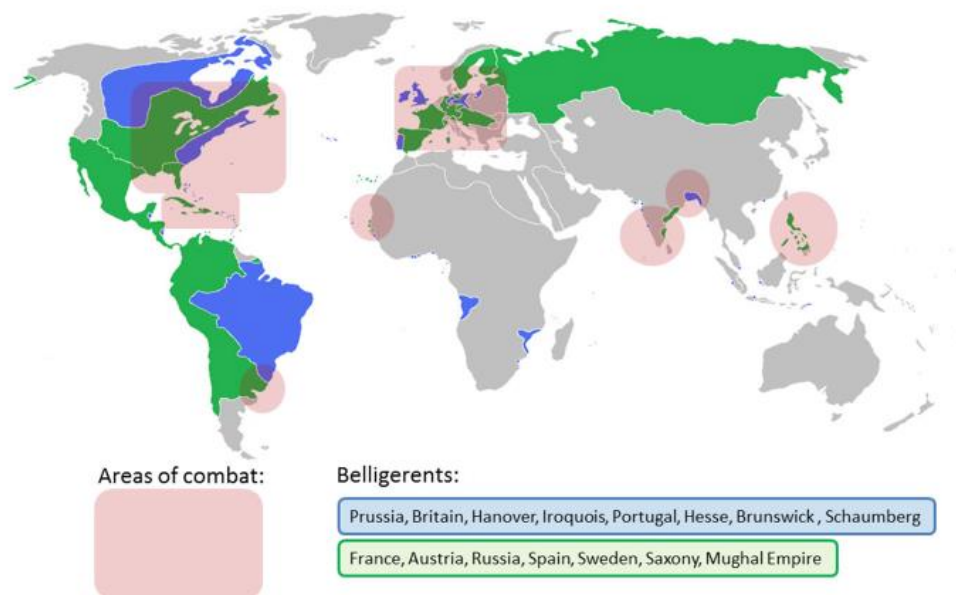


Fig. 140

Os três documentos históricos expostos no slide acima permitem, aos alunos, reconhecer a prioridade atribuída pela liderança política da Inglaterra à guerra no Ultramar em flagrante contraste com o menosprezo da aristocracia francesa pelo valor dos territórios periféricos do Canadá, vale do Ohio e Mississípi, constituindo o seu domínio colonial no Norte da América.



Fig. 141

William Pitt, *o Velho*, grande orador ligado ao partido *Whig*, proponente de uma política dirigida para a expansão colonial e marítima. O soberano aliado da Inglaterra, Frederico II da Prússia, vai revelar-se o maior líder militar do século XVIII.



Fig. 142

Na imagem da esquerda, Luís XV, personificação do Antigo Regime francês, exerce um poder soberano marcado pela influência da sua amante, a Madame de

Pompadour, pelo favor pessoal na escolha das lideranças militares e governamentais, sobretudo pessoas incapazes.

À direita, Maria Teresa, matriarca da dinastia habsburguesa, irá obstinar-se na luta contra Frederico II para recuperar o domínio sobre a rica região da Silésia, perdida durante a Guerra da Sucessão da Áustria.

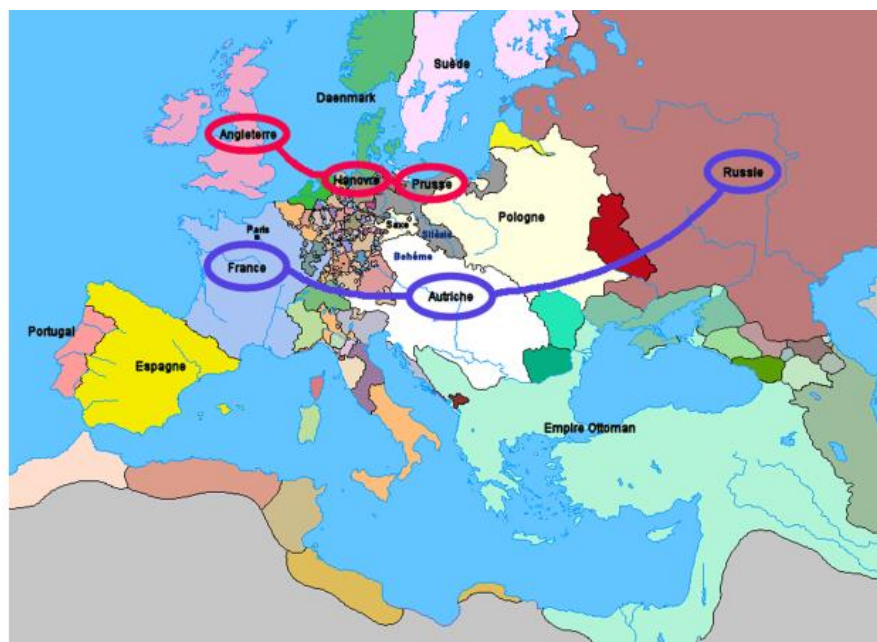


Fig. 143

A Inglaterra destaca um exército para cobrir o estado de Hanover e financia a Prússia enquanto desvia os seus melhores recursos para o Ultramar. A França, Áustria e Rússia mobilizam-se a partir de uma posição geográfica excêntrica para destruir o poder de Frederico II.

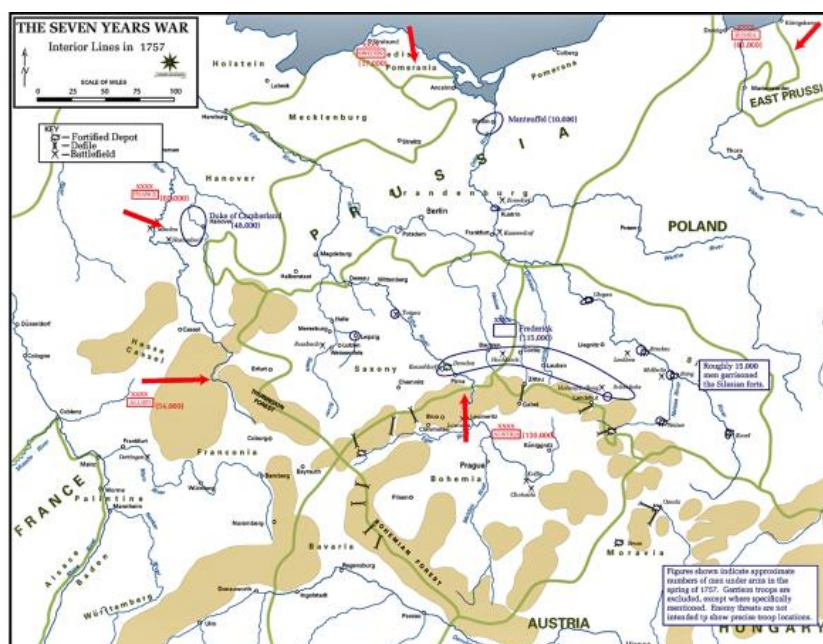


Fig. 144

Apesar de atacada por todos os lados, a Prússia tem a vantagem de dominar as linhas interiores. O exército britânico em Hanover é também importante para cobrir o seu flanco ocidental e desviar forças francesas. Frederico bate-se com uma desproporcionalidade de cerca de um para três.

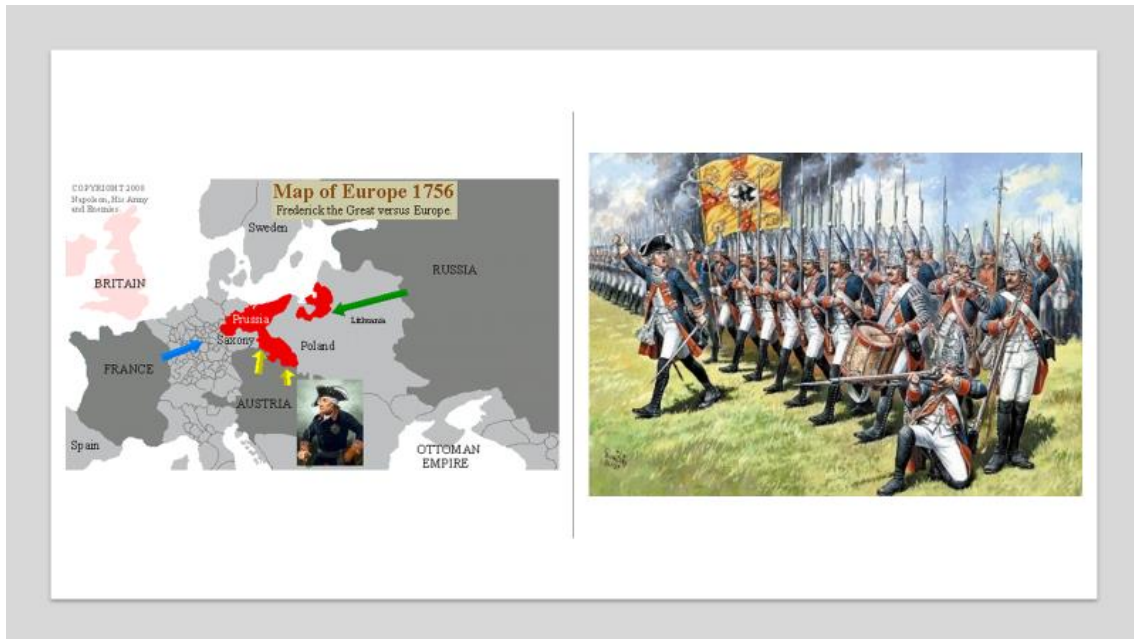


Fig. 145

A iconografia da esquerda ilustra a posição aparentemente desesperada da Prússia perante os seus adversários continentais. Contudo, Frederico tem ao seu dispor um exército profissional, disciplinado e superiormente liderado.



Fig. 146

Na batalha de Rossbach (1757), Frederico embosca um exército francês tomando partido da surpresa, massificação da artilharia, posição de tiro da infantaria no flanco do inimigo e cargas de cavalaria contra as colunas de marcha. Uma detalha descrição da batalha foi realizada no decurso da aula com manifesto fascínio por parte dos alunos.

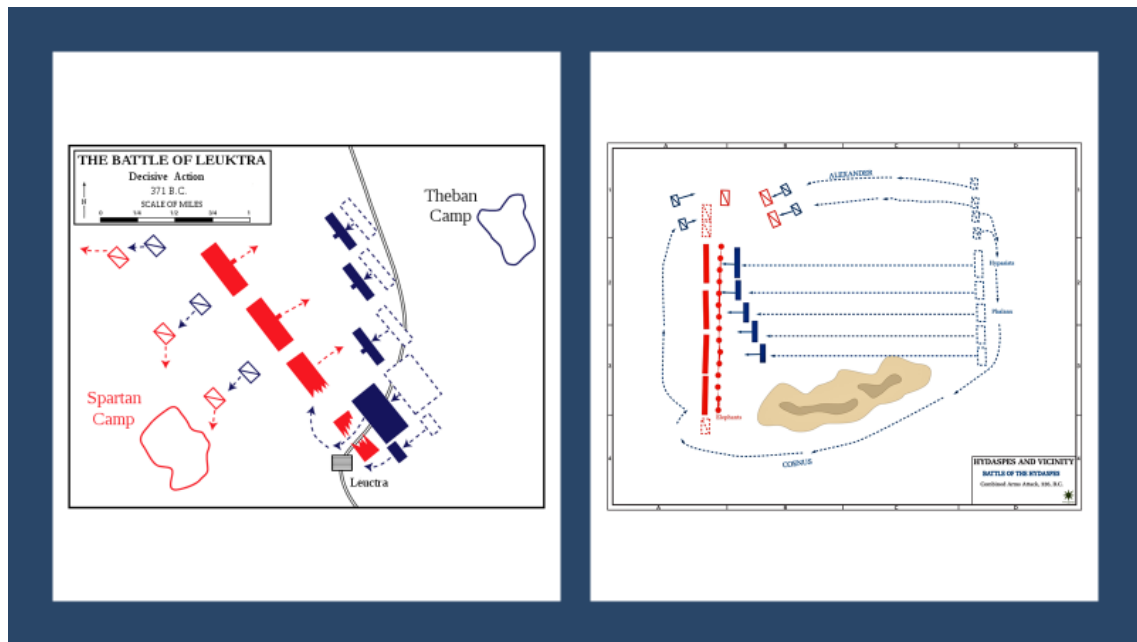


Fig. 147

A presente iconografia ilustra o uso pioneiro da tática de batalha em diagonal usada na Antiguidade por Epaminondas na batalha de Leuctra (371 a.C.) e a sua adaptação ao modelo de exército macedônio por Alexandre Magno na batalha de Hidaspes (326 a.C.). Essa retrospectiva auxilia a compreender o uso, por parte de Frederico II, de métodos militares com forte tradição histórica adaptados à guerra moderna.

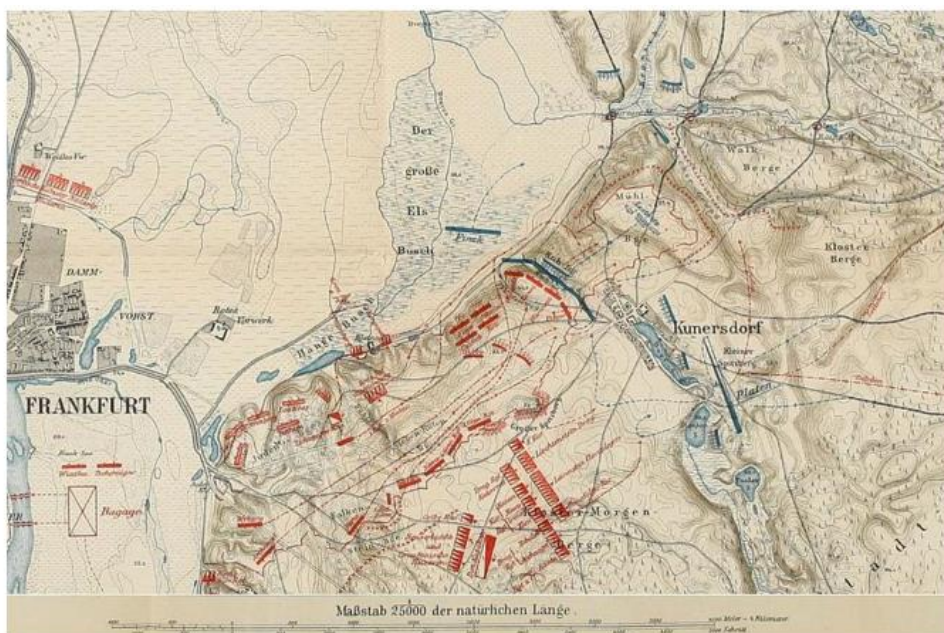


Fig. 150

A batalha de Kurnesdorf (1759) constitui a maior derrota de Frederico II. O grande risco da aplicação da ordem de batalha em diagonal, com o máximo de impulso a ser empenhado no primeiro ataque de forma a maximizar o efeito surpresa, foi descrito a partir da presente iconografia. O fracasso dos prussianos em perfurar o flanco esquerdo russo, ancorado em fortificações, ocasiona um contra-ataque demolidor. A comparação com as táticas empregues por Napoleão assentes no uso de fortes reservas foram anuídas como forma de comparar os métodos distintos de dois dos maiores generais da História.



Fig. 151

A morte da imperatriz Isabel I em 1762 salva a Prússia da destruição, operando-se o Milagre da Casa de Brandeburgo. Pouco tempo após iniciam-se conversações de paz. A Guerra na Europa resulta num impasse sem mudanças territoriais.

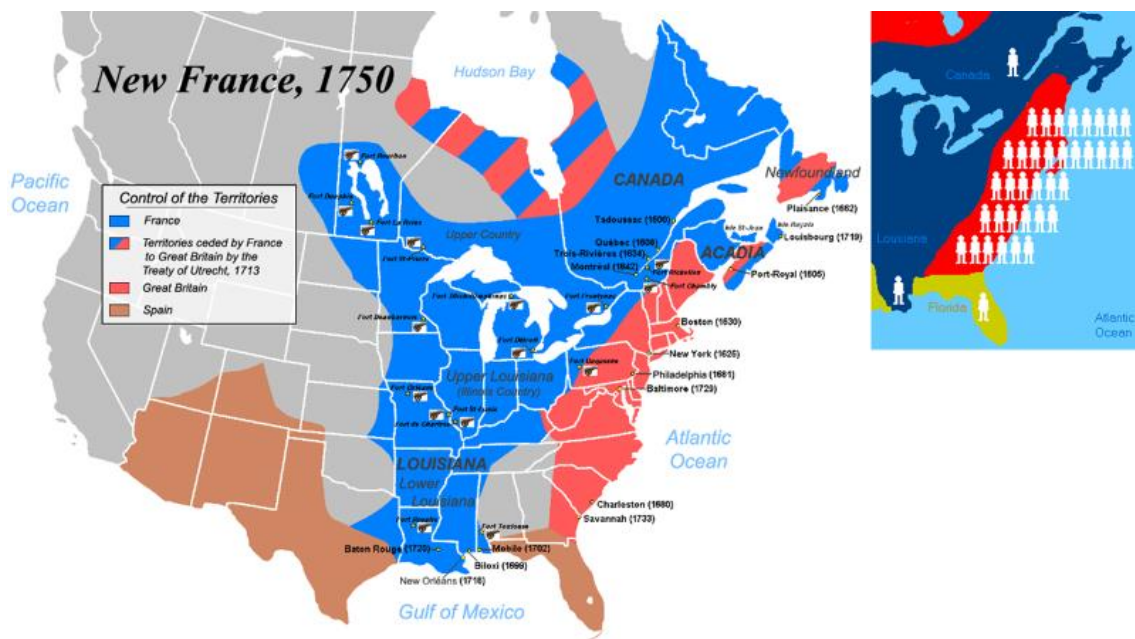


Fig. 152

As grandes mudanças de poder da Guerra dos Sete Anos ocorrem no Ultramar. A fisionomia da colonização inglesa e francesa da América do Norte assume contornos muito diferenciados.

Após o impulso pioneiro de Colbert, a França pouco investira no povoamento de um extenso território. A presença colonizadora é sobretudo de carácter comercial e missionário. O domínio do espaço encontra-se formalmente assegurado por uma rede de fortificações distribuídas ao longo dos vales dos principais cursos de água.

A presença inglesa assume uma expressividade demográfica muito maior: no alvor da Guerra dos Sete Anos, conta com 1,5 milhões de colonos contra 80,000 residentes franceses. O posicionamento geográfico excêntrica da zona de controlo francesa ameaça a possibilidade de uma futura expansão territorial, determinando a Inglaterra ao conflito.

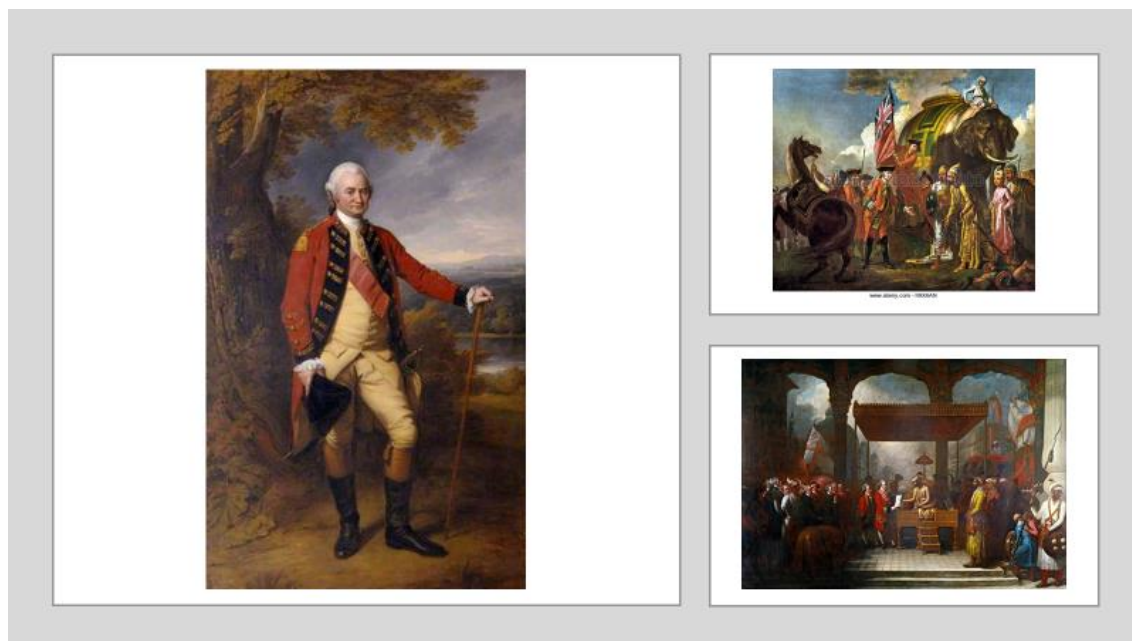


Fig. 155

A ação de Robert Clive, governador da corporação inglesa East India Company, é decisiva para assegurar o domínio inglês sobre o comércio em particular no Golfo de Bengala. Com a vitória alcançada na Batalha de Plassey (1757), Clive força os príncipes do Império Mughal à submissão.

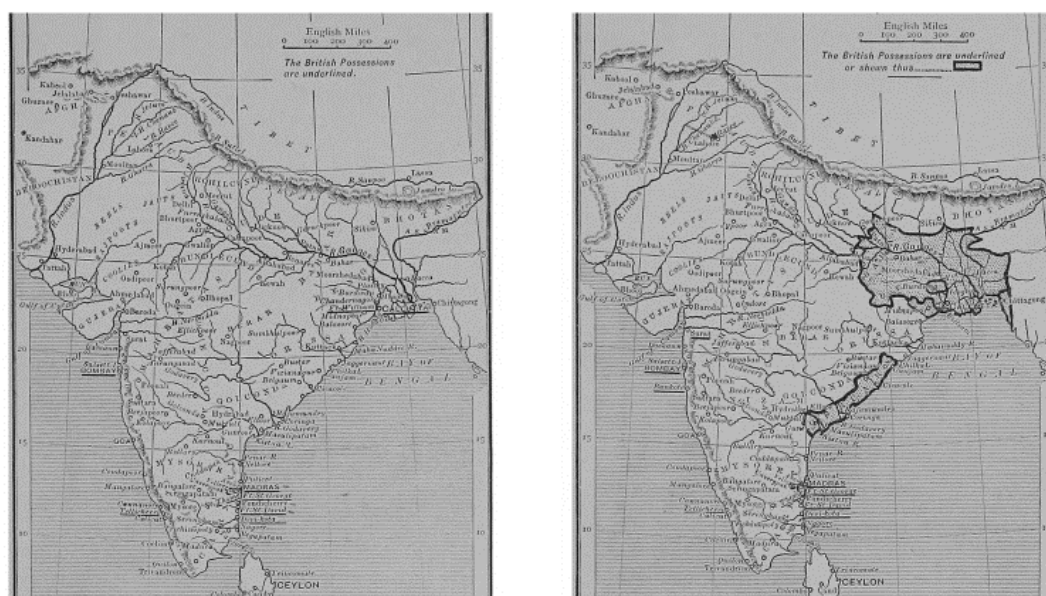


Fig. 156

A iconografia da esquerda assinala o domínio britânico na Índia no ano de 1647, limitando-se este a algumas cidades costeiras do Golfo de Bengala. Na cartografia da direita vemos, no ano de 1670, a expansão colonial britânica a assumir uma

complementaridade entre a presença costeira com uma ocupação territorial interior, sobretudo no vale do Ganges.

European War goes global: The Seven Years War, 1756-63



- Fought in Europe, North America, the Caribbean, and India
- France loses most of its colonial possessions.
- England becomes leading colonial power.
- English rule over India begins (Battle of Plassey, 1757).

Fig. 157

O último slide exibido ilustra os três principais anfiteatros de guerra ultramarinos e sintetiza os aspetos essenciais da Guerra dos Sete Anos.

O interesse manifestado pelos alunos pela História Militar constituiu um dos motivos para que a Guerra dos Sete Anos fosse posteriormente selecionada para tema de Relatório Profissionalizante. No final da aula, o aluno Ricardo dirigiu-se ao mestrando solicitando informações sobre a possibilidade de cursar História na Faculdade de Letras. Pudemos, por conseguinte, constatar que os métodos pedagógicos enfatizando a motivação dos alunos para a aquisição de conhecimentos de acordo com os vínculos relacionais de Carl Rogers se articularam com um desígnio de aprendizagem especializada da disciplina de História no domínio universitário. Considerando que, na aula de apresentação, nenhum dos discentes havia manifestado desejo de se dedicarem ao ofício de historiador, o interesse evidenciado no término do segundo ato letivo articulou a aprendizagem de conteúdos com o efeito social intencionado pela pedagogia pragmática de John Dewey.

3.5. Quinta Aula Lecionada³⁵⁴.

A quinta aula lecionada decorreu no dia 4 de Janeiro de 2019, Sexta-feira. Abordou a temática da difusão dos fascismos, integrando o plano curricular do 12º ano de escolaridade. Tivemos a honra da assistência do coordenador do curso de Mestrado em Ensino da História, o professor Miguel Monteiro.

Na preparação da aula apercebemo-nos que a extensão da matéria que se pretendia abordar exigia, para uma aproximação clarificadora, a realização de um segundo momento letivo. Contudo, a professor Amélia Vasconcelos explicou que, devido às exigências programáticas, lhe era impossível conceder adicional tempo. Desta forma, a descrição da Segunda Guerra Mundial, momento de insigne importância na História Contemporânea, teve de se limitar a um ligeiro acréscimo relativamente às aprendizagens essenciais, tal como discriminadas no manual utilizado. A dificuldade de compactação e síntese de um ponto programático tão extenso ocasionou um ritmo bastante intenso de aula. Não obstante, pareceu-nos que todos os conteúdos foram apreendidos pelos alunos.

Em conversa com os alunos antes do início do ato letivo foi patente que o gosto pessoal que o mestrando nutre pela temática em abordagem não encontrava reciprocidade entre as raparigas que compreendem a maior parte do corpo discente da turma do 12º ano. Em função dessa consciência intentámos não detalhar em demasia os eventos da Segunda Guerra Mundial, abdicando de proceder à análise de métodos bélicos que, na turma do 11º ano, constituíram um foco de interesse na abordagem à Guerra dos Sete Anos.

Apesar do menor interesse de origem pelo tema, a turma reagiu com atenção aos conteúdos lecionados, providenciando sempre ótimas condições de realização para o nosso trabalho. A participação foi esporádica tal como havia ocorrido nas anteriores aulas lecionadas pelos mestrandos e professor Amélia Vasconcelos, consistindo num traço específico da turma em si.

Todos os objetivos programados da aula foram cumpridos tendo sobrado algum tempo no seu final que nos permitiu a utilização de recursos visuais com bom efeito percecionado. Principiámos com uma cena marcante do filme *Dunquerque* (2017) no decurso da qual somos transportados para o ponto de vista dos soldados ingleses sob bombardeamento de Stukas enquanto aguardam pelo embarque. O trailer do filme

³⁵⁴ Planificação em anexo (Anexo 4).

premiado de Clint Eastwood, *Cartas de Iwo Jima* (2007), foi visionado com a explicação, por parte do mestrando, que se tratava de uma obra única devido à forma como humaniza e retrata sem descaracterizar a cultura japonesa.

Por fim, exibimos o registo em áudio do discurso intemporal de Wiston Churchill ao parlamento britânico na sequência da derrota das forças aliadas em França, contextualizando a sua importância histórica e situação pessoal do primeiro-ministro. A aula foi concluída com a exposição, por parte do mestrando, das possibilidades de empregabilidade aos alunos que escolham seguir pela área de História, em particular na Faculdade de Letras. Foi assegurado que a oportunidade de serem professores de História, durante bastante tempo difícil, se encontrava facilitada pela necessidade manifesta de renovação dos quadros docentes.

Concluimos o ato letivo com a exibição de um clip de uma música emblemática de Rui Veloso como forma de protesto contra o serviço militar obrigatório ainda em vigor em Portugal durante os anos 80 do século passado, exemplo da forma como o interesse por temáticas históricas é potencialmente inesgotável mesmo quando abordando realidades etnológicas como pouca ligação ao nosso quotidiano.

A observação naturalista realizada pelo mestrando no decurso da aula registou que a composição maioritariamente feminina da turma constituiu um elemento de relevância atendendo às características da temática em abordagem, a expansão dos fascismos e a Segunda Guerra Mundial. Não obstante, a concertação entre o bom-comportamento dos alunos e o uso selecionado de material iconográfico motivacional, garantiu um interesse patente no decurso da aula, ainda que bastante distante do fascínio perçecionado na abordagem aos Loucos Anos Vinte e emancipação da mulher. Apesar da extensão do tema ter ocasionado uma rápida exposição de slides, os alunos pareceram compreender os conteúdos. Em suma, o ato letivo decorreu sem incidentes relativamente ao planeado, com eficiência na transmissão e apreensão de conteúdos, ainda que sem momentos de superação de interesse por parte da turma, sobretudo por motivo da natureza da temática abordada.

3.5.2. Descrição detalhada da aula.



Fig. 158

O primeiro slide exibido cumpre, em primeiro lugar, um objetivo motivacional para a turma, devido ao seu carácter armífero. As expressões agressivas dos soldados representando das potências do Eixo conecta-se com o tema em análise: a irradiação do fascismo. A legenda em italiano traduz-se: “três povos uma guerra!”.

Tendo sido identificada a iconografia como um cartaz propagandístico italiano de enaltecimento da aliança entre a Itália, Alemanha e Japão, o mestrando dirigiu à turma a seguinte questão: se o pacto entre regimes autoritários nacionalistas não constinha, em si mesmo, um elemento contraditório. A resposta a esta pergunta constitui um dos pontos estruturantes da aula lecionada.



Fig. 159

O slide ilustra a irradiação de regimes fascistas e autoritários antes da conquista da Checoslováquia pelas forças militares da Alemanha. Conforme antecipara Mussolini, o tipo de regime que se instaurara de forma pioneira na Itália seria emulado, nas suas



Fig. 160

A origem do termo Fascismo foi discriminada a partir da análise das imagens dispostas. Símbolo da unidade perante a República na Roma Antiga, seria adotado

como símbolo de subordinação do indivíduo perante o grupo e onnipresença do Estado pelo Partido Nacional Fascistas italiano.

Características Gerais dos Fascismos

- Estado autoritário nacionalista.
- Controlo/regulação da economia.
- Desrespeito pelas minorias étnicas.
- Expansionismo/imperialismo/colonialismo.
- Antiliberalismo/anticomunismo/partido único.
- Milícias armadas/organizações paramilitares.
- Culto do líder.
- Polícia política/censura/mobilização das massas.

Fig. 161

Precedendo à análise da expansão do fascismo em cada estado-nação, discriminámos as características gerais do regime em todos os casos de aplicação, malgrado as grandes diferenças específicas entre estes.

Vias de Difusão do Fascismo

- **Ideologia:** inspiração no fascismo italiano e nazismo alemão.
- **Diplomacia:** agressiva, assente na coerção e num pretensão “direito natural”.
 - **Alianças\Pactos** entre estados fascistas.
 - **Apoio militar** (à Espanha franquista).
 - **Acordos de Munique** (1938).
- **Política:** **expansionista**, colonialista, imperialista.
 - Itália: Império Romano, ***Mare Nostrum***.
 - Alemanha: “**Espaço-Vital**”.
- **Militar:** conquista, anexação, formação de estados-clientes.
 - **Itália:** “pacificação” da Líbia (1912-14); Etiópia (1935-1937); Albânia (1939).
 - **Alemanha:** Áustria (1938); região dos Sudetas (1938); Checoslováquia (1939).

Fig. 162

Tendo sido identificados os traços comuns dos Fascismos, procedemos para a descrição das suas várias formas de difusão.



Fig. 163

As semelhanças dos traços identitários dos regimes autoritários da Itália, Alemanha e Japão resultaram no estabelecimento de alianças militares entre si, conferindo um reforço aparente de poder aos seus respectivos projetos expansionistas.

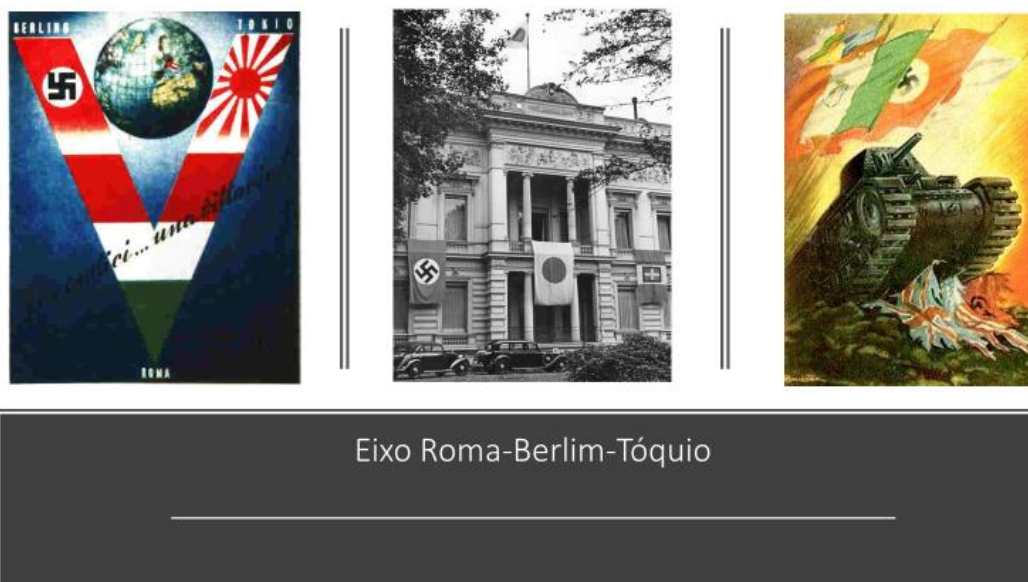


Fig. 164

Constituído no decurso das grandes vitórias alemãs no ano de 1940, o Eixo Roma-Berlim-Tóquio surge como um projeto de expansionismo militar focalizado no domínio do mundo, conforme ostenta as imagens da esquerda em que o globo terrestre surge aprisionado entre o V de vitória. A intencionalidade de esmagar sob o peso da portentosa tecnologia de guerra blindada ao dispor das potências do Eixo o Reino Unido, América e União Soviética é exibida na iconografia da direita.

O Fascismo Italiano

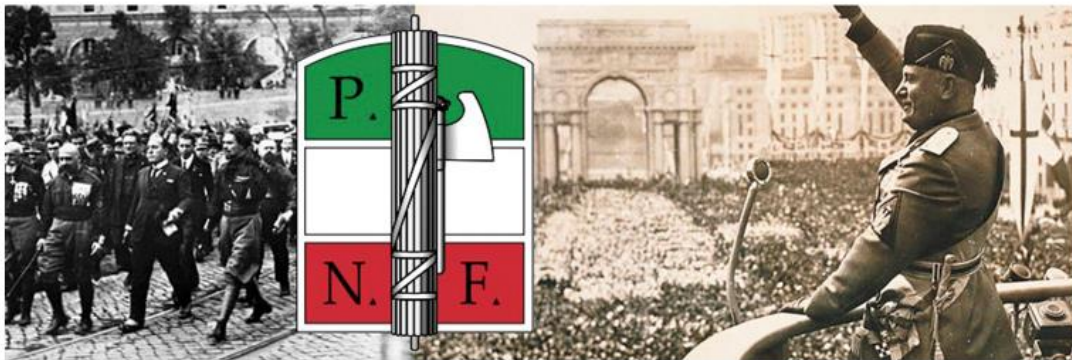


Fig. 165

A “Marcha sobre Roma” dos membros e simpatizantes do Partido Nacional Fascista irá colocar no governo, no ano de 1922, Benito Mussolini, mediante uma via constitucional formal, mas combinada com a ameaça do uso da força.

A Ditadura Militar em Portugal (1926-1932)



Fig. 166

O derrube da Primeira República pelo levantamento militar chefiado por figuras do exército, mas contando com o apoio de grande parte da população, inaugura um período de ditadura militar. Chamado à pasta das Finanças, António de Oliveira Salazar irá concentrar cada vez mais poderes no seu ministério até se transformar numa figura indispensável para o governo do país.

Colocando na órbita de um projeto de unidade nacional os seus antigos rivais e afastando os que se lhe opunham sem compromisso, Salazar orchestra a formação de um regime autoritário com traços fascistas, apesar do peculiar carisma de um líder de gabinete que gere com minúcia as suas aparições públicas. O Estado Novo é oficialmente criado no ano de 1934 e irá durar, com mutações consideráveis após a saída de cena do seu fomentador no final da década de sessenta, até 25 de Abril de 1974, o mais duradouro de todos os regimes ditatoriais na Europa.



Fig. 167



Fig. 168

Johannes Bell assina o Tratado de Versalhes (28 de Julho de 1919) na Sala dos Espelhos. O quadro da autoria de William Orpen capta com clareza a posição de humilhação, isolamento e fraqueza do dignatário alemão, curvado perante uma assembleia de vencedores que, do lado oposto da mesa de negociações, o miram com expressões variando entre a desconfiança, altivez, rancor e ironia. A dureza das condições impostas à Alemanha irá desprestigiar de forma duradoura o regime democratizante recém-criado, sendo uma das causas para a chegada ao poder do partido nazi e da eclosão da Segunda Guerra Mundial.

República de Weimar (1918-1933)



Fig. 169

A Alemanha saída da Primeira Guerra Mundial é governada por um regime ferido pela derrota, duras condições de guerra impostas pelos países vencedores e a criação do “mito da facada das costas”, ou seja, a ideia disseminada que o exército alemão fora atraído pela frente interna que, influenciada pelos interesses judeus, assinou um armistício quando as forças militares que ainda se batiam em território francês.



Fig. 170

O mapa da esquerda assinala as perdas territoriais sofridas pela República de Weimar relativamente ao território integrando o II Reich. Na gravura da direita assistimos a uma imagem recorrente do pós-guerra. Um veterano de guerra reduzido à mendicância por motivo de um ferimento que o impede de exercer uma profissão. As sequelas do grande conflito determinam a perda do valor de grande parte da população em idade ativa.

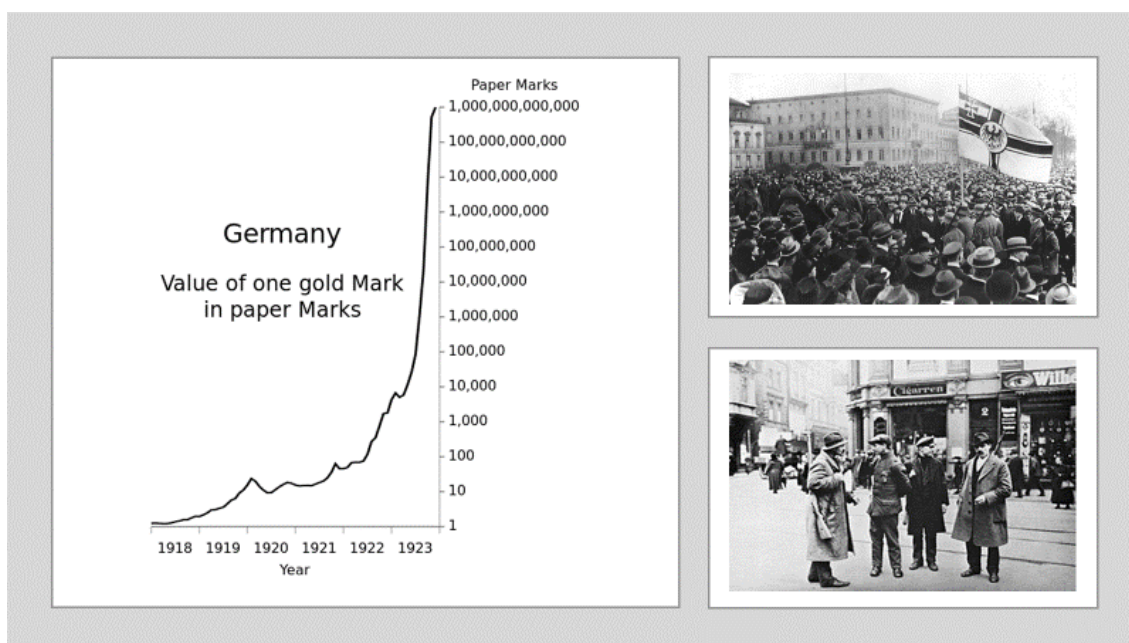


Fig. 171

Nos anos do pós-guerra a Alemanha é atingida pela hiperinflação, conforme ilustra a relação entre o marco em ouro e em papel. Perante a situação de crise,

movimentos de extrema direita ganham protagonismo, chegando mesmo a ocupar Berlim durante alguns dias. No vale do Ruhr, milícias armadas constituídas por trabalhadores associados a organizações de extrema esquerda tomam o poder, forçando o governo federal a uma intervenção militar. Os primeiros anos da República de Weimar são caracterizados, assim, pela crise económica e grande instabilidade social.

República de Weimar entre 1918-1924.

- Associação com a derrota na Primeira Guerra Mundial.
- Mito da Facada nas Costas (traição do exército alemão).
- Perdas Territoriais (Incrementa o ressentimento alemão).
- Perda de população ativa (feridos de guerra).
- Hiperinflação (pagamento da indemnização de guerra).
- Movimentos nacionalistas (golpe de Estado de Kapp).
- Greves e insurgência de trabalhadores da extrema-esquerda.
- Ocupação francesa do vale do Ruhr (perda da região industrial).

Fig. 172

O presente slide sintetiza os fatores de crise que abalam o governo criado na Alemanha após do II Reich. Apesar dos anos subsequentes resultarem na consolidação da República de Weimar, vários dos motivos aludidos irão ser posteriormente aproveitados por Adolf Hitler para chegar ao poder.

Os Anos Dourados da República de Weimar (1924-1929)

- Crescimento Económico. Intensa Vida noturna.
- **Berlim** transforma-se num centro da vida intelectual e teoria política.
- **Teoria Crítica**: escola de pensamento que procura mudar a sociedade através das Humanidades: Karl Marx; Sigmund Freud.
- **Desenvolvimento das Ciências**: Física Quântica (Albert Einstein).
- Educação: Pedagogia de Rudolf Steiner: favorece a **criatividade e a imaginação**.
- Artes: cinema, teatro, música.
- Saúde: Criação do **Estado Social**.



Fig. 173

Tendo sobrevivido aos diversos fatores de crise nos primeiros anos do regime, a República de Weimar conhece os seus anos dourados sob a influência da cultura vintista norte-americana e a passagem à prática de diversos projetos sócio-culturais idealizados pelos grandes pensadores do século XIX e XX. As principais cidades da Alemanha conhecem uma intensa vida noturna, com especial destaque para o frequentar de cabarets.

A teoria política assente na aplicação de princípios provenientes das Ciências Humanas promove uma mudança acentuada das mentalidades. A educação afasta-se do seu formato autoritário tradicional e favorece, segundo o modelo de Rudolf Steiner, a criatividade e imaginação. O feminismo ganha adicional expressão com a inclusão das raparigas no sistema educativo, conforme exhibe a dança rítmica na iconografia da direita. As artes florescem durante os anos vinte na Alemanha, em particular o cinema, teatro e música. A criação do Estado Social concedendo proteção à saúde pública constitui uma aplicação pioneira de um projeto campeado pela social-democracia. O próprio Adolf Hitler irá identificar no Estado Social uma forma de superioridade civilizacional assim como rática do povo alemão sobre outrem.

A Grande Depressão de 1929



Arbeitslosenschlange auf dem Hof des Arbeitsamtes, Hannover, um 1930
(Foto: Walter Ballhause)

Fig. 174

A Grande Depressão de 1929 atinge de forma crítica a Alemanha, país cuja importante demografia urbana e desenvolvimento sector industrial impede uma resguarda num modelo de economia de subsistência de forma a melhor suportar a crise advinda da América. Filas de desempregados tornam-se na imagem de marca na Alemanha.

Os Efeitos da Grande Depressão na Alemanha

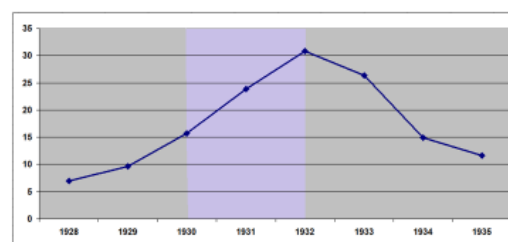
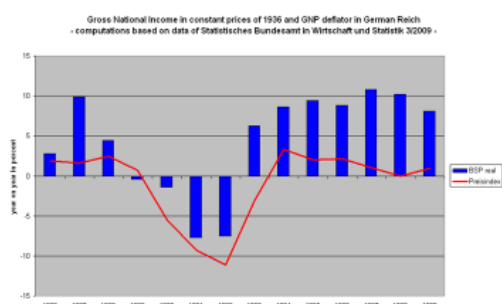


Fig. 175

Os efeitos da Grande Depressão na Alemanha revelam-se na queda acentuada do produto interno bruto, deflação da moeda e aumento da taxa de desemprego até valores acima de 30 por cento no ano de 1932. Apesar das medidas tomadas pelos governantes serem bem-sucedidas em iniciar o processo de recuperação económica do país, quando

ocorrem as eleições em 1933 a crise é ainda intensa e o partido nazi consegue uma ascensão vertiginosa até à conquista do poder.

A Ascensão do Nacional Socialismo

- **Motivos:**

- “Ditado” de Versalhes.
- Crise de desemprego.
- Perigo comunista.
- Culpa das minorias étnicas.
- Desejo público por ordem.
- Manipulação política.

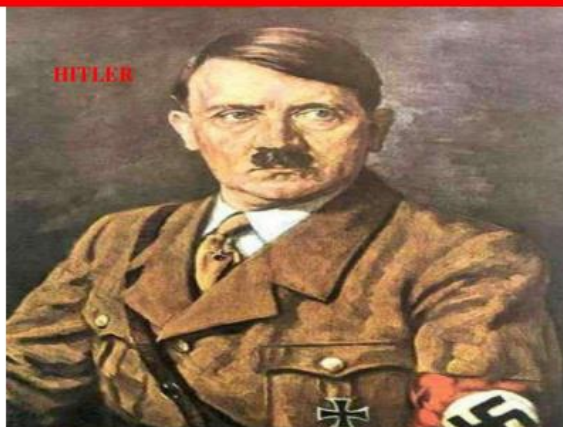
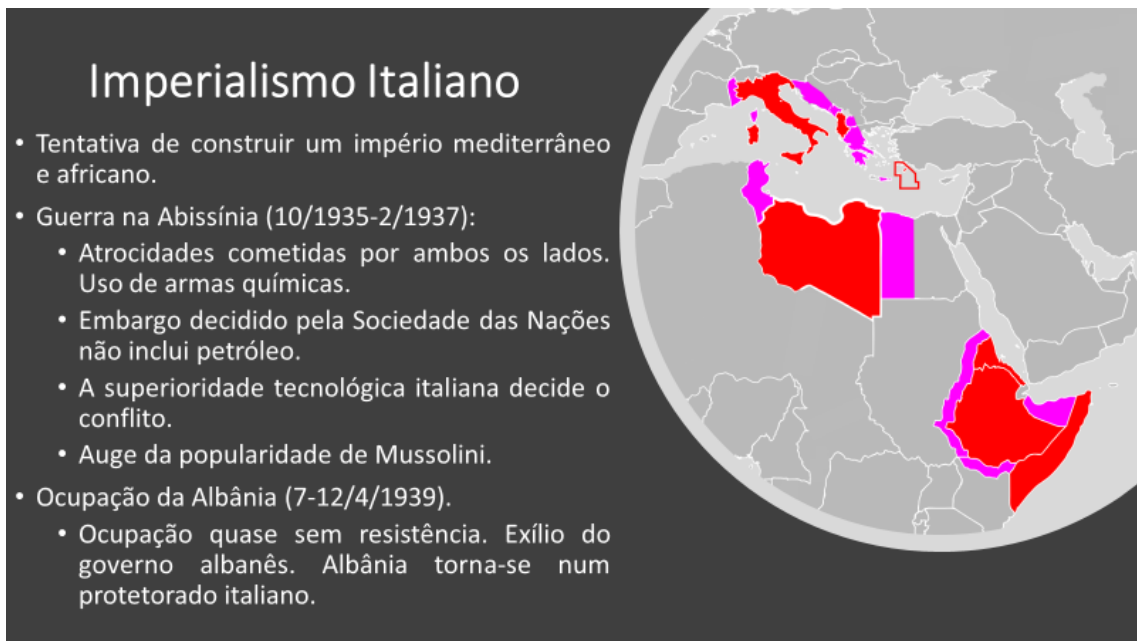


Fig. 176

A notável ascensão do Nacional Socialismo no formato democratizante da República de Weimar é justificável por uma multiplicidade de fatores, aludidos no slide exibido. Em 1933 Adolf Hitler é eleito Chanceler da Alemanha e em 1934, através da realização de um plebiscito, assume o título de Furher, tornando-se o líder indisputado de um regime totalitário. Estava criado o segundo grande poder de matriz fascista na Europa. Através de um forte investimento público na construção de obras-públicas a par de uma notável capacidade de mobilização e aumento do ânimo de uma população fragilizada pela crise, o regime nazi consegue fazer decrescer de forma acentuada a taxa de desemprego, enquanto prepara as condições para desenvolver uma política de expansão territorial que desencadeará a Segunda Guerra Mundial.



Imperialismo Italiano

- Tentativa de construir um império mediterrâneo e africano.
- Guerra na Abissínia (10/1935-2/1937):
 - Atrocidades cometidas por ambos os lados. Uso de armas químicas.
 - Embargo decidido pela Sociedade das Nações não inclui petróleo.
 - A superioridade tecnológica italiana decide o conflito.
 - Auge da popularidade de Mussolini.
- Ocupação da Albânia (7-12/4/1939).
 - Ocupação quase sem resistência. Exílio do governo albanês. Albânia torna-se num protetorado italiano.

Fig. 177

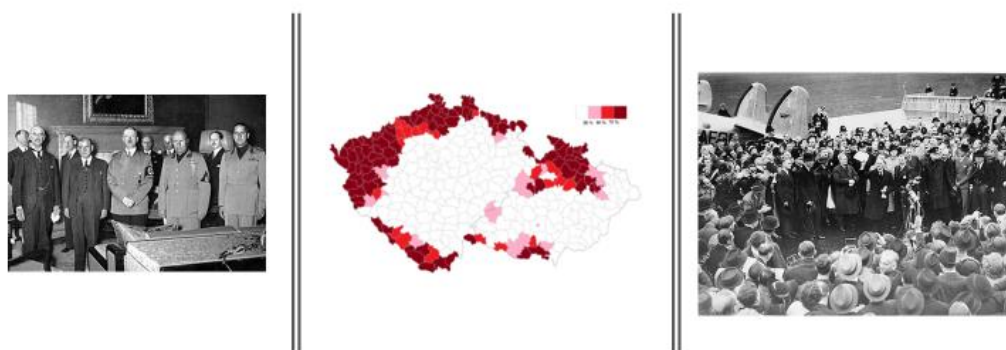
Tendo sido identificadas as vias de tomada de poder dos diferentes regimes fascistas, procedemos para a caracterização do expansionismo italiano na tentativa de construir um império mediterrâneo e africano. A superioridade de recursos tecnológicos provou ser um elemento decisivo nas guerras travadas contra adversários de organização de base tribal sobretudo no conflito na Abissínia em que as atrocidades cometidas pelos beligerantes chocaram o mundo e revelam a incapacidade da Sociedade das Nações em conferirem indício de humanidade à guerra. As conquistas imperiais granjearam, a Mussolini, o auge da sua popularidade nos alvares da Guerra Civil na Espanha onde as insuficiências do exército italiano se irão exhibir.



A Alemanha e a política de anexações: *Anschluss*.

Fig. 178

Em paralelo com a prossecução da política imperialista da Itália em África, a Alemanha nazi reclama o direito a reunir, no III Reich, as populações germanas mediante uma política de anexações. No slide exposto, a Áustria é anexada na Alemanha com Hitler a ser recebido pela população local em júbilo.



Acordo de Munique (9/1938): Política de Apaziguamento.

Fig. 179

A reivindicação alemã do direito de ocupação da Checoslováquia irá ocasionar a mobilização da diplomacia das potências democráticas europeias de forma a garantir um compromisso mediante uma política de apaziguamento. No Acordo de Munique, concluído em Setembro de 1938, fica acordada a anexação da região periférica dos

sudetas. À chegada à sua terra natal, o primeiro-ministro Chamberlain é recebido em júbilo por uma população que deseja, acima de tudo, evitar uma nova guerra. Contudo, desrespeitando os acordos assinados, Hitler procede para a completa anexação da Checoslováquia, país que é sacrificado pela diplomacia ocidental.



Fig. 180

Outro dos grandes acontecimentos no fenómeno de expansão do fascismo nos alvares da Segunda Guerra Mundial, consiste na Guerra Civil Espanhola. Do lado do regime republicano reúnem-se diversas organizações de esquerda, brigadas de voluntários internacionais e o apoio logístico por parte da União Soviética. Os fascismos europeus apoiam as forças nacionalistas de Francisco Franco.

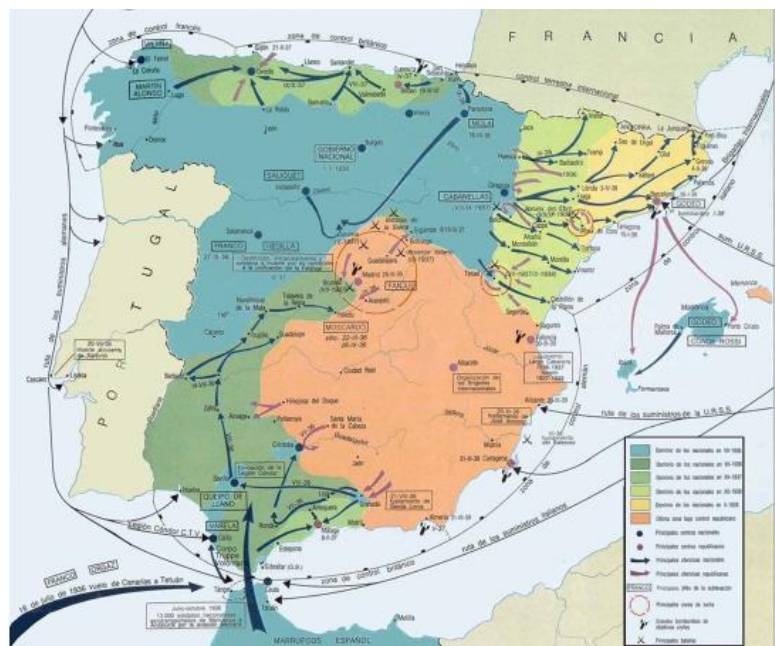


Fig. 181

A cartografia do conflito indica o progresso das forças franquistas no decurso do conflito, sobretudo mais desenvolvido nas regiões rurais afetadas às influências dos poderes tradicionais, enquanto os centros urbanos oferecem maior resistência. Madrid irá ser das últimas cidades a serem tomadas pelas forças nacionalistas.



Fig. 182

As duas imagens opõem os blindados mais utilizados durante a Guerra Civil de Espanha. Apesar do exército republicano se encontrar pior equipado do que o seu

opponente nacionalista, os préstimos da União Soviética com o envio dos tanques ligeiros T26 são de grande importância para catalisar a resistência miliciana. O tanque T26 irá provar a sua superioridade num confronto direto com os Fiat L3 italianos, empregues também em grandes números, mas famigerados pela vulnerabilidade ao nível da blindagem, podendo esta ser perfurada por armamento portátil de infantaria. A assistência soviética permitiu, assim, minorar a inferioridade da equipagem e treino do exército republicano contra as hostes nacionalistas, prolongando a duração do conflito.



A Legião Condor

Fig. 183

Um dos contributos decisivos para a vitória dos nacionalistas consiste na ação da Legião Condor, uma unidade de escol composta sobretudo por membros da Luftwaffe, a força aérea alemã. Com o objetivo não apenas de garantir a propagação do fascismo, mas transformar a Espanha num campo de treino para a guerra que poderia ser desencadeada na Europa, Hitler confere veteranaria às suas melhores tropas, que se distinguem pela implacável eficiência, sobretudo nos métodos de terror contra a população urbana.

Guerra Civil Espanhola

- A Guerra Civil Espanhola inicia-se em 1936.
- Conflito ideológico entre a esquerda e a direita.
 - Nacionalistas: apoiados pelo exército, Igreja católica e Falange.
 - Republicanos: apoiados pelas massas urbanas.
- Em 1939 as forças nacionalistas vencem a guerra civil. Instaura-se um regime ditatorial.

Fig. 184

No presente slide sintetizam-se os principais pontos relativos à Guerra Civil Espanhola.



O Japão Imperial

Fig. 185

Procedemos para a análise do último caso de irradiação dos fascismos, ainda que a inclusão do regime imperial japonês num ideário nascido na Europa possa suscitar particular dúvidas de aplicabilidade. Em todo o caso, o regime japonês compartilha vários dos traços dos nacionalismos autoritários. Antecedendo o surgimento do fascismo italiano, o poder dinástico imperial tinha já uma tradição secular, ainda que o

autoritarismo se reforce enquanto linha do governo de estado na sequência da Grande Depressão. A cultura japonesa antes e durante a Segunda Guerra Mundial pode ser caracterizada como a confluência entre os aspetos tradicionais do Bushido, o código do guerreiro, com a entrega aos valimentos da industrialização. A noção de superioridade racial japonesa radica na simbiose entre superior tecnologia e armamento com a honra e sacrifício do arquétipo samurai.

Na iconografia da esquerda verificamos que, ao nível do poder simbólico, o estandarte imperial japonês identifica o país do Sol nascente como o centro do mundo, irradiando os seus raios sobre os territórios periféricos. A superioridade nacionalista conjugada com o projeto expansionista são claramente apreensíveis ao nível da iconografia.

Na imagem do centro vemos exposto um porta-aviões, o Akagi, que, como outros, haviam sido convertidos a partir de couraçados. O almirantado japonês estava bem consciente da superioridade do uso de aviões no vasto anfiteatro de guerra do Pacífico, no contexto do qual algumas das principais batalhas irão travar-se sem que as frotas se avistem, ou seja, para além da linha do horizonte. A conversão dos couraçados em porta-aviões denuncia a mentalidade atualizada e previdente do alto comando japonês.

Por fim, na iconografia da direita, vemos a síntese entre os valores tradicionais (tais como honra, dever, sacrifício, família, etc.) com a ostentação dos eficientes caças Zero, traduzindo o aderir da conservadora cultura japonesa aos benefícios da tecnologia avançada no domínio do belicismo.

O motivo para a derrota japonesa radica, atendendo à disponibilidade cultural para o sacrifício na guerra e detenção de excelente armamento, sobretudo na desproporção da capacidade industrial relativamente ao seu adversário, os Estados Unidos da América.

Fascismos:

- **Multiplicidade** de vias na **chegada ao poder**:
 - Marcha popular/armada ; mandatado por via constitucional: **Itália**.
 - Na sequência de um golpe de estado: **Portugal**.
 - Por via eleitoral (voto democrático e plebiscito): **Alemanha**.
 - Por via dinástica/derivativa de um regime existente: **Japão, Europa do Leste**.
 - Por via militar/guerra civil: **Espanha**.
 - Anexação por parte de um Estado Fascista/criação de um Estado subsidiário/cliente.

Fig. 186

Podemos, assim, concluir que os fascismos se difundiram por uma multiplicidade de vias, sendo de importância para os alunos conhecerem cada uma das quais e os seus casos de aplicação.

Como se difundiu o Fascismo pelo mundo?

- As **ideologias** da Itália fascista e Alemanha nazi influenciaram o surgimento de **regimes** e **partidos nacionalistas** em **todo o mundo**, particularmente na Europa do leste, América latina e no Extremo-Oriente.
- As **iniciativas diplomáticas agressivas** e **coercivas** dos regimes fascistas em uníssono ou através da constituição de **alianças** entre si forçaram os estados democráticos a **anuirem** às suas **reivindicações** de **anexação territorial** de regiões sucessivas. A **Sociedade das Nações** revelou-se **ineficaz** para responder às violações do **direito internacional**.
- Uma **política expansionista** foi desenvolvida pelos regimes fascistas, com a **Itália** a pretender reavivar o **império romano**, a **Alemanha** a **unificar** as populações tidas como germanófilas, o **Japão** a invadir a Manchúria (1931), entrou em guerra com a China (1937) e invadiu a Mongólia (1938).
- Através do recurso à **força militar**, a **Itália conquistou** a **Etiópia** e a **Alemanha anexou** a **Áustria** e **Checoslováquia**. Ao longo da Segunda Guerra Mundial, vários estados tornaram-se **clientes** ou **subsidiários** das potências do **Eixo**.

Fig. 187

No presente slide dispusemos uma resposta eventual para a questão num teste sumativo: Como se difundiu o Fascismo pelo mundo?



Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

Fig. 188

As aprendizagens essenciais focalizam-se apenas numa descrição sumária das diferentes fases da Segunda Guerra Mundial, motivo porque uma análise em detalhe foi preterida para garantir a síntese que a aula já delongada exigia. A Segunda Guerra Mundial caracterizou-se, em primeiro lugar, pela sua incidência civil tanto quanto militar numa conflagração que custou mais de 60 milhões de vida. O uso de tropas aerotransportadas, massas de blindados e da aviação como componente de importância crítica em operações terrestres e marítimas constituem algumas das novidades relativamente à Primeira Guerra Mundial.

1ª Fase do Conflito (1939-1941) Avanço das forças do Eixo



Fig. 189

A primeira fase do conflito é caracterizada pelo avanço das forças do Eixo. As imagens escolhidas assinalam a abertura da fronteira da Polónia por forças alemãs em 1939 e o título de um jornal norte-americano destacando a rutura das defesas de Moscovo perante a avançada nazi que, contudo, soçobra a alguns quilómetros da capital soviética.

2ª Fase do Conflito (1942-1943) Viragem do conflito



Fig. 190

Na aula lecionada foram descritos os contextos das duas imagens selecionadas: na primeira, assistimos ao avanço das forças britânicas na batalha de El-Alamein, a mais importante vitória dos aliados no Norte de África; a segunda iconografia representa o

assalto das forças soviéticas à posição defensiva que o VI exército alemão sob as ordens de Von Paulus estabelecera na cidade de Estalinegrado, tendo-se concluído, esta batalha, com a rendição das forças nazis. As duas derrotas do Eixo irão ter um impacto decisivo na evolução da Segunda Guerra Mundial.

3ª Fase do Conflito (1944-1945) Vitória dos Aliados



Fig. 192

A terceira fase do conflito corresponde às sucessivas ações empreendidas pelos Aliados no sentido de derrotar as potências do Eixo nos territórios por estas ocupados até ao ataque decisivo ao centro do seu poder. A iconografia da direita representa o desembarque das tropas norte-americanas na Normandia e a da esquerda o golpe final desferido ao Japão, o lançamento das duas bombas atômicas.

A abordagem ao tema conclui-se com a resposta à questão inicial: se não existia um princípio contraditório nos pactos estabelecidos entre estados e povos nacionalistas convictos da sua superioridade sobre outrem. A resposta foi afirmativa: de facto, as desinteligências entre o poderes compreendendo o Pacto Tripartido irão manifestar-se no decurso do conflito mundial, nomeadamente, na falta de troca de informação por parte da liderança italiana e japonesa com a alemã. A Alemanha é forçada a intervir no sentido de auxiliar as forças italianas derrotadas na Grécia e Norte de África, desviando recursos e tempo com crítica consequência no êxito da campanha contra a União Soviética. Por fim, o ataque japonês a Pearl Harbour traz os Estados Unidos para a

guerra, situação que Adolf Hitler desejava evitar, sobretudo quando o inimigo soviético resistia tenazmente na defesa de Moscovo. A necessidade de se bater contra duas potências em simultâneo sentenciou a derrota da Alemanha. Daqui se conclui que o nacionalismo continha, desde a origem, o germe da destruição dos pactos firmados entre as potências do Eixo.

Os últimos minutos da aula foram consagrados a um dos objetivos capitais do ensino que consiste no auxílio através do conselho e incentivo prestado aos alunos para a sua vida profissional, enquanto componente de uma saudável inserção social e realização humana. Consigna este propósito o elemento estruturante no modelo pedagógico de John Dewey, assente na formação pragmática de cidadãos para o mundo do trabalho e positiva influência no mundo externo à sala de aula.

Como contributo mais personalizado do mestrando ao nível da orientação académica e profissional, foi explicitado o caminho a percorrer para os alunos que optassem por cursar História, identificando no presente mestrado em ensino um requisito de importância para o exercício do trabalho de um historiador. Conjugámos, assim, uma pedagogia pragmática ao nível do benefício intencionado para a vida dos jovens em formação com a empatia que deve prevalecer no seu relacionamento com o professor de acordo com os postulados de Carl Rogers. Esta aliança encontrou adicional expressividade na posterior solicitação, por parte de alguns dos alunos integrando a turma do 12º ano de escolaridade, de apoio aos estudos e opções de vida já durante o último semestre do curso de mestrado em ensino de História.

Considerações Finais

A iniciação à prática profissional durante o terceiro semestre letivo resultou numa etapa da formação do mestrando como docente de História, complementando o percurso delongado em investigação com a pedagogia necessária para a atividade letiva. O estágio na Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho revelou-se uma escolha benemerita devido ao ambiente acolhedor e elevado nível de exigência científico-pedagógica, elemento que impulsionou, o mestrando, a empenhar-se nas diversas tarefas docentes, malgrado a dificuldade de compatibilização horária com a atividade profissional que o impediu de estar presente na assistência à maior parte das aulas da professora cooperante. O descontentamento da professora Amélia Vasconcelos com o sistema formativo vigente foi expresso em diversas ocasiões sendo, contudo, compartilhada a consciência de que a frequência conjunta de disciplinas curriculares no terceiro semestre do curso de mestrado e o carácter não remunerado da atividade docente obriga, os estudantes trabalhadores, a uma dispersão presencial.

A professora cooperante prestou um precioso e amável auxílio aos formandos, garantindo um ambiente propenso à eficiência e gosto no exercício da atividade letiva. Durante as aulas lecionadas pelo mestrando, a professora esteve sempre atenta ao comportamento dos alunos e eventuais dificuldades evidenciadas na utilização dos meios audiovisuais. A experiência e capacidade disciplinadora da professora Amélia Vasconcelos constituíram um complemento de grande valia para que a relação empática estabelecida com os discentes se mantivesse conexa às melhores condições para o decurso do ato letivo. O respeito, afeto, atenção e interesse granjeado pelos alunos merece-nos a maior gratidão.

No decurso da formação profissional, um dos aspetos centrais da nossa preocupação consistiu no desprendimento em relação a hábitos maturados no domínio da escrita que pudessem constituir um obstáculo para a interação social que integra a oralidade. O diluir da importância de predicados de um investigador, tais como a introspeção, a preocupação pelo rigor terminológico e o problematizar de conceitos, consistiu num aspeto decisivo para o explanar didático de conhecimentos.

No decurso das aulas lecionadas tentámos criar um espaço profícuo para a livre troca de ideias e autonomia de pensamento, definindo a hipótese fundamentada como o desígnio a atingir na procura do saber. Neste sentido, o uso do manual consistiu apenas

num dos vários recursos ao dispor dos estudantes como forma de compreensão do fenómeno histórico e aquisição de aprendizagens essenciais.

A iniciação à prática profissional estruturou-se em função do definir do aluno como agente ativo em ambiência letiva e sujeito produtor da História, ao invés de um mero recetáculo de conteúdos impostos pelo meio social. Pretendeu-se, assim, dotar os discentes com a capacidade de apreciar de forma crítica e maturada o fenómeno histórico em detrimento da sua redução ao estatuto de mera réplica do saber institucionalizado.

A participação dos alunos foi incentivada de forma a evitar um registo dominante por parte do professor, para além do que naturalmente exige a exposição de novos conteúdos. As estratégias adotadas enquadraram-se, assim, no paradigma democrático de formação de cidadania que estrutura o ensino hodierno. A valorização das Humanidades como parte integrante do saber que contribui para o surgimento e preservação de sociedades evolucionadas nos seus diversos aspetos, constituiu um elemento prioritário nas aulas lecionadas. Em particular, informar os alunos das suas possibilidades de empregabilidade após a conclusão de estudos universitários consignou um dos contributos de relevância intencionados no exercício da docência como forma de preparação de jovens para uma vida realizada e socialmente produtiva.

Como estratégia matricial na planificação das aulas e acompanhamento didático definiu-se a flexibilidade de aplicação dos métodos adequados a situações concretas, improvisando no momento mediante a escolha entre um leque de opções teóricas. Desta forma, almejou-se uma tendência para um modelo construtivista na relação com o aluno, mas podendo ou mesmo exigindo uma integração com técnicas mais clássicas e objetivas de transmissão do saber. As próprias especificidades do Ensino da História quase que determinam que a exposição constitua a espinha dorsal da didática, com o afastamento em relação ao autoritarismo escolástico tradicional a consubstanciar-se no incentivo ao debate e troca de ideias, numa atitude afetiva e empática por parte do professor em relação ao discente.

O modelo didático assente na exposição dialogante teve como condimento assíduo o uso do *Powerpoint* de forma a providenciar orientação ao docente assim como uma melhor compreensão dos conteúdos aos alunos. Integrar a exposição verbal com visualizações constituiu uma estratégia de enorme importância didática para captar a atenção dos discentes através do estímulo de diferentes vínculos de sintonia cognitiva e emocional.

A aplicação integrada de diferentes técnicas e meios didáticos no decurso das aulas ministradas providenciou os melhores resultados formativos. A combinação do uso da imagem em slide com a exposição oral constituiu uma das formas mais clarificadores e cativantes de lecionação. Ela garante apoio acrescido na organização de pensamento por parte do orador e uma referência visual de prima importância para transportar os alunos para a realidade que se procura explicar/reconstruir.

O amplo benefício do uso do material audiovisual como forma de providenciar, aos discentes, uma referência adicional à que podem encontrar mediante a leitura do manual teve, por contrapartida, um custo muito significativo em tempo na preparação das aulas. Cada um dos atos letivos foi objeto de uma cuidada seleção de recursos, fator de relevância se considerarmos a disponibilidade de um professor em exercício de funções com horário completo. Desta forma, as aulas compreendendo o processo formativo representam um exemplo do que se pode fazer ao nível da docência com tempo adequado, situação que nem sempre se garante no decurso da atividade profissional. Em compensação pelos custos do investimento, os recursos audiovisuais ficaram armazenados em formato digital, podendo ser empregues em futuras ocasiões com menor dispêndio na preparação do ato letivo.

A prática desenvolvida durante o estágio identificou como propósito matricial integrar-se no projeto pedagógico hodierno que se define pela sobreposição do humanismo na construção do futuro cidadão a qualquer conteúdo dirigido para o exercício de um determinado mester. A importância nuclear conferida, no presente modelo educativo, à construção da identidade e desenvolvimento da consciência cívica do aluno, determinou que a sua influência não fosse circunscrita a uma especificidade curricular. O objetivo da formação no século XXI é o de promover uma cultura solidária dentro do espaço letivo e na ligação com a sociedade civil. Tendo definido a relação pedagógica como assente na disponibilidade para a entrega pessoal em nome de um bem comum, o mestrando recorreu à seleção de situações experimentadas e cultura adquirida com o propósito de influenciar com benefício a vida presente e futura dos seus alunos, epicentro do sistema educativo e deontologia profissional de um professor.

Anexos

ANEXO 1

PLANIFICAÇÃO HISTÓRIA A – 12º ANO

ANO LETIVO - 2018/2019

1.º PERÍODO

Domínios/conteúdos	Aprendizagens Essenciais: conhecimentos e capacidades	Conceitos	Metodologias/Estratégias	Recursos	Avaliação (Instrumentos de avaliação)	N.º de aulas
1.As Transformações das Primeiras Décadas do Século XX 1.4. Mutações nos Comportamentos e na Cultura. -As transformações da vida urbana e a nova sociabilidade. - A crise dos valores tradicionais. - Os movimentos feministas.	Compreender o corte que se opera na mentalidade confiante e racionalista da sociedade burguesa do início do século XX, devido ao choque da Primeira Guerra Mundial, às crises subsequentes e à evolução técnica do mundo industrial. Reconhecer os efeitos da Primeira Guerra Mundial no agravar da crise dos valores tradicionais. Identificar as transformações da vida urbana, a nova vivência social e a mudança nos comportamentos e valores,	Loucos anos 20 <i>Flapper</i> <i>Mass Media</i> Anomia Social Feminismo	Apresentação aos alunos Exposição dos objetivos da aula Introdução ao tema Desenvolvimento do tema com um método semi-orientado assente na exposição intercalada com perguntas e respostas às questões dos alunos. Concluir a aula com a visualização de vídeos retratando a época abordada.	Manual <i>Powerpoint</i> Quadro	Avaliação oral dos alunos (qualidade e quantidade). Registo de atitudes, conhecimentos e aprendizagens.	1

	<p>sobretudo no mundo urbano ocidental.</p> <p>Caracterizar os novos hábitos sociais, espaços de lazer e evasão dos “loucos anos 20”, em que era imperativo chocar a sociedade e romper com o passado.</p> <p>Compreender a forma como a massificação dos novos meios de comunicação e transporte generalizaram o consumo, o ócio e as distrações.</p> <p>Reconhecer as novas funções e papel social da mulher dos anos 20 em consequência da crise dos valores tradicionais e ação dos movimentos feministas.</p>					
--	--	--	--	--	--	--

ANEXO 2

PLANIFICAÇÃO HISTÓRIA A – 12º ANO

ANO LETIVO - 2018/2019

1.º PERÍODO

Domínios/conteúdos	Aprendizagens Essenciais: conhecimentos e capacidades	Conceitos	Metodologias/Estratégias	Recursos	Avaliação (Instrumentos de avaliação)	N.º de aulas
<p>1. As Transformações das Primeiras Décadas do Século XX</p> <p>1.4. Mutações nos Comportamentos e na Cultura.</p> <p>A crise dos valores tradicionais.</p> <p>A Descrença no Pensamento Positivista e as Novas Concepções Científicas.</p>	<p>Compreender o corte que se opera na mentalidade confiante e racionalista da sociedade burguesa do início do século XX, devido ao choque da Primeira Guerra Mundial, às crises subsequentes e à evolução técnica do mundo industrial.</p> <p>Reconhecer os efeitos da Primeira Guerra Mundial no agravar da crise dos valores tradicionais: ausência de regras; o relativismo dos valores e o abandono da moral tradicional</p>	<p>Psicanálise: (Id, Ego, Superego, Inconsciente, Recalcamento, Repressão, Libido).</p> <p>Relativismo.</p>	<p>Síntese do tema da aula precedente.</p> <p>Esclarecimento das diferenças entre o movimento das flapper e as ações desenvolvidas pelos movimentos feministas na conquista de igualdade de direitos.</p> <p>Introdução ao tema da aula: o relativismo e seu impacto na sociedade do século XX.</p> <p>Desenvolvimento do tema com um método semi-orientado assente na exposição intercalada com perguntas e respostas às questões dos alunos.</p> <p>Concluir a aula com a visualização de imagens e vídeos expondo as fórmulas de emanção de poder tradicional de acordo com a interpretação homossexual de Freud.</p>	<p><i>Powerpoint</i></p> <p>Manuel</p> <p>Video</p> <p>Quadro</p> <p>Caneta Laser</p>	<p>Avaliação oral dos alunos (qualidade e quantidade).</p> <p>Registo de atitudes, conhecimentos e aprendizagens.</p>	1

	<p>conduziram à anomia social.</p> <p>Identificar a importância dos estudos de Freud e criação da Psicanálise para um concebimento do ser humano menos assente na razão.</p> <p>Associar a identificação dos irracionaisismos, intuição e subjetividade como a filosofia decorrente da Teoria da Relatividade de Einstein.</p> <p>Conhecer os diferentes contributos para a mudança de paradigmas do Positivismo para o Relativismo.</p> <p>Contextualizar o relativismo com as características da sociedade dos anos 20.</p>					
--	---	--	--	--	--	--

ANEXO 3

PLANIFICAÇÃO HISTÓRIA A – 11º ANO

ANO LETIVO - 2018/2019

1.º PERÍODO

Domínios/conteúdos	Aprendizagens Essenciais: conhecimentos e capacidades	Conceitos	Metodologias/Estratégias	Recursos	Avaliação (Instrumentos de avaliação)
<p>3.1 – Reforço das economias nacionais e tentativas de controlo do comércio.</p> <p>3.1.1 – O tempo do grande comércio oceânico.</p> <p>3.1.2 – Reforço das economias nacionais: o Mercantilismo.</p> <p>O Mercantilismo em França.</p> <p>O sistema mercantil em Inglaterra.</p> <p>3.1.3 – O equilíbrio europeu e a disputa das áreas coloniais.</p>	<p>Explicar os princípios mercantilistas.</p> <p>Enquadrar na teoria mercantilista:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a política económica de Colbert; - o conjunto de medidas encetado por Cromwel. <p>Distinguir entre Mercantilismo francês, centrado nas manufaturas e o Mercantilismo inglês, centrado no comércio.</p> <p>Reconhecer, nas práticas mercantilistas, modos de afirmação das economias nacionais.</p> <p>Identificar as áreas coloniais disputadas pelos Estados atlânticos.</p> <p>Explicar a relação entre o domínio dos espaços coloniais e o equilíbrio político dos</p>	<p>Capitalismo comercial</p> <p>Comércio triangular</p> <p>Tráfico negreiro</p> <p>Mercantilismo</p> <p>Balança comercial</p> <p>Proteccionismo</p> <p>Manufatura</p> <p>Companhia monopolista</p> <p>Exclusivo colonial</p>	<p>Apresentação do professor e dos alunos. Conhecer as características da turma a partir de informações biográficas e expectativas futuras.</p> <p>Questionar os alunos sobre as matérias já lecionadas, nomeadamente as que concernem ao Antigo Regime. Avaliar o seu conhecimento sobre o modelo social moderno – com ênfase conferido à emergência e consolidação do poder da burguesia – e sobre as características dos sistemas político-institucionais de matiz absolutista e parlamentar. (5-10 minutos).</p> <p>Introduzir a matéria curricular com o questionamento sobre o que é o Mercantilismo e o capitalismo comercial. Simplificar os conceitos mais complexos de natureza económica.</p> <p>Expor a matéria para a turma de forma interativa – com perguntas dirigidas aos alunos e resposta às</p>	<p>Manual</p> <p>Quadro</p> <p>Pen</p> <p>Caneta laser</p> <p>Powerpoint</p>	<p>Comportamento e participação (qualidade quantidade)</p> <p>Observação naturalista</p>

	Estados europeus.		<p>suas dúvidas – acompanhando os slides no <i>Powerpoint</i>.</p> <p>Associar o capitalismo comercial com as relações de trabalho e o funcionamento do mundo empresarial hodierno.</p>		
--	-------------------	--	---	--	--

ANEXO 4

PLANIFICAÇÃO DE AULA

HISTÓRIA A – ANO :12

ANO LETIVO - 2018/2019

Domínios/conteúdos	Aprendizagens Essenciais: conhecimentos e capacidades	Conceitos	Metodologias/Estratégias	Recursos	Avaliação (Instrumentos de avaliação)
<p>3. A degradação do ambiente internacional</p> <p>3.1 A irradiação do fascismo no mundo</p> <p>As hesitações face à Guerra Civil de Espanha. A aliança contra o imperialismo do eixo nazi-fascista. A mundialização do conflito.</p>	<p>Explicitar a difusão do fascismo pelo mundo.</p> <p>Reconhecer as alianças que se estabeleceram entre as potências do Eixo.</p> <p>Enunciar as ações desempenhadas pela Alemanha, Itália e Japão com vista a reforçar os seus imperialismos.</p> <p>Distinguir as fações que se opuseram na Guerra Civil de Espanha.</p> <p>Reconhecer na Guerra Civil de Espanha a antecâmara da Segunda Guerra Mundial.</p> <p>Explicitar em que constituiu a</p>	<p>Pacto de Aço</p> <p>Pacto Antikomintern</p> <p>Pacto Tripartido</p> <p>Eixo</p> <p>Acordos de Munique</p> <p>Política de Apaziguamento</p> <p>Blitzkrieg</p> <p>Espaço-vital</p> <p><i>Bushido</i></p> <p><i>Mare Nostrum</i></p> <p><i>Fasces</i></p>	<p>Uso de iconografias, mapas, gráficos, vídeos e outros materiais de apoio digitais</p> <p>Recurso a uma exposição dialogante com os alunos</p>	<p>Manual</p> <p>Quadro</p> <p>Pen</p> <p>Caneta laser</p> <p>Powerpoint</p>	<p>Comportamentos e participação (qualidade e quantidade)</p> <p>Observação naturalista</p>

	<p>política de apaziguamento.</p> <p>Caracterizar as três grandes fases da Segunda Guerra Mundial.</p>				
--	--	--	--	--	--

Índice de Ilustrações/Imagens

- Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), fig. 1, pg. 7.
- Fachada dianteira da Escola, fig. 2, pg. 7.
- Vista panorâmica da Escola, fig. 3, pg. 7.
- Terceiro Piso da Escola, fig. 4, pg. 7.
- Piso Térreo da Escola, fig. 5, pg. 7.
- John Dewey (1859-1952), fig. 6 pg. 17.
- Carl Rogers (1902-1987), fig. 7, pg. 20.
- Doca de um porto britânico (Jacob Knyff, 1673), fig. 8, pg. 35.
- Um porto francês nos alvares do mercantilismo (Claude Lorrain, 1639), fig. 9, pg. 36.
- Vista do Porto de Amesterdão (Willem Van de Velde, *o Moço*, 1686), fig. 10, pg. 37.
- Jean Baptiste Colbert (Jean Lefèbvre, 1666), fig. 11, pg. 38.
- *East India Company* (Peter Monamy, 1708), fig. 12, pg. 39.
- Reino Unido, fig. 13, pg. 41.
- William Pitt, *o Velho* (Richard Brompton, 1772), fig. 14, pg. 41.
- Frederico II liderando as suas tropas na batalha de Zorndorf (Carl Rochling, 1904), fig. 15, pg. 44.
- Terramoto e Ruínas de Lisboa (1755), fig. 16, pg. 46.
- Sebastião de Carvalho e Melo (Louis-Michel van Loo e Calude Joseph Vernet, 1766), fig. 17, pg. 46.
- Luís XV (Louis-Michel van Loo), fig. 18, pg. 48,
- Madame de Pompadour (Maurice Quentin de la Tour, 1755), fig. 19, pg. 48.
- Império Austríaco, fig. 20, pg. 51.
- Imperatriz Maria Teresa (Martin van Meytens, 1759), fig. 21, pg. 51.
- Estandarte Imperial da Rússia (1730-1799), fig. 22, pg. 53.
- Isabel I (Charles-André von Loo, 1760), fig. 23, pg. 53.
- Fernando VII (Louis Michel Van Loo), fig. 24, pg. 55.
- Carlos III (Anton Raphael Mengs, 1761), fig. 25, pg. 55.
- Frederico, *o Grande*, após a batalha de Kolin, por Richard Schwager (1822-1880), fig. 26, pg. 59.
- Duque Fernando de Brunswick-Wolfenbuttel (Johann Tischbein, 1760), fig. 27, pg. 61.
- General Seydlitz na batalha de Rossbach (Johann Christoph Frisch, 1799), fig. 28, pg. 62.
- Batalha de Leuthen, 5 de Dezembro de 1757 (Carl Rochling), fig. 29, pg. 64.
- Carga dos couraceiros prussianos em Zorndorf (Carl Rochling), fig. 30, pg. 65.
- O Raide em Hochkirch a 17 de Outubro de 1758, por Hyacinth de La Pegna (1706-1772), fig. 31, pg. 66.
- Laudon na batalha de Kunersdorf (Siegmond l'Allemand, 1878), fig. 32, pg. 67.
- Príncipe Fernando de Brunswick na batalha de Krefeld (Emil Hunten, 1860), fig. 33, pg. 69.
- Batalha de Minden, 1760 (Dawn Waring, 1993), fig. 34, pg. 71.
- Cerco de Kolberg no ano de 1761 (Alexander von Kotzebue (1815-1889), fig. 35, pg. 74.
- Batalha da Baía de Quiberon (Richard Wright, 1760), fig. 36, pg. 78.
- Conde de Schaumburg-Lippe (Johann Ziesenis, circa 1770), fig. 37, pg. 82.
- Parte ocidental da Nova França (Jacques Nicolas Bellin, 1755), fig. 38, pg. 85.
- Padre Marquette e os Índios no Rio Mississipi (Wilhelm Lamprecht, 1869), fig. 39, pg. 86.
- Frontenac com aliados índios (c. 1690), (Charles William Jefferys), fig. 40, pg. 86.

- Luís José de Montcalm, 1790, fig. 41, pg. 89.
- Forte Oswego (J. Walker, 1877), fig. 42, pg. 90.
- A vitória das tropas de Montcalm em Carillon, (Henry Alexander Ogden (1854-1936), fig. 43, pg. 91.
- Batalha das Planícies de Abraão. (Hervey Smith, 1797), fig. 44, pg. 94.
- Ataque britânico à cidadela de Martinica (Dominic Serres, 1762), fig. 45, pg. 97.
- Frota espanhola capturada em Havana (Dominic Serres, 1762), fig. 46, pg. 98.
- Robert Clive (Nathaniel Dance, circa 1773), fig. 47, pg. 100.
- Robert Clive na batalha de Plassey (Francis Hayman, 1762), fig. 48, pg. 101.
- Os Loucos Anos Vinte, fig. 49, pg. 106.
- Aspetos Estruturantes I, Fig. 50, pg. 111.
- Aspetos Estruturantes II, Fig. 51, pg. 108.
- Confronto de Culturas, Fig. 52, pg. 108.
- Batalha de Verdun, fig. 53, pg. 108.
- Tratado de Brest-Litovsk, fig. 54, pg. 110.
- Frente Doméstica, Fig. 55, pg. 110.
- Serviço Nacional, Fig. 56, pg. 111.
- Trabalhos Fabris, Fig. 57, pg. 112.
- Retorno da Guerra, Fig. 58, pg. 112..
- Celebração da Vitória, Fig. 59, pg. 113.
- Missão da América, Fig. 60, pg. 117.
- American Way of Life, Fig. 61, pg. 114.
- Espírito Vintista, Fig. 62, pg. 114.
- Espaços de Lazer, Fig. 63, pg. 115.
- Vida Noturna, Fig. 64, pg. 115.
- Mass Media, Fig. 65, pg. 116.
- Cinema, Fig. 66, pg. 116.
- Flapper, Fig. 67, pg. 117.
- Meios de Transporte, Fig. 68, pg. 117.
- Desportos, Fig 69, pg. 118.
- Novos Ritmos Musicais, Fig. 70, pg. 118.
- Feminismos, Fig. 71, pg. 119-121.
- Anos 20/60, Fig. 72, pg. 121.
- Moda Deco, Fig. 73, pg. 123.
- Traje Hippie, Fig. 74, pg. 123.
- Igualdade de Direitos, Fig. 75, pg. 124.
- Principais Ideias do Relativismo, Fig. 76, pg. 125.
- Descrença no Positivismo, Fig. 77, pg. 125.
- Novas Concepções Científicas, Fig. 78, pg. 126.
- Relativismo, Fig. 78, pg. 126.
- Freud, Fig. 79, pg. 128.
- Inconsciente, Fig. 80, pg. 128.
- Ego, Superego e Id, Fig. 81, pg. 129.
- Teoria da Personalidade, Fig. 82, pg. 129.
- Psicanálise e a Medicina, Fig. 83, pg. 130.
- Psicanálise e as Ciências Sociais, Fig. 84, pg. 130.
- Críticas à Psicanálise, Fig. 85, pg. 131.
- Nova concepção do ser humano, Fig 86, pg. 131.
- Psicologia Social, Fig. 87, pg. 132.
- Saúde Psíquica, Fig. 88, pg. 132.

- Teoria da Relatividade, Fig. 89, pg. 133.
- Positivismo/Relativismo, Fig. 90, pg. 133.
- Relativismo e a História, Fig. 91, pg. 134.
- Síntese do Relativismo Fig. 92, pg. 134.
- Símbolos de poder tradicionais I, Fig. 93, pg. 135.
- Símbolos de poder tradicionais II, Fig. 94, pg. 136.
- Símbolos de poder tradicionais III, Fig. 95, pg. 136.
- Símbolos de poder patriarcal, Fig. 96, pg. 137.
- Símbolos de poder patriarcal II, Fig. 97, pg. 137.
- Bácuo, Fig. 98, pg. 138.
- Símbolos de poder, Fig. 99, pg. 138.
- Modelo Psico-sexual freudiano, Fig. 100, pg. 139.
- Crítica à psicanálise, Fig. 101, pg. 139.
- Capitalismo Comercial, Fig. 102, pg. 140.
- Mercantilismo, Fig. 103, pg. 142.
- Feudalismo, Fig. 104, pg. 143.
- Urbe Medieval, Fig. 105, pg. 144.
- Cruzadas, Fig. 106, pg. 145.
- Mapa Cruzadas, Fig. 107, pg. 146.
- Saladino, Fig. 108, pg. 146.
- Descobrimentos, Fig. 109, pg. 147.
- Áreas de colonização, Fig. 110, pg. 147.
- Lisboa Seiscentista, Fig. 111, pg. 148.
- Ascensão da Burguesia, Fig. 112, pg. 148.
- Sociedade de Ordens, Fig. 113, pg. 149.
- Colonização europeia no início do século XVIII, Fig. 114, pg. 149.
- Capitalismo Comercial, Fig. 115, pg. 150.
- Batalha de Alcácer Quibir, Fig. 116, pg. 151.
- Derrota da Invencível Armada, Fig. 117, pg. 151.
- A Ascensão das Províncias Unidas, Fig. 118, pg. 152.
- As conquistas holandesas, Fig. 119, pg. 152.
- Porto de Amesterdão, Fig. 120, pg. 153.
- East India Company, Fig. 121, pg. 153.
- Porto Francês, Fig. 122, pg. 154.
- Comércio Triangular, Fig. 123, pg. 154.
- Tráfico Negreiro, Fig. 124, pg. 155.
- Mercantilismo, Fig. 125, pg. 156.
- Economia durante o Antigo Regime, Fig. 126, pg. 156.
- Definição de Mercantilismo I, Fig. 127, pg. 157.
- Definição de Mercantilismo II, Fig. 128, pg. 158.
- Definição e Mercantilismo III, Fig. 129, pg. 158.
- Balança Comercial, Fig. 130, pg. 161.
- Economia Mercantil, Fig. 131, pg. 162.
- Colbertismo, Fig. 132, pg. 162.
- Manufaturas Francesas, Fig. 133, pg. 163.
- Mercantilismo Inglês, Fig. 134, pg. 164.
- Guerras Anglo-Holandesas, Fig. 135, pg. 164.
- Equilíbrio europeu e disputa das áreas comerciais, Fig. 136, pg. 165.
- Guerra da Sucessão de Espanha, Fig. 137, pg. 165.
- Guerra dos Sete Anos, Fig. 138, pg. 166.

- Ditos Célebres, Fig. 139, pg. 167.
- Cartografia da Guerra dos Sete Anos, Fig. 140, pg. 167.
- William Pitt e Frederico II, Fig. 141, pg. 168.
- Luís XV e Maria Teresa, Fig. 142, pg. 168.
- Plano estratégico da Europa, Fig. 143, pg. 169.
- Plano estratégico da Prússia, Fig. 144, pg. 169.
- A Prússia e o seu exército, Fig. 145, pg. 170.
- Batalha de Rossbach, Fig. 146, pg. 170.
- Tática do ataque em diagonal, Fig. 147, pg. 171.
- Batalha de Leuthen, Fig. 148, pg. 172.
- Batalha de Kunersdorf I, Fig. 149, pg. 172.
- Batalha de Kunersdorf II, Fig. 150, pg. 173.
- Soberanos da Rússia, Fig. 151, pg. 173.
- Cartografia norte-americana, Fig. 152, pg. 174.
- Operações na América do Norte, Fig. 153, pg. 175.
- Ganhos territoriais britânicos no ocaso da Guerra Franco-Índia, Fig. 154, pg. 175.
- Robert Clive, Fig. 155, pg. 176.
- Ocupação britânica na Índia, Fig. 156, pg. 176.
- Síntese da Guerra dos Sete Anos, Fig. 157, pg. 177.
- Propaganda do poder do Eixo, Fig. 158, pg. 180.
- Irradiação dos Fascismos, Fig. 159, pg. 181.
- Origens do Fascismo, Fig. 160, pg. 181.
- Características Gerais dos Fascismos, Fig. 161, pg. 182.
- Vias de Difusão dos Fascismos, Fig. 162, pg. 182.
- Alianças entre as Potências Fascistas, Fig. 163, pg. 183.
- Eixo Roma-Berlim-Tóquio, Fig. 164, pg. 183.
- O Fascismo Italiano, Fig. 165, pg. 184.
- A Ditadura Militar em Portugal (1926-1932), Fig. 166, pg. 185.
- Portugal: O Estado Novo, Fig. 167, pg. 186.
- Assinatura do Tratado de Versalhes, Fig. 168, pg. 186.
- República de Weimar, Fig. 169, pg. 187.
- A Alemanha no pós-guerra, Fig. 170, pg. 188.
- A Alemanha no pós-guerra II, Fig. 171, pg. 188.
- A República de Weimar entre 1918-1924, Fig. 172, pg. 189.
- Os Anos Dourados da República de Weimar (1924-1929), Fig. 173, pg. 190.
- A Grande Depressão de 1929, Fig. 174, pg. 191.
- Os Efeitos da Grande Depressão na Alemanha, Fig. 175, pg. 191.
- A Ascensão do Nacional Socialismo, Fig. 176, pg. 192.
- Imperialismo Italiano, Fig. 177, pg. 193.
- A Alemanha e a política de anexações, Fig. 178, pg. 194.
- Acordo de Munique, Fig. 179, pg. 194.
- A Guerra Civil de Espanha, Fig. 180, pg. 195.
- Cartografia da Guerra Civil de Espanha, Fig. 181, pg. 196.
- Comparação dos blindados utilizados durante a Guerra, Fig. 182, pg. 196.
- A Legião Condor, Fig. 183, pg. 197.
- A Guerra Civil Espanhola (Síntese), Fig. 184, pg. 198.
- O Japão Imperial, Fig. 185, pg. 198.
- Fascismos, Fig. 186, pg. 200.
- Difusão dos Fascismos pelo mundo, Fig. 187, pg. 200.
- A Segunda Guerra Mundial, Fig. 188, pg. 201.

- 1ª Fase do Conflito (1939-1941), Fig. 189, pg. 202.
- 2ª Fase do Conflito (1942-1943), Fig. 190, pg. 202.
- 3ª Fase do Conflito (1944-1945), Fig. 191, pg. 203.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV – *Dicionário de pedagogia*, Henri Cormary (Dir.), Verbo, Lisboa, 1980.
- AFONSO, Maria Rosa - *Educação para a cidadania: guia de educação para a cidadania em contexto escolar*. Boas práticas (Ed.), Brasília, 2007.
- ALBEROLA ROMÁ, Armando – *Clima, naturaleza y desastre: España e Hispanoamérica durante la Edad Moderna*, PUV, Universitat València, 2014.
- ANDERSON, Fred – *Crucible of War: The Seven Year's War and the Fate of Empire in British North America, 1754-1766*, Vintage Books, Nova Iorque, 2001.
- AZEVEDO, J. Lúcio de – *O Marquês de Pombal e a sua época*, 2ª edição, Anuário do Brasil, Rio de Janeiro, 1922, p. 241.
- BARRENTO, António – *Guerra fantástica 1762: Portugal e o Conde de Lippe e a Guerra dos Sete Anos*, Tribuna da História, 2006.
- BLACK, Jeremy – *Pitt, the Elder*, Cambridge University Press, 1992.
- BLANNING, Tim – *Frederick the Great: King of Prussia*, Random House, Nova Iorque, 2016.
- BRENDON, Piers – *The Decline and Fall of the British Empire (1781-1997)*, Vintage Books, Londres, 2008.
- CANNY, Nicholas – *The Oxford History of the British Empire. British Overseas Enterprise to the Close of the Seventeenth*, Vol. 1, Oxford University Press, Oxford, 2001.
- CHARTRAND, Rene – *Louis XV's Army (2) French Infantry*, Osprey Military, Londres, 2011.
- CHARTRAND, Rene ; LELIEPVRE, Eugene – *Louis XV's Army (5) Colonial and Naval Troops*, Osprey Military, Londres, 1997.
- CHARTRAND, Rene ; LELIEPVRE, Eugene – *Louis XV's Army (1) Cavalry & Dragoons*, Osprey Publishing Limited, Londres, 1996.
- CORVESIER, André – *O Mundo Moderno*, Edições Ática, Lisboa, 1976.
- COUTO, Célia Pinto do ; ANTÓNIA, Maria ; ROSAS, Monterroso – *Um novo Tempo da História – História A – 11º Ano*, Porto Editora, Porto, 2019.
- DALTON, Charles – *George the First's Army 1714-1727*, Volume 1, Naval & Military Press, Nova Iorque, 2005.
- DANLEY, Mark – “The “Problem” of the Seven Year's War”, in *The Seven Year's War. Global Views*, Mark H. Danley & Patrick J. Speelman, Brill (Ed.), Boston, 2012, p. xxiii-lvii.
- DELON, Michael – *Encyclopedia of the Enlightenment*, Routledge, Nova Iorque, 2013.
- DEWEY, John – *My Pedagogic Creed*, E.L. Kellogg & Company, Nova Iorque, 1897.
- DEWEY, John – *The Child and the Curriculum*, University of Chicago Press, 1902.
- DEWEY, John – *The Democracy of Education*, Macmillan, Nova Iorque, 1916.
- DEWEY, John – *The School and the Society*, University of Chicago Press, 1899.
- DULL, Jonathan R. – *The French Navy and the Seven Year's War*, University of Nebraska, 2005.
- FORTES, Alexandra ; GOMES, Fátima Freintas ; FORTES, José – *Linhas da História 12 História A 12º Ano*, Areal Editores, 2019, Lisboa.
- FOWLER, William M. Jr. – *The French and Indian War and the Struggle for North America, 1754-1763*, Walker & Company, Nova Iorque, 2005.
- GODINHO, V. Magalhães – *Ensaio II*, Sá da Costa, Lisboa, 1978.
- GONZÁLEZ ENCISO, Agustín – “Mobilising Resources for War: Britain and Spain at Work During the Early Modern Period”, in *Eunsa*, Ediciones Universidad de Navarra, S. A., Espanha, 2006.

- GUNN, A.M. - *Encyclopedia of Disasters*, Westport, Connecticut: Greenwood Publishing Group, 2008.
- HAYTHORNTHWAIT, Philip ; YOUNGHUSBAND, Bill – *The Austrian Army 1740-1780 (I): Cavalry*, Osprey Publishing Ltd, Oxford, 1994.
- HOLMES, Vera Bronw – *Studies in the History of Spain in the Second Half of Eighteenth Century*, Vol. 15 & 16, The Dept. of history of Smith College, USA, 1929.
- JACKSON, Ashley – *The British Empire. A Very Short Introduction*, Oxford University Press, Oxford, 2013.
- KEEGAN, John – *A History of Warfare*, Random House, Londres, 1993.
- KONSTAM, Angus ; YOUNGHUSBAND, Bill – *Russian Army of the Seven Years War (I)*, Osprey Publishing Ltd, Londres, 1996.
- LAWRENCE, James – *The Rise and Fall of the British Empire*, St. Martin's Griffin, Nova Iorque, 1994.
- LIVERMORE, H. V. – *A New History of Portugal*, 1966, Cambridge University Press, Cambridge, p. 232.
- LYNCH, John – *Bourbon Spain, 1700-1808*, Oxford, 1989.
- MARLEY, David F. – *Wars of the Americas. A Chronology of Armed Conflict in the New World, 1492 to the Present*, Oxford, 1998.
- MARQUES, R. - *Modelos Pedagógicos Atuais*, Plátano-Edições Técnicas, Lisboa, 1999.
- MARSHALL, P. J.
 - “The British Empire at the End of the Eighteenth Century”, in *The Illustrated History of the British Empire*, P. J. Marshall (Ed.), Cambridge University Press, Cambridge, 1996.
- MARSTON, Daniel – *The Seven Year's War*, Osprey Publishing Limited, Londres, 2001.
- McLYNN, Frank – *1759: The Year Britain Became Master of the World*, Grove Press, New York, 2004.
- MONROE, P. – *História da Educação*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1976.
- MOREIRA, M. – *Teorias de Aprendizagem*, Diversos, São Paulo, 1999.
- NARAVANE, M. S. – *Battles of the Honourable East India Company*, A.P.H. Publishing Corporation, Nova Delhi, 2006.
- PADGEN, Anthony – *Peoples and Empires. A short History of European Migration, Exploration, and Conquest, from Greece to the Present*, Random House Publishing Group, Nova Iorque, 2007.
- PACK, S. W. C. – *Sea Power in the Mediterranean: A Study of the Struggle for Sea Power in the Mediterranean from the Seventeenth Century to the Present Day*, Arthur Barker Limited, 1971.
- PEREIRA, Alvaro S. – “The Opportunity of a Disaster: The Economic Impact of the 1755 Lisbon Earthquake”, in *The Journal of Economic History*, nº 69, p. 466-499.
- PILLORET, Suzanne – *Apogeu e Declínio das Sociedades de Ordens (1610-1787)*, Vol. 9, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1981.
- RALEIGH, Donald & ISKENDEROV, A. A – *The Emperors and Empresses of Russia: Rediscovering the Romanovs*, M. E. Sharpe, Nova Iorque, 1996, p. 127.
- REID, Stuart ; CHAPPELL, Paul – *King George's Army 1740-93: (I) Infantry*, Men-at-Arms Series, nº 285, Osprey, Londres, 1995.
- ROGERS, Carl - *Client-Centered Therapy: Its Current Practice, Implications and Theory*. Constable, Londres, 1951.

- SANTIAGO, Mark – *The Red Captain: The Life of Hugo O’Conor, Commandant Inspector of the Interior Provinces of New Spain*, Arizona Historical Society, 1994.
- SCHWEIZER, Karl W. – *England, Prussia and the Seven Years War. Studies in Alliance Policies and Diplomacy*, The Edwin Mellen Press, Lampeter, 1989.
- SEATON, Albert – *Frederick the Great’s Army*, Osprey Publishing Limited, Oxford, 1973.
- SIDERI, Sandro – “Comércio e poder”, in *História de Portugal*, (Dir. José Mattoso), Lisboa, 1963.
- SIMMS, Brendan – *Three Victories and a Defeat: The Rise and Fall of the First British Empire, 1714-1783*, Penguin Books Limited, Londres, 2007.
- SZABO, Franz A. J. – *The Seven Years War in Europe: 1756-1763*, Routledge, Nova Iorque, 2013.
- THORN, Brian ; SANDERS, Pete – *Carl Rogers*, Sage Publications, 3ª ed., 2012.
- TRACY, Nicholas – *Manila Ransomed: The British Assault on Manila in the Seven Years War*, University of Exeter Press, 1995.
- WESTBROOK, Robert B. – “John Dewey and American Democracy”, in *The American Historical Review*, Vol. 97, Nº 3, Oxford University Press, 1992, p. 919-20.
- WINDROW, Martin ; MASON, Francis K. – *The Wordsworth Dictionary of Military Biography*, Wordsworth Reference, Wordsworth Edition Ltd, 1997, Londres.